



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA**  
**INSTITUTO DE HUMANIDADES, ARTES E CIÊNCIAS PROFESSOR**  
**MILTON SANTOS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO ESTUDOS INTERDISCIPLINARES SOBRE A**  
**UNIVERSIDADE**

**Desempenho acadêmico no curso de Medicina da Universidade**  
**Federal da Bahia: um comparativo entre estudantes oriundos do**  
**Bacharelado Interdisciplinar e do Vestibular**

Carla Cristina Andrade de Araújo

Orientadora: Profa. Dra. Georgina Gonçalves dos Santos  
Co-orientadora: Profa. Dra. Sônia Maria Rocha Sampaio

**SALVADOR**  
**2019**



**CARLA CRISTINA ANDRADE DE ARAÚJO**

**Desempenho acadêmico no curso de Medicina da Universidade  
Federal da Bahia: um comparativo entre estudantes oriundos do  
Bacharelado Interdisciplinar e do Vestibular**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação Estudos Interdisciplinares Sobre a Universidade da Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Estudos Interdisciplinares sobre a Universidade.

Orientadora: Profa. Dra. Georgina Gonçalves dos Santos (UFBA)  
Co-orientadora: Profa. Dra. Sônia Maria Rocha Sampaio (UFBA)

**Salvador  
2019**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

A663d Araújo, Carla Cristina Andrade de  
Desempenho acadêmico no curso de Medicina da Universidade Federal da Bahia: um comparativo entre estudantes oriundos do Bacharelado Interdisciplinar e do vestibular / Carla Cristina Andrade de Araújo. – Salvador, 2019.  
102f. : il. ; 30 cm.

Orientadora: Profa. Dra. Georgina Gonçalves dos Santos.  
Coorientadora: Profa. Dra. Sônia Maria Rocha Sampaio.  
Dissertação (mestrado) - Programa de Pós-graduação Estudos Interdisciplinares sobre a Universidade, Universidade Federal da Bahia, 2019.

1. Bacharelado Interdisciplinar em Saúde. 2. Estudantes universitários - Saúde. 3. Universidades e faculdades - Vestibular. 4. Universidade Federal da Bahia. Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos. I. Universidade Federal da Bahia. Programa de Pós-graduação Estudos Interdisciplinares sobre a Universidade. II. Título. III. Título: Um comparativo entre estudantes oriundos do Bacharelado Interdisciplinar e do Vestibular.

CDU: 378:61(813.8)

Elaboração: Fábio Andrade Gomes - CRB-5/1513

CARLA CRISTINA ANDRADE DE ARAÚJO

**DESEMPENHO ACADÊMICO NO CURSO DE MEDICINA DA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA: UM COMPARATIVO  
ENTRE ESTUDANTES ORIUNDOS DO BACHARELADO  
INTERDISCIPLINAR E DO VESTIBULAR**

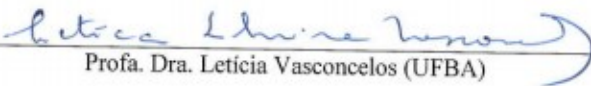
Dissertação apresentada como requisito para obtenção do grau de Mestre em Estudos Interdisciplinares sobre a Universidade, do Instituto de Humanidades, Artes e Ciências da Universidade Federal da Bahia.

Aprovado em 05 de dezembro de 2019.

**Banca examinadora**



Prof. Dra. Ana Maria Rico (UFBA)



Prof. Dra. Leticia Vasconcelos (UFBA)



Prof. Dra. Vanessa Prado dos Santos Alvarez (UFBA)



Este trabalho é dedicado aos meus pais, José Araújo  
e Neuma, que sempre me estimularam  
a valorizar os estudos.

À Josian, companheiro de todas as horas, e à minha  
filha Letícia, que me ensinam a cada dia  
o que é o amor.





## AGRADECIMENTOS

À Deus pelas constantes manifestações de força e persistência recebidas ao longo dessa trajetória, fazendo com que eu não desistisse de vencer essa etapa.

Ao Programa de Pós-Graduação Estudos Interdisciplinares sobre a Universidade, que me acolheu entre seus discentes, proporcionando mudanças através da educação.

À Professora Georgina Gonçalves minha orientadora, pelo acolhimento e condução no mundo da pesquisa.

À Professora Sônia Sampaio pela orientação competente, compreensiva e generosa. Pela disponibilidade em me acolher e mostrar os caminhos nessa jornada.

À Victor Duran, com seu talento, me ajudando a fazer os testes estatísticos.

Às minhas amigas especiais Aninha e Cora que me acompanharam desde o início como maiores incentivadoras, não me deixando desistir nos momentos mais difíceis. Aninha com sua força, generosidade e poder de interpretação, muitas vezes superando seus problemas pessoais para me ajudar nessa jornada e Cora com suas habilidades estatísticas e praticidade que muito me ajudou para conseguir concluir essa pesquisa. Sem elas não teria conseguido.

À Cleidson, que sempre me incentivou a crescer profissionalmente me dando desafios e estimulando na conclusão desse mestrado.

À Nícia que teve compreensão, me ajudando em momentos mais agitados para executar tarefas dos nossos projetos.

Agradeço aos meus amigos da Superintendência da Tecnologia da Informação, em especial o grupo do SIGRH (Sistema Integrado de Recursos Humanos), pelo apoio durante esta jornada, permitindo que eu me afastasse para a escrita da dissertação mesmo em um momento difícil de implantação de um novo sistema na universidade.

À Edlane, pessoa sensível, calma e dedicada, que mostrou ser muito competente e capaz de executar o trabalho de Gerente do SIGRH de maneira exemplar, num momento difícil em nosso projeto.

A André Andrade e Igor Assis, pela disponibilidade em atender minhas solicitações e tirarem minhas dúvidas sobre os Sistemas de Concurso e Acadêmico.

À minha família, a cada um, meu muito obrigada, pois vocês também contribuíram com este trabalho.

Aos meus pais, Zezito e Neuma, pelas orações e incentivo para sempre seguir em frente e por sempre me estimularem a estudar, pelo apoio a qualquer hora, por seu exemplo de vida e pelo amor.

À minha colaboradora do lar, Joana, que cuidou com amor e cuidado da minha filha ajudando a manter a tranquilidade e a organização da casa.

Agradeço, de forma especial, ao meu companheiro Josian, pela paciência, amor, incentivo, companheirismo e dedicação. Agradeço por me apoiar e incentivar a crescer sempre.

E, finalmente à minha filha Letícia, razão da minha vida, que foi compreensiva nesse momento em que precisei de concentração na escrita desse trabalho, meu muito obrigada

“... Você não sabe o quanto eu caminhei  
Pra chegar até aqui  
Percorri milhas e milhas antes de dormir  
Eu não cochilei  
Os mais belos montes escalei  
Nas noites escuras de frio chorei, ei, ei  
ei ei ei...uu.

A Vida ensina e o tempo traz o tom  
Pra nascer uma canção

Com a fé o dia-a-dia  
Encontrar solução  
encontrar solução...”

A Estrada  
*Toni Garrido*



Araújo, Carla Cristina Andrade de. Desempenho acadêmico no curso de Medicina da Universidade Federal da Bahia: um comparativo entre estudantes oriundos do Bacharelado Interdisciplinar e do Vestibular. 101 p. il. 2019. Dissertação (Mestrado em Estudos Interdisciplinares Sobre a Universidade) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019.

## RESUMO

Esta dissertação traz informações sobre o perfil e desempenho de estudantes que ingressaram, em 2012, no curso mais concorrido da Universidade Federal da Bahia (UFBA), após a reserva de 20% das vagas de todos os cursos de graduação da UFBA para os estudantes egressos dos Bacharelados Interdisciplinares (BI). O BI é uma nova modalidade de curso de graduação implantada na instituição no ano de 2009, que promoveu uma mudança significativa na estrutura curricular da universidade, devido a sua proposta formativa interdisciplinar, flexível e mais abrangente que valoriza a autonomia dos estudantes na sua formação. A reserva de vagas para os estudantes que concluíram o Bacharelado interdisciplinar nos cursos de maior demanda e, conseqüentemente, mais concorridos trouxe à tona a antiga discussão da meritocracia, qualidade e excelência do ensino e o questionamento em relação à diferença de desempenho dos estudantes egressos do BI em um curso de alto prestígio como é o caso do curso de Medicina. O objetivo desta pesquisa foi verificar se há diferença de desempenho acadêmico e de características socioeconômicas entre os alunos do curso de Medicina da Universidade Federal da Bahia ingressantes em 2012, em função das duas formas de ingresso – BI e Vestibular. Os alunos foram classificados em dois grupos distintos de acordo com a sua forma de ingresso: oriundos dos processos seletivos Vestibular e Egressos do Bacharelado Interdisciplinar. Foram considerados 162 estudantes, sendo 130 ingressos pelo vestibular e 32 egressos do Bacharelado Interdisciplinar. A partir da análise dos dados referentes ao perfil dos estudantes foram encontradas diferenças nas variáveis de sexo, idade, ano de conclusão do ensino médio e formação escolar do pai, porém essas diferenças encontradas são justificadas pela tendência atual em outras universidades, pela predominância de mulheres no BI, ou apenas pelo fato dos estudantes do BI já terem cursado 3 anos de curso, influenciando em variáveis como o tempo de conclusão do ensino médio e idade de ingresso no curso de Medicina. Baseado no estudo do desempenho acadêmico dos estudantes, foram verificadas algumas diferenças significantes quando combinadas a forma de ingressos com algumas variáveis, sendo consideradas positivas em todas elas para os estudantes ingressantes pelo vestibular. Quando aplicados os testes apenas por forma de ingresso, essa diferença positiva para o grupo do vestibular se confirmou com média de 7,797 e os ingressos pelo BI apresentaram média do CR igual a 7,331. Foi possível determinar também que as maiores médias foram encontradas, nesta pesquisa, entre os pardos de escola particular, do sexo feminino e com renda familiar maior que 40 salários mínimos. Essa pesquisa é de grande importância para o melhor conhecimento do perfil e desempenho dos estudantes visando a melhoria contínua na definição do processo de ensino-aprendizagem além da continuidade dos investimentos nas políticas públicas de acesso e permanência dos estudantes ao ensino superior.

**Palavras Chaves:** Bacharelado Interdisciplinar. Curso de Medicina. Universidade Federal da Bahia. Desempenho acadêmico. Vestibular.



Araújo, Carla Cristina Andrade de. Desempenho acadêmico no curso de Medicina da Universidade Federal da Bahia: um comparativo entre estudantes oriundos do Bacharelado Interdisciplinar e do Vestibular. 101 p. il. 2019. Dissertação (Mestrado em Estudos Interdisciplinares Sobre a Universidade) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019.

### ABSTRACT

This dissertation provides information about the profile and performance of students who entered in the most popular course at the Federal University of Bahia (UFBA), in 2012, after reserving 20% of the vacancies of all UFBA undergraduate courses for graduating students of Interdisciplinary Bachelor Degrees (BI). BI is a new modality of undergraduate course implemented in the institution in 2009, which promoted a significant change in the curricular structure of the university, due to its interdisciplinary, flexible and broader formative proposal that values the autonomy of students in their education. Reserving vacancies for students who have completed interdisciplinary Bachelor degrees in the most demanding and, consequently, the most sought after courses has brought to light the old discussion of meritocracy, quality and excellence of teaching and the questioning regarding the difference in performance of students graduating from the university BI in a course of high prestige as is the case of the medical course. The objective of this research was to verify if there is a difference of academic performance and socioeconomic characteristics among the students of the Medical School of the Federal University of Bahia who joined in 2012. The students were classified in two distinct groups according to their form of admission: coming from the entrance exam selection processes and graduates of the Interdisciplinary Bachelor. One hundred and sixty-two students were considered, of which 130 were admitted through college entrance exams and 32 were graduates from the Interdisciplinary Bachelor. From the analysis of the data related to the student profile, differences were found in the variables of gender, age, year of high school completion and father's educational background, but these differences are justified by the current trend in other universities, by the predominance of women in BI courses, or just because BI students have already attended 3 years of higher education, influencing variables such as the time of completion of high school and age of entry into medical school. Based on the study of the students' academic performance, some significant differences were verified when the form of admission with some variables was combined, being considered positive in all of them to the group of students admitted through the entrance exam. When applying the tests considering only the form of admission, this positive difference for the entrance exam group was confirmed with an average CR of 7.797 while the BI admission students presented an average CR equal to 7.331. It was also possible to determine that the highest averages were found, in this research, among private school, with tanned complexion, female and with family income greater than 40 minimum wages.

**Keywords:** Interdisciplinary Bachelor. Medicine course. Federal university of Bahia. Academic performance.





## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Produto Interno Bruto (PIB), em bilhões de US\$, 2016.....	39
Tabela 2 – Relação candidato-vaga do curso de Medicina por universidade no período, 2009 a 2013, no Brasil .....	42
Tabela 3 – Número de Matrículas e Concluintes em Cursos de Graduação, no Brasil - Presenciais e a Distância, segundo a Categoria Administrativa das IES – 2015 e 2018. ....	48
Tabela 4 – Percentual dos estudantes do BI e Vestibular do curso de medicina da UFBA ingressantes em 2012 por número de vezes que prestaram vestibular na UFBA.....	66
Tabela 5 – Percentual dos estudantes do BI e Vestibular por Grau de Instrução da mãe no Curso de Medicina da UFBA, ingressantes em 2012.....	67
Tabela 6 – Percentual dos estudantes do BI e Vestibular por Nível de Instrução do pai no Curso de Medicina da UFBA, ingressantes em 2012.....	68
Tabela 7 – Média dos coeficientes de rendimento dos estudantes do curso de Medicina da UFBA, ingressantes em 2012, por forma de ingresso, sexo e origem escolar.....	76
Tabela 8 – Média dos coeficientes e rendimento dos estudantes do curso de Medicina da UFBA, ingressantes em 2012, por forma de ingresso, sexo e etnia.....	77
Tabela 9 – Média dos coeficientes e rendimento dos estudantes do curso de Medicina da UFBA, ingressantes em 2012, por forma de ingresso, faixa etária e origem escolar.....	79
Tabela 10 – Média dos coeficientes e rendimento dos estudantes do curso de Medicina da UFBA, ingressantes em 2012, por forma de ingresso, renda familiar e etnia.....	84
Tabela 11 – Média dos coeficientes e rendimento dos estudantes do curso de Medicina da UFBA, ingressantes em 2012, por forma de ingresso, renda familiar e origem escolar.....	84

Tabela 12 – Médias de Coeficientes de Rendimento por semestre dos grupos egressos do BI e Vestibular, ingressantes em 2012.....	88
---	----

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Matriculados com renda familiar mensal de mais de 10 salários mínimos, no Brasil - (3º ciclo do Enade).....	41
Gráfico 2 - Relação candidato-vaga dos cinco cursos mais demandados no período, UFBA, 2009-2013. ....	43
Gráfico 3 - Estudantes de graduação que cursaram o ensino Médio Público, dados dos três ciclos do Enade (%)......	44
Gráfico 4 - Percentual dos estudantes do Curso de Medicina da UFBA, ingressantes em 2012, por forma de ingresso e sexo. ....	59
Gráfico 5 - Percentual dos estudantes do Curso de Medicina da UFBA, ingressantes em 2012, por forma de ingresso e faixa etária. ....	60
Gráfico 6 - Percentual dos estudantes do Curso de Medicina da UFBA, ingressantes em 2012, por forma de ingresso e etnia/cor/raça. ....	61
Gráfico 7 - Percentual dos estudantes do Curso de Medicina da UFBA, ingressantes em 2012, por forma de ingresso e origem escolar. ....	62
Gráfico 8 - Percentual dos estudantes do Curso de Medicina da UFBA, ingressantes em 2012, por forma de ingresso e origem escolar do ensino médio. ....	63
Gráfico 9 - Percentual dos estudantes do Curso de Medicina da UFBA, ingressantes em 2012, por forma de ingresso e cota de ingresso. ....	64
Gráfico 10 - Percentual dos estudantes do Curso de Medicina da UFBA, ingressantes em 2012, por forma de ingresso e tempo de conclusão do ensino médio.....	64

Gráfico 11 - Percentual dos estudantes do Curso de Medicina da UFBA, ingressantes em 2012, por forma de ingresso e curso preparatório para o vestibular.....	65
Gráfico 12 - Percentual dos estudantes do Curso de Medicina da UFBA, ingressantes em 2012, por forma de ingresso e local de residência.....	67
Gráfico 13 - Percentual dos estudantes do Curso de Medicina da UFBA, ingressantes em 2012, por forma de ingresso e renda familiar.....	69
Gráfico 14 – Média dos coeficientes de rendimento dos estudantes do curso de Medicina da UFBA, ingressantes em 2012, por forma de ingresso e estado civil.....	72
Gráfico 15 - Média dos coeficientes de rendimento dos estudantes do curso de Medicina da UFBA, ingressantes em 2012, por forma de ingresso e número de vestibulares na UFBA....	73
Gráfico 16 - Média dos coeficientes de rendimento dos estudantes do curso de Medicina da UFBA, ingressantes em 2012, por forma de ingresso e sexo.....	74
Gráfico 17 - Média dos coeficientes de rendimento dos estudantes do curso de Medicina da UFBA, ingressantes em 2012, por forma de ingresso e origem escolar.....	75
Gráfico 18 - Média dos coeficientes de rendimento dos estudantes do curso de Medicina da UFBA, ingressantes em 2012, por forma de ingresso e etnia.....	77
Gráfico 19 - Média dos coeficientes de rendimento dos estudantes do curso de Medicina da UFBA, ingressantes em 2012, por forma de ingresso e faixa etária.....	78
Gráfico 20 - Média dos coeficientes de rendimento dos estudantes do curso de Medicina da UFBA, ingressantes em 2012, por forma de ingresso e renda total familiar.....	80
Gráfico 21 - Média dos coeficientes de rendimento dos estudantes do curso de Medicina da UFBA, ingressantes em 2012, por forma de ingresso e cota.....	81

Gráfico 22 - Média dos coeficientes de rendimento dos estudantes do curso de Medicina da UFBA, ingressantes em 2012, por forma de ingresso e cotista.....	82
Gráfico 23 - Média dos coeficientes de rendimento dos estudantes do curso de Medicina da UFBA, ingressantes em 2012, por forma de ingresso, renda familiar e cotista.....	83
Gráfico 24 - Distribuição de CR dos estudantes do curso de Medicina da UFBA, ingressantes em 2012, por forma de ingresso.....	86
Gráfico 25 - Distribuição de CR dos estudantes do curso de Medicina da UFBA, ingressantes em 2012, por Cota.....	87
Gráfico 26 - Médias de CR dos estudantes do curso de Medicina da UFBA, ingressantes em 2012, por semestre e forma de ingresso.....	88
Gráfico 27 - Distribuição de CR dos estudantes do curso de Medicina da UFBA, ingressantes em 2012, por semestre e cotas.....	89
Gráfico 28 - Médias de CR dos estudantes do curso de Medicina da UFBA, ingressantes em 2012, por semestre e cota.....	90



## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Perfil dos estudantes ingressantes no BI Saúde 2010-2013.....	38
Quadro 2 – Variáveis do questionário socioeconômico, UFBA, 2009 e 2012, utilizados no perfil.....	56
Quadro 3 – Características dos ingressantes em Medicina da UFBA, no ano de 2012.....	57
Quadro 4 – Características dos ingressantes em Medicina da UFBA, no ano de 2012, que apresentaram maiores médias no desempenho acadêmico.....	71





## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ANDIFES	Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior
BI	Bacharelado Interdisciplinar
BIS	Bacharelado Interdisciplinar em Saúde
CAE	Conselho Acadêmico de Ensino
CH	Carga Horária total dos componentes matriculados
CONSEPE	Conselho Superior de Ensino, Pesquisa e Extensão
CONSUNI	Conselho Universitário
CPL	Cursos de Progressão Linear
CR	Coeficiente de Rendimento
CREMESP	Conselho Regional de Medicina de São Paulo
CST	
DCE	Diretório Central Estudantil
ENADE	Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
FUVEST	Fundação Universitária para o Vestibular
IES	Instituição de Ensino Superior
IFES	Instituições Federais de Ensino Superior
IHAC	Instituto de Humanidades, Artes e Ciências
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
IPRI	Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais
MEC	Ministério da Educação e Cultura
PCH	Notas multiplicadas pelas cargas horárias dos componentes curriculares
PIB	Produto Interno Bruto
PROGRAD	Pró-Reitoria de Graduação
QSE	Questionário Socioeconômico
REUNI	Reestruturação e Expansão das Universidades Federais Brasileiras
SIAC	Sistema Acadêmico
SINAES	Sistema Nacional de Avaliação do Ensino Superior
SISCON	Sistema de Concursos
SISU	Sistema de Seleção Unificada

SSOA	Serviço de Seleção, Orientação e Avaliação
UDF	Universidade do Distrito Federal
UERN	Universidade Estadual do Rio Grande do Norte
UESC	Universidade Estadual de Santa Cruz
UFABC	Universidade Federal do ABC
UFAC	Universidade Federal do Acre
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UFMG	Universidade Federal de Campina Grande
UFERSA	Universidade Federal Rural do Semiárido
UFES	Universidade Federal do Espírito Santo
UFJF	Universidade Federal de Juiz de Fora
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFOPA	Universidade Federal do Oeste do Pará
UFRB	Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UFRN	Universidade Federal do Rio Grande do Norte
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UFSJ	Universidade Federal de São João Del-Rei
UFV	Universidade Federal de Viçosa
UFVJM	Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
UNB	Universidade de Brasília
UNICAMP	Universidade de Campinas
UNIFAL	Universidade Federal de Alfenas
UNIPAMPA	Universidade Federal do Pampa
USP	Universidade de São Paulo

## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	28
2 O ENSINO SUPERIOR NO BRASIL E O BACHARELADO INTERDISCIPLINAR.....	32
3 DESIGUALDADES E PRIVILÉGIOS NAS UNIVERSIDADES.....	39
4 FATORES QUE INFLUENCIAM NO DESEMPENHO ACADÊMICO.....	47
5 ASPECTOS METODOLÓGICOS.....	52
5.1 UNIVERSO DA PESQUISA.....	53
5.2 COEFICIENTE DE RENDIMENTO.....	53
5.3 QUESTIONÁRIO SOCIOECONOMICO.....	54
6 PERFIL SOCIOECONÔMICO DOS ESTUDANTES INGRESSANTES EM MEDICINA EM 2012.....	57
7 ANÁLISE DO DESEMPENHO DOS ESTUDANTES DE MEDICINA DE 2012.....	70
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	92
REFERÊNCIAS.....	95

## 1 INTRODUÇÃO

A aprovação em um curso de ensino superior de grande demanda exige do estudante, via de regra, um alto padrão de desempenho escolar nos níveis precedentes de ensino. Essa população de estudantes bem-sucedidos nesses processos seletivos é aquela oriunda de famílias que possuem boa condição socioeconômica e educacional. Esta relação, entre outras, vai definir o ensino superior brasileiro como um privilégio das elites.

O ensino superior chegou ao Brasil com os jesuítas, que ofertavam cursos de formação superior em teologia. Outros cursos voltados à formação militar vão sendo criados, mas, apenas em 1808, com a vinda da Família Real para o Brasil, surgem os primeiros cursos superiores para oferecer ensino de caráter profissional em áreas do conhecimento como Medicina, Engenharia, Direito e Agronomia. Entretanto, as estruturas universitárias, propriamente ditas, só serão criadas com a República.

Em 1946, surge a Universidade Federal da Bahia (UFBA), pelo agrupamento das Faculdades já existentes na época, atualmente, oferecendo mais de 100 cursos de graduação entre bacharelados e licenciaturas distribuídos nos *campi* de Salvador, Vitória da Conquista e Camaçari (BRASIL, 2019).

Nas últimas duas décadas, foi planejada pelo Governo Federal a ampliação do sistema de ensino superior público brasileiro através do aumento da oferta de vagas, da criação de cursos noturnos, da criação e interiorização de novas instituições e da implantação de novos *campi*. Essa iniciativa tornou possível que um maior número de indivíduos prosseguisse em sua formação educacional, aumentando significativamente o número de matrículas nesse nível de ensino.

Segundo dados do Censo da Educação Superior (INEP, 2016), observa-se um aumento de 62,8% no número de matrículas na educação superior brasileira entre os anos de 2006 e 2016, apresentando uma média anual de 5% de crescimento. Este crescimento é decorrente do Programa de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais Brasileiras (REUNI<sup>1</sup>) do Ministério de Educação (MEC), criado em 2007, que incentivou as instituições a, além da ampliação de vagas e criação de cursos presenciais noturnos, modificarem a arquitetura acadêmica dos seus cursos, abrindo possibilidades para formatos inovadores. Segundo o

---

<sup>1</sup> O REUNI foi um programa de ampliação física e reestruturação pedagógica do sistema federal de educação superior, lançado pelo MEC como parte do Plano de Desenvolvimento da Educação. Foi concebido para duplicar a oferta de vagas públicas no ensino superior e instituído pelo Decreto nº 6.096, de 24 de abril de 2007.

portal do MEC (16/12/2009), no primeiro ano do REUNI, foram criadas aproximadamente 15 mil novas vagas em cursos de graduação presenciais, 180 novos cursos de graduação e foram implantados 104 novos *campi* (BRASIL, 2009).

Formalizando sua adesão ao Programa REUNI, a UFBA apresenta, em 2006, ao Conselho Superior de Ensino, Pesquisa e Extensão (CONSEPE) e ao Conselho Universitário (CONSUNI), o projeto Universidade Nova<sup>2</sup>, que tinha como objetivo central propor uma mudança na estrutura acadêmica da universidade, um desenho curricular interdisciplinar, flexível e abrangente, com a implantação do regime de três ciclos articulados de educação superior. O Primeiro Ciclo correspondia aos Bacharelados Interdisciplinares (BI), propiciando uma formação universitária geral e pré-requisito para progressão aos ciclos seguintes; o Segundo Ciclo, equivalente à formação profissional em licenciaturas e carreiras específicas; e, por fim, o Terceiro Ciclo, que cuidaria da Formação acadêmica, científica ou artística de pós-graduação (SANTOS; ALMEIDA FILHO, 2008).

O modelo previsto pelo projeto Universidade Nova não foi implantado na UFBA conforme sua proposta inicial, o que permitiu a coexistência de dois tipos diferentes de formação, abrindo a possibilidade de conflitos, comparações e discriminação entre os estudantes (LIMA et al., 2015). Mazoni, Custódio e Sampaio (2011) relatam que os estudantes do BI sofriam críticas e preconceito de professores e colegas, pois o novo modelo de curso não obedece à lógica profissionalizante que predomina na universidade brasileira.

Dessa forma, estudar o perfil socioeconômico e o desempenho dos estudantes egressos dos BI e, eventualmente, compará-los aos de estudantes inscritos em cursos de Progressão Linear (CPL)<sup>3</sup> é de grande relevância, por permitir um maior entendimento sobre quem são esses estudantes e que resultados acadêmicos obtêm quando seguem um curso profissionalizante. O perfil socioeconômico permite a construção de indicadores que podem ser úteis para balizar a formulação de políticas de equidade, acesso e assistência estudantil, auxiliando a tomada de decisões, melhorias nos cursos e na definição de novas políticas curriculares.

---

<sup>2</sup> Projeto implantado na UFBA em 2008 que visava a reformulação radical na estrutura curricular de toda a universidade, com a implantação do regime de ciclos, sendo o Bacharelado Interdisciplinar (BI) o primeiro ciclo. O projeto não foi implantado como planejado inicialmente, provocando a criação de uma unidade acadêmica para concentração dos BI (IHAC – Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos), que passaram a conviver com os cursos de formação profissionalizantes já existentes anteriormente. Os estudantes oriundos do BI podem pleitear uma vaga nos cursos profissionalizantes (segundo ciclo) através de um concurso interno ou partir para a pós-graduação (terceiro ciclo) (ALMEIDA FILHO, 2007).

<sup>3</sup> Cursos em que os estudantes realizam sua formação acadêmica num único percurso curricular até a obtenção do diploma (UFBA, 2008).

Freitas (2005) afirma que conhecer o perfil do estudante contribui para a formulação de políticas e programas de gestão e para pensar a concepção de currículos para sua formação. Também é necessário conhecer as condições de vida dos discentes para desenvolver ações e estratégias de assistência estudantil.

Analisar o desempenho dos estudantes é, também, uma forma de avaliar a qualidade de um curso, faculdade, instituto ou universidade. Para que a atuação de um estudante seja analisada, é necessário considerar as diferentes variáveis que influenciam o seu bom desempenho.

O ano de 2012 foi escolhido como período a ser estudado nesta pesquisa por ser o primeiro ano de implantação do concurso de Egressos do BI para o CPL, o que definiu, então, uma dupla forma de entrada no curso de Medicina da UFBA: o concurso para egressos do BI e o concurso vestibular. Em decorrência deste cenário, esse estudo foi realizado organizando os estudantes em dois grupos de acordo com a sua forma de entrada no curso.

Outro ponto importante que analisamos foi o perfil dos dois grupos, destacando suas características socioeconômicas e sua vida escolar e acadêmica para identificar aspectos que demonstrem as diferenças e similaridades destes grupos de estudantes. Tivemos como motivação contribuir no processo de desmistificação dos eventuais preconceitos de estudantes do curso de Medicina da UFBA ingressantes pelo vestibular sobre seus colegas egressos dos BI.

Este estudo, de caráter descritivo e exploratório, compara e analisa o desempenho acadêmico desses dois grupos de estudantes. Seu desenho é o de uma pesquisa quantitativa, que parte da construção de uma base de dados com as informações coletadas em sistemas corporativos da UFBA: o Sistema Acadêmico (SIAC), o Sistema de Concursos (SISCON) e o Questionário Socioeconômico.

Além dessa introdução, essa dissertação foi estruturada em mais 7 capítulos. O capítulo 2 traz um pouco da história da UFBA, a criação do BI, a sua importância no cenário atual e sua implantação no Brasil e na UFBA, por meio do projeto Universidade Nova, elaborado e apresentado por Naomar de Almeida Filho, ex-reitor da UFBA. Este capítulo descreve também como aconteceu a transição entre a primeira turma de egressos do BI para o curso de medicina e as dificuldades encontradas.

São relatadas, no capítulo 3, as desigualdades que atravessam a sociedade brasileira e como elas são reproduzidas no ensino superior com base no ideal meritocrático que mantém essas desigualdades e reproduz privilégios, o que é percebido especialmente em cursos de alta

demanda como o curso de Medicina, um dos que apresenta as maiores concorrências nas universidades brasileiras.

O capítulo 4 apresenta os fatores que influenciam na análise do desempenho acadêmico dos estudantes e as formas de avaliação realizadas nas universidades e pelo Ministério da Educação para determinar o desempenho dos estudantes do ensino superior.

O capítulo 5 descreve a metodologia utilizada para o desenvolvimento desse trabalho, abordando como foram coletados, selecionados e analisados os dados produzidos para alcançar o objetivo proposto. Este capítulo contém o universo utilizado na pesquisa e a justificativa para a sua escolha, dados sobre o questionário socioeconômico utilizado para a composição do banco de dados e informações sobre o coeficiente de rendimento utilizado como forma de avaliação na UFBA.

Admitindo que o conhecimento das características dos estudantes constitui um dos pontos fundamentais, tanto para a análise quanto para a reformulação de qualquer sistema de ensino, o capítulo 6 descreve o perfil socioeconômico dos estudantes do curso de Medicina da UFBA ingressantes no ano de 2012, sendo consideradas diversas variáveis, como categoria de cota de ingresso do estudante, idade, sexo, origem escolar, dentre outras. Neste capítulo, é realizado um comparativo entre os perfis socioeconômicos dos estudantes oriundos do BI e do Vestibular.

O capítulo 7 compara o desempenho dos estudantes ingressantes em 2012 no curso de Medicina analisando as médias através de testes estatísticos para verificar a existência, ou não, de diferenças significativas entre os dois grupos estudados, os egressos do BI e do vestibular, levando em consideração algumas variáveis socioeconômicas.

O capítulo 8 apresenta as conclusões baseadas na análise dos resultados desta pesquisa e sugere eventuais trabalhos futuros.

## 2 O ENSINO SUPERIOR NO BRASIL E O BACHARELADO INTERDISCIPLINAR

A origem do ensino superior profissionalizante no Brasil se dá, em 1808, com a criação da Escola de Cirurgia da Bahia<sup>4</sup>, primeiro curso superior no Brasil com a autorização de Portugal, que, por quase sete décadas, foi a única instituição de nível superior na Bahia (CUNHA et al., 2009). Sua criação teve como origem os problemas sanitários que atingiam as cidades brasileiras e que se tornaram inaceitáveis para abrigar a Família Real e sua corte (CUNHA et al., 2009).

A missão da Escola de Cirurgia foi de formar "cirurgiões", e não "médicos", uma vez que essa formação somente poderia se dar mediante estudos em Portugal ou outras faculdades médicas da Europa (BRITO, 2003).

A criação da universidade no Brasil ocorreu somente em 1909, apesar de ser uma demanda reprimida desde o Brasil Colônia. Portugal ofereceu muita resistência à implantação de uma universidade em sua colônia, pois percebia a educação superior como uma ameaça ao seu poder. Por esse motivo, a maioria dos brasileiros que desejavam fazer um curso superior acabava indo para Portugal, fazendo com que a Universidade de Coimbra exercesse, durante muitos anos, uma grande influência na formação das elites brasileiras.

Outro fator que motivou o atraso da implantação do ensino superior no Brasil foi a preferência da elite brasileira em realizar seus estudos superiores na Europa. Esses fatores fizeram com que o Brasil iniciasse a formação superior do seu povo tardiamente, quando comparado com outros países que implantaram universidades muitos anos antes (COELHO; VASCONCELLOS, 2009).

A Universidade de Manaus, em 1909, a de São Paulo, em 1911 e, a do Paraná, em 1912, foram as primeiras tentativas de criação de universidade no Brasil, mas todas elas não demoraram a fechar (COELHO; VASCONCELLOS, 2009). Segundo esses autores, a primeira universidade do Brasil foi a Universidade do Rio de Janeiro, instituída em 1920 pela junção de três faculdades: Medicina, Engenharia e Direito. Lessa (2004) afirma que a Universidade do Rio de Janeiro foi criada para conceder o título de *doutor honoris causa* ao príncipe Alberto Leopoldo de Clemente Maria Meinrad I da Bélgica. As universidades brasileiras surgem a partir do agrupamento de faculdades já existentes, o que não corresponde

---

<sup>4</sup> A Escola de Cirurgia da Bahia teve as seguintes denominações: Escola de Cirurgia da Bahia (1808); Academia Médico-Cirúrgica da Bahia (1816); Faculdade de Medicina da Bahia (1832); Faculdade de Medicina e Farmácia da Bahia (1891); Faculdade de Medicina da Bahia (1901); Faculdade de Medicina da Universidade da Bahia (1946); Faculdade de Medicina da Universidade Federal da Bahia (1965) (AMARAL, 2007).



ao sentido pleno de uma universidade, segundo Almeida Filho (2007, p. 219), que afirma: “O simples ajuntamento de faculdades isoladas preexistentes, sem articulação funcional, institucional, pedagógica e científica de algum modo concretizada, não definiria uma universidade no seu sentido pleno”.

A universidade chegou na Bahia apenas em 1946, com a criação da Universidade da Bahia, por meio da junção da Faculdade de Medicina da Bahia e as Escolas anexas de Odontologia e Farmácia de 1832, a Escola de Belas Artes, de 1877, a Faculdade Livre de Direito, criada em 1891, a Escola Politécnica da Bahia, de 1897, a Escola Comercial na Bahia, que deu lugar à atual Faculdade de Ciências Econômicas em 1905, a Faculdade de Filosofia, de 1941, e o curso de Biblioteconomia, de 1942 (BOAVENTURA, 2009).

Assim, as universidades vão sendo criadas baseadas em uma formação profissional, sem se preocupar com a pesquisa e a produção do conhecimento (FÁVERO, 2006). Esta autora destaca que, na década de 50, em paralelo ao crescimento acelerado do país provocado pela industrialização, a sociedade começa a tomar consciência da precariedade em que se encontrava a universidade no Brasil, o que provocou a cobrança, pela sociedade, por alterações urgentes no ensino superior brasileiro.

Santos e Almeida Filho (2008) salientam que, ao longo dos últimos 50 anos, muitas reformas foram implementadas no ensino superior brasileiro, em sua maioria não concluídas e implantadas de forma distorcida ou parcial. As diversas reformas ocorridas, desde a de Anísio Teixeira<sup>5</sup>, que foi abortada pelo Golpe de 1964, passando pela reforma de 1968<sup>6</sup>, com a implantação de um novo modelo sem a extinção do antigo, e mesmo a de 1970<sup>7</sup>, com a criação da pós-graduação, foram desafiantes e difíceis para a instituição universitária.

Anísio Teixeira foi o grande defensor e idealizador da formação e da cidadania do povo brasileiro. Um modelo inovador de universidade, proposto por ele, teve como objetivo a atualização do nosso sistema educacional através do desenvolvimento do pensamento científico e reconhecimento da cultura nacional, ficando clara a preocupação com os

---

<sup>5</sup> Anísio Teixeira foi convidado pelo Presidente Juscelino Kubitschek para criar um novo modelo de ensino superior a ser implantado na Universidade de Brasília (UNB), em 1960, organizada em centros por áreas de conhecimento baseadas em ciclos de formação geral. Foi impedido pelos militares em 1964, que invadiram a UNB, mudando a estrutura definida inicialmente por Anísio Teixeira (SANTOS; ALMEIDA FILHO, 2008).

<sup>6</sup> Durante o regime militar, foi realizado um acordo entre o Ministério da Educação e a USAID (Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional), em 1967, para implantação do modelo americano nas universidades brasileiras, mas encontrou resistência dos movimentos estudantis de esquerda. Isto resultou em uma implantação parcial da reforma proposta, aplicando apenas os piores pontos do modelo flexneriano (SANTOS; ALMEIDA FILHO, 2008).

<sup>7</sup> Implementação da rede institucional de pós-graduação; estabelecimento, através do Ministério da Educação, de um comitê para credenciamento de programas de pós-graduação vinculado à Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal do Ensino Superior (CAPES) e preparação de algumas agências de apoio patrocinadas pelo governo federal no apoio à rede universitária de laboratórios de pesquisa (SANTOS; ALMEIDA FILHO, 2008).

problemas sociais da população. Anísio Teixeira, juntamente com Darcy Ribeiro, auxiliou na fundação da Universidade de Brasília, em 1962, que possuía um modelo pedagógico inovador composto por ciclos (BERTOLLETI; AZEVEDO, 2010).

Em 2004, um novo movimento na direção de uma nova reforma mais uma vez não levou em consideração as avaliações e análises sobre a real situação da universidade brasileira. Ainda assim, no primeiro governo de Luiz Inácio Lula da Silva, a reforma das universidades se tornou prioridade para o Ministério da Educação (SANTOS; ALMEIDA FILHO, 2008).

Uma das mudanças propostas foi o regime de ciclos, já existente em outros países como os Estados Unidos, implantado no século XIX e consolidado por Abraham Flexner no começo do século XX. Atualmente, este modelo tornou-se predominante nos países europeus após o avanço do processo de Bolonha (ALMEIDA FILHO; COUTINHO, 2011).

A proposta de implantação do regime de ciclos inspirava-se no projeto de mudança da universidade feito por Anísio Teixeira e Darcy Ribeiro, que tinha por objetivo aumentar a integração entre os setores primários e secundários da educação com o ensino superior. Esses educadores propunham a criação de uma etapa entre o ensino secundário e o ensino superior, em que aconteceria o acolhimento dos estudantes e uma formação com conhecimentos introdutórios das grandes áreas de conhecimento. Esta etapa foi denominada de pré-graduação. Depois de concluída essa fase, os estudantes poderiam escolher por fazer um curso de graduação ou uma pós-graduação, seguindo, assim, a carreira acadêmica (VERAS; LEMOS; MACEDO, 2015).

Em 2003, a Universidade de São Paulo (USP) foi pioneira com a implantação dos Bacharelados em ciências moleculares, que, inexplicavelmente foi descontinuado, e em humanidades, que nem chegou a ser implantado. Posteriormente, em 2005, a Universidade Federal do ABC (UFABC) implantou o BI em Ciência e Tecnologia e, em 2011, o BI em Ciências e Humanidades (ALMEIDA FILHO; COUTINHO, 2011). O modelo de Bacharelado implantado na UFABC utilizou como referência o modelo aplicado na Europa e o projeto idealizado por Anísio Teixeira, em 1960, com alguns ajustes necessários para atender as novas exigências na formação acadêmica (VERAS; LEMOS; MACEDO, 2015).

Outras instituições federais de educação seguiram o mesmo caminho inovador com a criação desses novos cursos: Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Universidade Federal Rural do Semiárido (UFERSA), Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Universidade Federal de Alfnas (UNIFAL), Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM), Universidade Federal de São João

Del-Rei (UFSJ), Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Universidade Federal do Acre (UFAC), Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA) e Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA) (ALMEIDA FILHO; COUTINHO, 2011).

As mudanças na Bahia tiveram início na UFBA, em 2006, com a formação de grupos de trabalho para propor um novo modelo curricular para o ensino superior, no intuito de diminuir o alto índice de evasão na universidade e minimizar a defasagem das metodologias pedagógicas utilizadas na instituição. Assim, surgiu o projeto denominado Universidade Nova (VERAS; LEMOS; MACEDO, 2015).

Em 2007, foi lançado o Programa de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais Brasileiras (REUNI), que tinha como um dos seus objetivos duplicar a oferta de vagas no ensino superior público (ALMEIDA FILHO; COUTINHO, 2011). De acordo com Santos e Almeida Filho (2008), a criação do REUNI foi influenciada pelo projeto Universidade Nova<sup>8</sup>, de sua autoria com contribuições de Boaventura Santos. Esse projeto, antes chamado de UFBA Nova, foi apresentado na reunião da ANDIFES, em Recife, tendo uma calorosa acolhida entre os reitores. Além disso, foi também apresentado na Secretaria de Ensino Superior do MEC e na discussão do projeto da Universidade do Mercosul, já com o nome de Universidade Nova. Seu objetivo era transformar a universidade em um ambiente de equidade na educação, fomentando uma integração sociocultural, artística e tecnológica (SANTOS; ALMEIDA FILHO, 2008).

A Universidade Nova propunha uma mudança na arquitetura acadêmica da universidade brasileira para uma estrutura curricular interdisciplinar, flexível e abrangente, através da implantação do regime de três ciclos de educação universitária: o Primeiro Ciclo, que corresponde aos BI, propiciando formação universitária geral como pré-requisito para progressão aos ciclos seguintes; o Segundo Ciclo, de formação profissional em licenciaturas ou carreiras específicas; e o Terceiro Ciclo, visando à formação acadêmica, científica ou artística, de pós-graduação (SANTOS; ALMEIDA FILHO, 2008).

As principais metas definidas pela UFBA em parceria com o REUNI foram a implantação de novos cursos de graduação; abertura de novas turmas de cursos já existentes; ajuste de cursos que já funcionavam anteriormente ao REUNI; abertura de novas turmas de Licenciaturas Especiais; implantação de cursos de Educação Superior Tecnológica e implantação de 4 Bacharelados Interdisciplinares (ALMEIDA FILHO, 2010). Segundo Raphael, Coelho e Fernandes (2012), o modelo metodológico do BI é orientado por propostas

---

<sup>8</sup> Projeto de autoria de Naomar Almeida que propunha grandes mudanças na estrutura acadêmica da universidade brasileira, sendo a principal delas a implantação do regime de três ciclos.

pedagógicas mais flexíveis, ativas, abertas e participativas, buscando estudantes mais criativos e questionadores, que valorizam sua autonomia na construção do conhecimento e que se predispõem a uma formação geral humanística, científica e artística.

De acordo com o Projeto Pedagógico do Bacharelado Interdisciplinar em Saúde (UFBA, 2010a, p.1):

Bacharelado Interdisciplinar em Saúde é um curso de graduação de duração plena que visa agregar uma formação geral humanística, científica e artística ao aprofundamento no campo da saúde, promovendo o desenvolvimento de competências e habilidades que conferem autonomia para a aprendizagem e uma inserção mais abrangente e multidimensional na vida social. Também tem como objetivo possibilitar ao estudante a aquisição de competências e habilidades gerais e específicas para o aprendizado de fundamentos conceituais e metodológicos para uma posterior formação profissional e/ou pós-graduação.

O egresso do Bacharelado Interdisciplinar em Saúde será um indivíduo dotado de uma compreensão abrangente da situação de saúde nas sociedades contemporâneas, com capacidade de compreender a contribuição de diversas disciplinas do campo científico, das humanidades e das artes na análise das múltiplas dimensões desse campo.

A implantação dos BI, na UFBA, foi acompanhada de ampla discussão, sofrendo grande resistência por parte de segmentos políticos internos e externos à universidade, o que resultou na não implantação do projeto inicial, que definia o BI como a primeira etapa do ensino superior na instituição e a única porta de ingresso para os cursos CPL. Desta maneira, observa-se a coexistência de dois modelos curriculares distintos na universidade: o tradicional, composto pelos cursos de formação profissionalizante conhecidos como CPL e CST, e o modelo de ciclos. Para viabilizar a implantação dos BI na UFBA, foi criado o Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Milton Santos (IHAC), que abriga todos os quatro cursos do BI.

Conforme Sá (2016), as resistências e falta de apoio enfrentadas para implantação do BI na UFBA eram grandes, tendo inclusive 4 das suas unidades acadêmicas (Escolas de Teatro e Belas Artes e as Faculdades de Educação e de Medicina) se posicionado contra essa mudança proposta, enquanto que as outras 26 colaboraram e aderiram ao movimento de elaboração da documentação necessária. Muitos debates e discussões aconteceram dentro da universidade durante os primeiros anos do BI, principalmente na Faculdade de Medicina, que, através de documentos e pareceres aprovados pela sua congregação, expunham sua insatisfação com o novo modelo de estrutura acadêmica. Como exemplo, temos o parecer aprovado pela congregação da Faculdade de Medicina de 01 de outubro de 2010<sup>9</sup>. Neste,

---

<sup>9</sup> Parecer referente ao processo UFBA nº 23066.027069/2009-04 o qual questiona as definições para o BI Saúde e os critérios de transição entre o BI e o curso de medicina e a obrigatoriedade da Faculdade de Medicina em aceitar estudantes oriundos do BI contra a vontade desta (SÁ, 2016).

dentre outros questionamentos, argumentava que, por ter sido contrária a implantação do projeto Universidade Nova, não deveria ser obrigada a disponibilizar a reserva de vagas de 20% para os egressos do BI (SÁ, 2016).

A existência simultânea dos dois modelos de curso de graduação na UFBA incluiu uma nova pauta para a gestão acadêmica da instituição: a definição do processo de ingresso dos estudantes egressos do BI para os cursos CPL. A conclusão da primeira turma de BI foi decisiva para a aprovação no Conselho Acadêmico de Ensino (CAE) da UFBA da Resolução nº 6/2011, que definiu os critérios para ingresso dos egressos do BI nos cursos CPL, garantindo aos concluintes do BI a continuidade de sua formação acadêmica. Essa Resolução reservou 20% das vagas oferecidas em todos os cursos de progressão linear para estudantes egressos dos BI a partir do primeiro semestre de 2012 (UFBA, 2011c) e definiu as regras para seleção através de notas obtidas pelos estudantes durante o BI, devido à maioria dos cursos ofertados na UFBA possuírem uma demanda maior que a oferta (VERAS; LEMOS; MACEDO, 2015).

No momento de criação dos BI na UFBA, não foram definidas as regras para ingresso de estudantes egressos do BI para os cursos CPL, sendo definidas apenas em novembro de 2011 para que os estudantes concluintes naquele ano pudessem ingressar em um curso CPL no primeiro semestre de 2012. Muitos estudantes matriculados nos quatro BI não tinham noção do funcionamento desta nova modalidade de curso, por este ser um modelo novo. Esta foi a motivação, nesta pesquisa, para a escolha do ano de 2012 para o estudo do perfil e o desempenho da primeira turma de egressos do BI de Saúde no curso de Medicina da UFBA, na tentativa de observar e comparar o perfil e a trajetória dos dois grupos de estudantes, egressos do BI e do vestibular, que ingressaram no curso com a maior demanda na instituição durante anos.

A primeira turma de BI apresentou um perfil diferenciado, pois os estudantes que ingressaram no BI desconheciam a modalidade do curso e os critérios para ingresso nos cursos CPL. Estudos demonstram que o perfil e desempenho dos estudantes do BI em Saúde modificou-se nos anos seguintes (SAMPAIO; COELHO, 2019). O Quadro 1 mostra que os maiores crescimentos nos percentuais, no período de 2010 a 2013, foram entre os ingressantes brancos, os solteiros, os que não tem filhos, os estudantes de escola particular e os que não trabalham.

Quando perguntados sobre o interesse em ingressar em um dos cursos CPL, após a conclusão do BI, observa-se um crescimento do percentual de estudantes que tinham certeza que queriam ingressar no CPL, que aumentou de 85,70% em 2010 para 100,00% em 2013

(Quadro 1). Pimentel (2017), em sua pesquisa com estudantes ingressantes no primeiro semestre do BI em 2016 sobre a utilização deste curso como forma de acesso ao curso de Medicina, concluiu que o motivo predominante na escolha pelo curso do BI Saúde foi o desejo do ingressar em um curso CPL na área de saúde, sendo que 63,00% destes desejariam entrar no curso de Medicina e outros 18,00% colocaram o curso de Medicina como uma possibilidade de curso a ser seguido.

QUADRO 1: PERFIL DOS ESTUDANTES INGRESSANTES NO BI SAÚDE 2010-2013

Perfil	Categorias	Percentual (%)			
		2010	2011	2012	2013
Sexo	Feminino	66,10	68,80	65,40	72,80
	Masculino	33,90	31,30	34,60	27,20
Cor/raça	Branca	9,10	22,40	16,80	21,30
	Preta	30,90	25,60	24,40	22,80
	Parda	60,00	51,20	53,40	54,40
Estado Civil	Solteiro (a)	85,70	89,10	92,20	92,60
	Casado (a)	10,70	7,80	4,70	3,70
Filhos	Sim	14,50	11,00	9,20	5,10
	Não	85,50	89,00	90,80	94,90
Trajetória Escolar	Escola Pública	58,90	52,30	51,50	38,70
	Escola Particular	25,00	41,40	34,60	50,40
Trabalha	Sim	52,70	44,90	46,90	34,30
	Não	47,30	55,10	53,10	65,70
Interesse em ingressar em CPL	Sim	85,70	87,50	99,20	100,00
	Não	14,30	12,50	0,80	0,00

Fonte: Sampaio e Coelho (2019).

Observamos que a maioria dos estudantes egressos do BI de Saúde optou pelo curso de Medicina, chegando a 100% em 2013. Assim, podemos concluir que os estudantes do BI de Saúde, em 2013, tinham como objetivo ingressar no curso de Medicina, curso de maior demanda na UFBA. Esse resultado mostra que os estudantes utilizam o BI de Saúde para vencer um dos entraves na formação de médicos no Brasil, a dificuldade de passar no processo seletivo de alta concorrência. Sá (2016) cita também a duração, o grau de dificuldade e o alto custo do curso como outras dificuldades na formação de médicos no Brasil.

Sá (2016) salienta que, mesmo tendo conseguido ingressar no curso de medicina, os estudantes encontram dificuldades relacionadas à sua classe social, cor e desempenho acadêmico, sendo o desempenho importante dentre eles, pois facilita a convivência em grupos do curso, os quais valorizam muito os resultados alcançados, e proporciona o sentimento de pertencimento à universidade, pelo estudante, confirmando que a meritocracia é o mais importante filtro.

### 3 DESIGUALDADES E PRIVILÉGIOS NAS UNIVERSIDADES

A baixa qualidade do ensino fundamental e médio nas escolas públicas brasileiras, frequentadas na maioria por negros e pobres, dificulta a possibilidade de ingresso em cursos de alta demanda no ensino superior, principalmente nas Instituições de Ensino Superior (IES) públicas (GISI, 2006). O curso de Medicina é, historicamente, um curso elitizado de difícil acesso pelos estudantes oriundos do ensino médio público, gerando desigualdades e falta de oportunidades aos menos favorecidos.

A pobreza e a desigualdade social são questões presentes na agenda de quase todos os países. A pobreza e a desigualdade são encontradas tanto em países pobres quanto em ricos. O conceito de desigualdade social é bastante amplo e envolve diferenças encontradas em diversos aspectos, como escolaridade, sexo, renda, oportunidade, resultados, etc. (SILVA; SOUSA JUNIOR, 2012).

No Brasil, as desigualdades são tanto fato histórico como de atualidade. As políticas recentes desenvolvidas para o crescimento econômico e que colocaram o Brasil entre os 10 países mais ricos do planeta, como apresenta a Tabela 1, não incluíram ações para minimizar as desigualdades, distribuir a renda e reduzir a pobreza. A má distribuição de renda brasileira mantém uma das maiores desigualdades sociais do planeta (TELLES, 2004).

TABELA 1 – PRODUTO INTERNO BRUTO (PIB), EM BILHÕES DE US\$, 2016

#	País	US\$ bilhões
1º	Estados Unidos	18.569,10
2º	China	11.218,28
3º	Japão	4.938,64
4º	Alemanha*	3.466,64
5º	Reino Unido	2.629,19
6º	França	2.463,22
7º	Índia	2.256,40
8º	Itália	1.850,74
9º	Brasil	1.798,62
10º	Canadá	1.529,22
11º	Coreia do Sul	1.411,25
12º	Rússia	1.280,73
13º	Austrália	1.258,98
14º	Espanha	1.232,60
15º	México	1.046,00

Fonte: IPRI (2017).

No Brasil, essas desigualdades, suas consequências e, principalmente, os privilégios da elite mantiveram-se no sistema educacional e são reproduzidos de maneira ainda mais

perversa no ensino superior. Segundo Cunha (2007), o modelo de desenvolvimento econômico brasileiro promoveu a concentração de renda e demandou novas formações profissionais para atender às necessidades do mundo do trabalho, o que fomentou a ampliação da oferta de vagas no ensino superior.

A reforma universitária de 1968 modificou de forma significativa o sistema de educação superior brasileiro, possibilitando o surgimento de instituições de ensino privadas para atender à crescente demanda, já que as IES públicas não conseguiam ampliar o número de vagas necessárias para atender a alta demanda. No entanto, essas mudanças não minimizaram a histórica exclusão social, pois os processos seletivos para ingresso no ensino superior público tornaram-se mais competitivos e as instituições privadas possuíam mensalidades muito altas, principalmente nos cursos com maior demanda e prestígio social.

Queiroz (2003) salienta que os estudos sobre a seletividade do ensino superior no Brasil geralmente se concentram na análise de variáveis econômicas e, na sua maioria, não levam em consideração a influência de características como cor e gênero, sendo fatores relevantes que descrevem exclusões sistemáticas ao acesso do ensino superior de uma parte da população.

O Brasil, marcado por desigualdades culturais, sociais, econômicas e geográficas, opera a diferença de oportunidades para pessoas dependendo também de cor ou raça, revelada, de forma evidente, pelo predomínio de brancos nas camadas com maior poder aquisitivo na sociedade. Telles (2004) afirma que a raça é uma variável importante para analisar a desigualdade social e mensurar a probabilidade de mobilidade social. Existe um sistema discriminatório, não declarado, que mantém pretos e pardos nos segmentos mais pobres da sociedade (TELES, 2004).

Braga, Peixoto e Bouguthi (2000) identificaram em seu estudo sobre o acesso ao ensino superior na década de 90, na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), uma das universidades mais concorridas do país, que, para os estudantes com baixo poder aquisitivo, a seletividade existia antes mesmo da tentativa de acesso, no momento da escolha do curso. Ou seja, jovens de classe menos favorecidas deixavam de escolher Medicina, devido à alta seletividade, e escolhiam outras carreiras da área de saúde menos concorridas. Já os estudantes com maior poder aquisitivo, geralmente, escolhiam cursos de maior prestígio.

Vargas (2010) salienta que as pessoas que exercem profissões consideradas de alto prestígio constroem grupos sociais com capacidade de organização e influenciam a estrutura política social da comunidade em que atuam, preservando suas posições sociais através de suas associações, como o Conselho Federal de Medicina e a Ordem dos Advogados do Brasil.

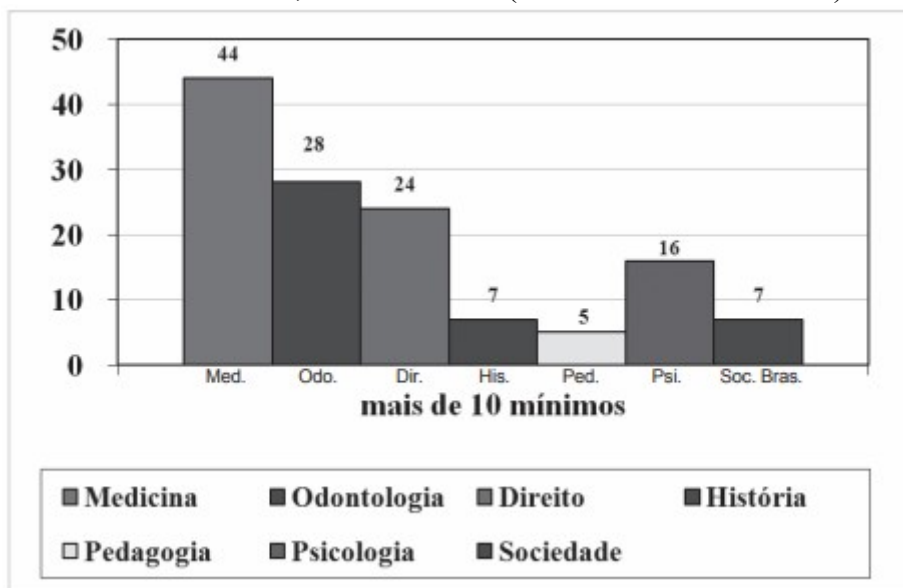


Um exemplo que comprova a influência dessas associações foi a publicação da portaria nº 147, de 2 de fevereiro de 2007, do Ministério da Educação (BRASIL, 2007), que determina regras para a autorização de abertura de novos cursos nas áreas de Medicina e Direito.

Medicina, Direito e Engenharia são cursos que formavam as profissões ditas imperiais, e sempre foram classificados como cursos de alto prestígio social devido à sua valorização no mundo do trabalho. Esta supervalorização faz com que um número elevado de estudantes continue se candidatando ao ingresso nestes cursos resultando numa disputa acirrada. Desta maneira, estudantes detentores de maior poder aquisitivo, e em sua maioria brancos e, conseqüentemente, melhor preparados, oriundos de escolas privadas, conquistam com maior facilidade uma vaga em cursos de maior prestígio, evidenciando uma seleção social também por renda e cor da pele.

Como prova disso, podemos observar o Gráfico 1, que mostra, segundo os dados do Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (ENADE), equivalente ao período de 2010 a 2012, que os cursos de Medicina, Direito e Odontologia são os que apresentam maior percentual de estudantes com renda familiar superior a 10 salários mínimos, sendo que o curso de Medicina é o que mais se destaca entre eles, com 44%.

GRÁFICO 1 - MATRICULADOS COM RENDA FAMILIAR MENSAL DE MAIS DE 10 SALÁRIOS MÍNIMOS, NO BRASIL - (3º CICLO\* DO ENADE)



Fonte: Ristoff (2014).

Nota: \* 3º Ciclo equivalente ao período de 2010 a 2012.

Uma das características de um curso de alto prestígio é a relação de candidatos inscritos pela quantidade de vagas ofertadas. O curso de Medicina, historicamente, é um dos

curso que apresenta uma elevada concorrência em todo o Brasil. Podemos observar, na Tabela 2, que a concorrência no curso de Medicina aumenta a cada ano nas maiores universidades públicas do Brasil. No período de 2009 a 2013 a concorrência aumentou, de tal forma, em todas as universidades, que alcançou o dobro do ano anterior na UFRJ nos anos de 2010 e 2011, ou com mais de 100 candidatos para uma vaga, como na UFRJ em 2011 e na UNICAMP em 2011, 2012 e 2013.

TABELA 2 – RELAÇÃO CANDIDATO-VAGA DO CURSO DE MEDICINA POR UNIVERSIDADE NO PERÍODO, 2009 A 2013, NO BRASIL

Universidades Públicas	2009	2010	2011	2012	2013
UFMG	31,50	34,54	54,03	50,01	49,77
UFRGS	37,37	34,51	45,32	51,90	57,17
UFRJ	27,14	46,80	104,23	*	*
UNICAMP	**	89,70	103,90	114,40	127,30
USP	35,68	42,09	49,25	51,18	56,43

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados coletados na internet (UFMG, 2019), (UFRGS, 2008), (UFRGS, 2009), (UFRGS, 2010), (UFRGS, 2011), (UFRGS, 2012), (UFRJ, 2009), (LESME, 2009), (LESME, 2010), (UNICAMP, 2019), (FUVEST, 2019).

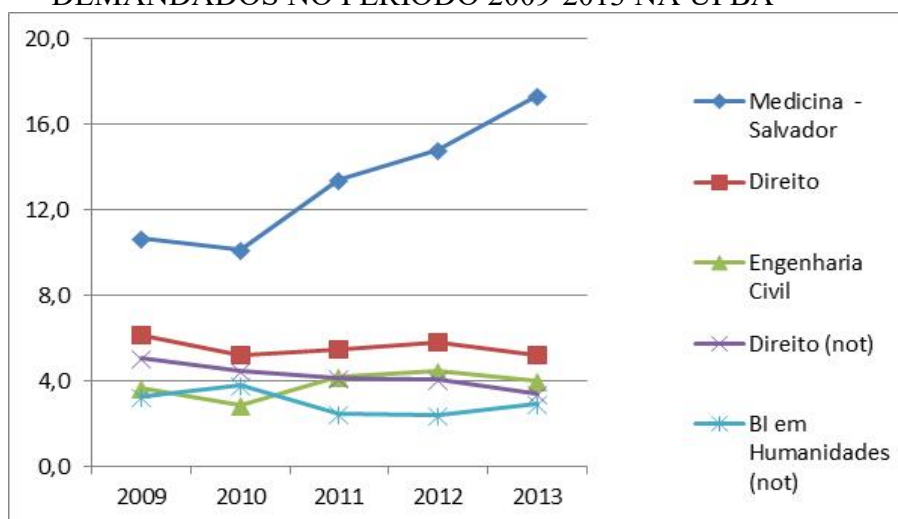
Nota: \* Em 2012 e 2013 a UFRJ passou a adotar o ENEM como forma de entrada.

\*\* Não foi encontrada a concorrência da UNICAMP em 2009.

Na UFBA não é diferente, como apresenta o Gráfico 2. No período de 2009 a 2013, apenas o curso de Medicina continuou apresentando um crescimento na concorrência desde 2010 em comparação aos outros cursos mais procurados no mesmo período. Outro fator importante no caso do curso de Medicina, e que aponta para a sua alta seletividade, é o valor elevado do ponto de corte<sup>10</sup> do vestibular, especialmente quando comparado com os outros cursos da UFBA.

<sup>10</sup> O ponto de corte é um limite mínimo de desempenho nas provas, determinado estatisticamente pela média aritmética e desvio padrão dos escores parciais de todos os candidatos não eliminados por ausência ou zero (ALMEIDA FILHO et al., 2005).

GRÁFICO 2 – RELAÇÃO CANDIDATO-VAGA DOS CINCO CURSOS MAIS DEMANDADOS NO PERÍODO 2009-2013 NA UFBA



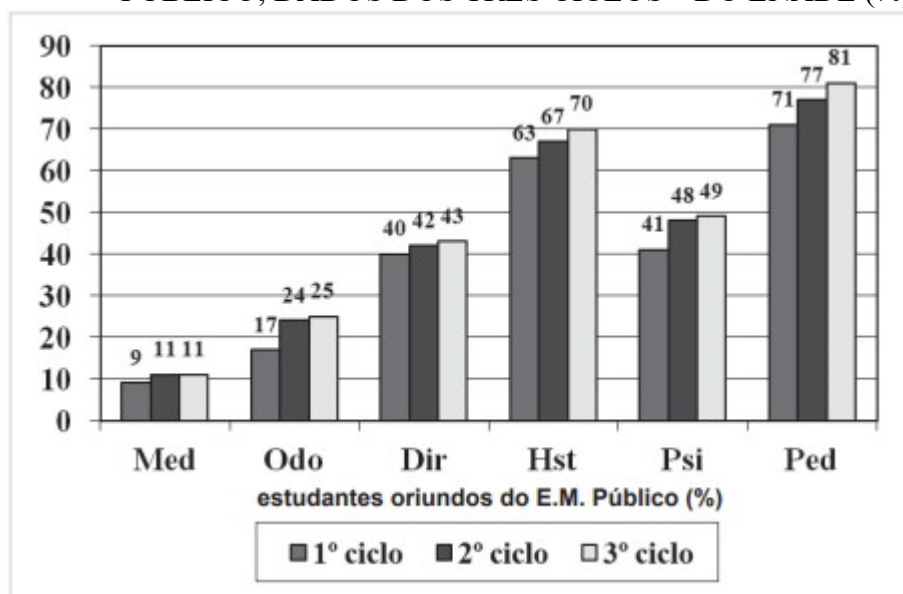
Fonte: Elaborado pela autora com base no questionário socioeconômico UFBA-PROGRAD/SSOA.

Em sua pesquisa, Pimentel (2017) identificou quatro aspectos que podem explicar a alta demanda do curso de Medicina: o alto prestígio social dado à profissão médica pela sociedade; a concorrência elevada nos processos seletivos para os cursos de Medicina, principalmente nas universidades públicas; a cobrança de mensalidades muito elevadas pelas universidades privadas na área médica; e a grande diferença existente, atualmente na UFBA, entre a relação candidato/vaga no processo seletivo para medicina, para o BI, e do BI-Saúde para Medicina. A autora salienta que, dentre os aspectos citados, o mais importante é a alta concorrência existente nas IES públicas, gerada pelas altas mensalidades cobradas pelas IES privadas.

Os estudantes oriundos de uma escola pública que possui um ensino de baixa qualidade participam do processo seletivo das universidades em clara desvantagem quando comparados aos estudantes pertencentes aos segmentos privilegiados, que são preparados ao longo da vida escolar para ingressar no ensino superior (GISI, 2006). Braga, Peixoto e Bouguthi (2000) salientam que, enquanto existir a oferta da qualidade do ensino de forma diferenciada por extrato social, será difícil que estudantes pobres acessem cursos como Medicina ou Direito. Este quadro reenvia à discussão sobre um sistema baseado no mérito.

O Gráfico 3 salienta a grande diferença existente na quantidade de estudantes oriundos do ensino médio público que conseguiram acessar aos cursos de graduação com maior e menor demanda. Podemos observar que em quase todos os cursos há um aumento do número de estudantes de escola pública a cada ciclo, porém em medicina não houve evolução desse número entre o segundo e terceiro ciclo.

GRÁFICO 3 – ESTUDANTES DE GRADUAÇÃO QUE CURSARAM O ENSINO MÉDIO PÚBLICO, DADOS DOS TRÊS CICLOS<sup>11</sup> DO ENADE (%)



Fonte: Ristoff (2014).

Diante do cenário de desigualdade e discriminação aos grupos minoritários, as universidades foram pressionadas a implantar ações para atender suas reivindicações. Foram criadas políticas de democratização de acesso para permitir que os desfavorecidos pudessem ter acesso ao ensino superior (SANTOS, 2009). A implantação das ações afirmativas inaugura um novo momento no desigual ensino superior brasileiro, que vai utilizar a reserva de vagas como estratégia de reparação e promoção da igualdade (PEIXOTO et al., 2016). Esse autor define que ações afirmativas são políticas criadas para proporcionar oportunidades de inserção social iguais para todas as pessoas que pertençam a grupos vítimas de discriminação em termos de raça, gênero e renda. Desta forma, essas políticas são uma tentativa de promover uma distribuição de oportunidades com o objetivo de reduzir ou eliminar as desigualdades sociais.

O processo de adoção de políticas de ações afirmativas, no Brasil, teve início nos anos 80, no período de redemocratização do país, quando grupos minoritários começaram a se organizar para reivindicar oportunidades iguais para todos (DAFLON; JÚNIOR; CAMPOS, 2013).

<sup>11</sup> Dados referentes ao período de 2004 a 2012, sendo que cada ciclo é formado por 3 anos. A cada ciclo do ENADE, todos os cursos de graduação são avaliados, divididos por áreas a cada ano (RISTOFF, 2013)

O processo para implantação de ações afirmativas na UFBA ganhou impulso com o projeto Universidade Nova, a partir de 2002. A primeira proposta de reserva de vagas foi enviada ao Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (CONSEPE) pelo Diretório Central dos Estudantes (DCE) e recomendou a reserva de 40% das vagas da instituição para estudantes negros. O Programa de ações afirmativas implantado visava o aumento de estudantes oriundos de escola pública, índios, aldeados, quilombolas, pretos e pardos em todos os cursos da UFBA. Esse programa foi estruturado em quatro eixos principais: preparação, acesso, permanência e pós-permanência (ALMEIDA FILHO, 2005). Foram previstas diversas ações em cada eixo para a obtenção do sucesso desse programa, dentre elas: a criação de cursinhos gratuitos preparatórios para o vestibular; a abertura de cursos noturnos e aulas em fins de semana; o estímulo ao ingresso em cursos de pós-graduação; a ampliação do número de vagas nos cursos de graduação; e a criação de novos cursos.

Em 2005, foi implantada a reserva de vagas<sup>12</sup>, uma das principais ações relacionadas ao aumento do acesso previsto no programa de implantação de ações afirmativas da UFBA, em todos os seus cursos de graduação, para estudantes oriundos de escolas públicas, negros (pretos e pardos), aldeados, índio-descendentes e quilombolas, proporcionando a entrada de um público mais diversificado. Em 2012, o Governo Federal aprovou a Lei 12.711/2012, conhecida como Lei de Cotas, que determina que todas as Instituições Federais de Ensino Superior (IFES) devem reservar 50% das vagas nos cursos de graduação para estudantes oriundos do ensino médio público, com renda inferior a 1,5 salários mínimos, pretos, pardos e índios (RISTOFF, 2013). Esse autor salienta que a real importância da Lei de cotas não é o aumento da presença de estudantes oriundos da escola pública nas universidades e sim a capacidade de proporcionar o incremento no acesso desse grupo de estudantes, principalmente, nos cursos de maior demanda. Mesmo após a implantação da Lei de Cotas, Ristoff (2014) identificou, em sua pesquisa com dados do Enade, que ainda existem alguns cursos de graduação no Brasil que não alcançam a meta da reserva de vagas exigida pela Lei, sendo os mais distantes os cursos de Medicina e Odontologia.

---

<sup>12</sup> As categorias definidas para o sistema de Cotas da UFBA são:

- Categoria A - candidatos de Escola Pública que se autodeclararam pretos ou pardos (36,55% das vagas);
- Categoria B - candidatos de Escola Pública de qualquer etnia ou cor (6,45% das vagas);
- Categoria C - candidatos de Escola Privada que se autodeclararam pretos ou pardos (não tem vagas fixas, esta categoria é utilizada quando as vagas das categorias A e B não são totalmente preenchidas);
- Categoria D - candidatos de Escola Pública que se autodeclararam índio descendente (2% das vagas);
- Categoria E - todos os candidatos, qualquer que seja a procedência escolar e a etnia ou cor (não cotista) (55% das vagas);
- Categoria F - candidatos de Escola Pública que se autodeclararam aldeados ou quilombolas (reserva de duas vagas em cada curso).

A implantação das políticas de ações afirmativas proporcionou o acesso de diferentes perfis nas universidades brasileiras. Chalhoub (2017) afirma que a diversidade no ambiente acadêmico aumenta a qualidade, pois impõe um contraste de pontos de vistas. Assim, a universidade tem o desafio de lidar com dificuldades de origens socioeconômica, acadêmica e pedagógica.

Segundo Gisi (2006), o acesso de um público heterogêneo, com necessidades distintas, trouxe à tona a questão da evasão e da permanência no ensino superior. A universidade se vê diante da tarefa de garantir que os estudantes permaneçam e finalizem com êxito os seus cursos. Santos (2009) afirma que a permanência no ensino superior possui duas dimensões: a material, referente às condições financeiras para permitir a sobrevivência do estudante na universidade; e a simbólica, relacionada ao pertencimento do estudante a um grupo que o reconhece como efetivo membro.

Os estudantes negros e pobres, oriundos das políticas de reserva de vagas, que conseguem ingressar na universidade, vão necessitar de ajuda para que consigam permanecer no ensino superior até a conclusão do seu curso. A ajuda necessária que as universidades precisam oferecer a esses estudantes é classificada em duas categorias: a permanência material e a simbólica. De acordo com Santos (2009), a permanência material é relativa às necessidades financeiras necessárias para a satisfação das obrigações básicas, como comer, beber, vestir, ter onde morar, inclusive a obtenção do material didático necessário para possibilitar o bom desenvolvimento acadêmico no curso. Já a permanência simbólica é relativa à adaptação, exclusão e discriminação. A universidade deve adotar ações para possibilitar que o estudante desenvolva o sentido de pertencimento através da vivência da universidade, havendo identificação e reconhecimento pelo grupo dos demais estudantes, portanto, este deve pertencer propriamente ao grupo (SANTOS, 2009).

A capacidade de pertencimento por um grupo, pode influenciar no desempenho dos estudantes no andamento do curso. Muitos são os estudos que identificam diversos fatores que influenciam no desempenho acadêmico. As dificuldades enfrentadas por parte do aluno negro e pobre podem ser alguns desses fatores que podem influenciar no desempenho acadêmico desses estudantes. Desta forma é de grande importância o estudo desses fatores para que as IES possam oferecer melhores condições de desempenho para seus estudantes.

## 4 FATORES QUE INFLUENCIAM NO DESEMPENHO ACADÊMICO

Segundo Paivandi<sup>13</sup> (2015), a partir dos anos 80, o sucesso dos estudantes tem sido muito discutido, pois, com o aumento de vagas e maior facilidade de acesso ao ensino superior, problemas como abandono, baixo rendimento e reorientação foram identificados principalmente nos primeiros anos de universidade, gerando uma diferença entre a quantidade de estudantes que ingressam em um curso e aqueles que conseguem sair com um diploma. Com isso, os objetivos das universidades devem ser alterados para que os estudantes finalizem seus estudos com sucesso, tomando como critério a excelência no desempenho.

Um exemplo da grande diferença existente entre o número de estudantes que ingressam e os que conseguem concluir o curso de graduação está na Tabela 3, que, segundo dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), demonstra que o ensino superior brasileiro, em 2018, teve mais de oito milhões de matriculados enquanto que apenas pouco mais de um milhão e duzentos mil conseguiram concluir seu curso, o que equivale a 14,96% dos matriculados. Tomando-se por base o ano de 2015, quatro anos antes do ingresso desses estudantes no ensino superior, tem-se o total de 8.027.297 de matriculados (INEP, 2018).

Essa comparação entre os ingressantes e os concluintes, tomando-se por base a duração média de conclusão dos cursos de graduação em quatro anos, embora não conclusiva, permite constatar que essa diferença pode ter influência da desistência e do abandono dos cursos. Esses motivos não devem ser considerados como uma relação direta, pois também deve ser levada em consideração a existência de muitas variáveis envolvidas na relação entre o ano de ingresso/conclusão de um curso, como o prolongamento do tempo esperado do curso devido a reprovações e dedicação do estudante para andamento do curso, trancamentos, diferentes modalidades, movimentos grevistas, dentre outras.

---

<sup>13</sup> O autor utiliza dados do ensino superior francês.

TABELA 3 – NÚMERO DE MATRÍCULAS E CONCLUINTES EM CURSOS DE GRADUAÇÃO NO BRASIL – PRESENCIAIS E A DISTÂNCIA, SEGUNDO A CATEGORIA ADMINISTRATIVA DAS IES – 2015 E 2018

Categoria Administrativa	2015		2018	
	Matrículas	Concluintes	Matrículas	Concluintes
Pública	1.952.145	239.896	2.077.481	259.302
Federal	1.214.635	134.447	1.324.984	156.918
Estadual	618.633	86.770	660.854	85.886
Municipal	118.877	18.679	91.643	16.498
Privada	6.075.152	910.171	6.373.274	1.004.986
<b>Total</b>	<b>8.027.297</b>	<b>1.150.067</b>	<b>8.450.755</b>	<b>1.264.288</b>

Fonte: INEP (2019b)

Com a expansão do ensino superior brasileiro ocorrida nos últimos 20 anos e os problemas de adaptação e permanência surgidos com esse novo cenário, torna-se necessário o acompanhamento dos processos de formação dos estudantes para alimentar políticas acadêmicas ajustadas às suas necessidades. Baccaro (2014) salienta que, sob o ponto de vista econômico, é importante conhecer as variáveis que afetam o rendimento acadêmico dos estudantes, pois significa a possibilidade de reduzir gastos públicos com o ensino superior, reduzindo os índices de evasão e abandono.

Paivandi (2015, p. 26) salienta que:

O sucesso, no sistema educativo, se sustenta sobre o produto objetivo do ato de aprender e se refere a normas institucionais precisas. Os resultados escolares (notas) e a obtenção de um reconhecimento das etapas cumpridas (diploma, certificado) são indicadores do sucesso escolar.

Segundo esse autor, obter sucesso no âmbito universitário significa que o estudante deve ser aprovado nas disciplinas, conseguir obter um diploma ou, por outro lado, o sucesso pode ser alcançado através de julgamentos dos professores, que definem se o estudante satisfaz os critérios de excelência da universidade.

O desempenho pode ser influenciado também pela real capacidade de aprender, levando em consideração qualidades intrínsecas, pois, mesmo o estudante tendo capacidade de evoluir em sua trajetória na universidade, pode ocorrer dele não ter tempo ou vontade. Paivandi (2012) destaca que os estudantes geralmente “têm posturas, atitudes e interesses diferentes em relação aos seus estudos, que podem explicar suas diferentes maneiras de aproveitar as aulas”. Segundo Ferreira (2009), são muitos os fatores que podem afetar o desempenho acadêmico, sendo estes associados às características dos professores e alunos, aos currículos ofertados e às particularidades das instituições. Rocha, Leles e Queiroz (2018)



ênfatizam que, dentre os elementos que influenciam o rendimento acadêmico do estudante, destacam-se os aspectos pessoais, sociodemográficos, institucionais e pedagógicos.

Compreendemos, então, que o desempenho acadêmico é um fenômeno multideterminado e, por conta disso, tem sido objeto de muitos estudos. Rocha, Leles e Queiroz (2018) destacam que, dentre os diversos estudos realizados, os elementos que influenciam no desempenho acadêmico mais considerados são: infraestrutura, recursos didáticos, corpo docente, características pessoais e familiares. Alguns dos estudos revisados afirmam que os fatores que possuem maior influência são os relativos ao estudante, como sexo, renda familiar, horas de estudo e origem escolar, além de número de faltas e idade.

Segundo Rangel e Miranda (2016), a motivação do estudante é um fator importante que impacta no desempenho acadêmico, pois um aluno motivado se interessa por atividades desafiadoras buscando o desenvolvimento de novas habilidades, enquanto que a desmotivação pode provocar o sentimento de incompetência na realização de algumas atividades, que, na sua visão, não lhe trarão benefícios. De acordo com esses autores, a universidade e os docentes podem gerar estratégias e políticas que estimulem os estudantes a se engajar nos estudos.

Muitos autores defendem que existe uma diferença entre obter um bom rendimento na escola e na universidade. Paivandi (2015) destaca a existência de três aspectos de aprendizagem, que estão relacionados entre si e que ajudam a entender como se dá a aprendizagem na universidade, são eles: o aspecto quantitativo, que está relacionado à quantidade de coisas aprendidas; o aspecto qualitativo, que define se foi obtida uma boa aprendizagem; e o resultado obtido, que se refere às notas e diploma adquiridos.

Souto-Maior e colaboradores (2011), em estudo realizado na Universidade Federal de Santa Catarina, identificaram que o turno do curso, o número de faltas, a pontuação obtida no vestibular e o tamanho das turmas são variáveis que impactam no desempenho acadêmico dos estudantes. Esses autores identificaram que os estudantes do turno matutino apresentam melhor desempenho final, assim como os que obtiveram maior pontuação no vestibular, os que possuíam menor número de faltas e os que faziam parte de turmas pequenas.

Segundo Baccaro (2014), alguns estudos foram realizados para salientar que existe uma relação positiva entre os desempenhos no vestibular e acadêmico dos estudantes, ou seja, os estudantes que obtiveram melhor desempenho no vestibular também conseguiram bom rendimento acadêmico. Em seu estudo na Universidade de São Paulo, a autora sustenta que, no grupo de estudantes analisados, o rendimento acadêmico também foi maior no grupo de estudantes que possuíam o rendimento alto no vestibular, assim como os estudantes que

obtiveram piores rendimentos acadêmicos foram os de rendimento baixo no vestibular. A autora conclui que esses resultados representam, de certa forma, que a concorrência e o prestígio dos cursos poderão impactar, também, no rendimento acadêmico.

Paivandi (2015) destaca que motivações extrínsecas podem fazer com que os estudantes obtenham sucesso nos exames. Dentre essas motivações, ele destaca a organização eficiente dos estudos e a atenção aos critérios de avaliação.

Quando discutimos desempenho acadêmico, muitos questionam se as modalidades de avaliação, como provas e testes, são capazes de medir os objetivos de aprendizagem contidos nos projetos de formação universitária. Segundo Paivandi (2015), não há como negar a importância que as notas e a conquista de um certificado têm para o alcance dos objetivos definidos pela instituição. O foco desse trabalho está no desempenho acadêmico, por isso, não tem por objetivo discutir os tipos e as formas de avaliações utilizados na universidade para medir o rendimento acadêmico dos seus estudantes, mas levantar e analisar os fatores que podem influenciar nesse desempenho.

Existem diversos tipos e formas de avaliações utilizados no ensino superior para medir o rendimento acadêmico. A mais utilizada é a aplicação de avaliações escritas, trabalhos e testes. Segundo Paivandi (2015), as ferramentas utilizadas para a avaliação (provas, testes, outras produções) medem e averiguam o domínio efetivo do “saber” ou do “saber fazer”, relativo aos conhecimentos apropriados para seu curso, contidos nos respectivos programas de ensino. O rendimento acadêmico geralmente é definido pelas médias em disciplinas, semestre ou ao final do curso. Neste trabalho, o desempenho acadêmico será determinado pelo Coeficiente de Rendimento<sup>14</sup> (CR).

A avaliação do desempenho acadêmico dos estudantes também é um instrumento utilizado para medir os esforços das universidades que buscam qualidade, excelência e relevância. Os processos de avaliação do ensino superior se iniciam nos anos de 1990 com o aumento do número de instituições, levando o Estado brasileiro a definir uma política de regulação do setor (PIRES, 2017).

O sistema de avaliação do ensino superior brasileiro teve início em 1995 com a criação do Exame Nacional de Cursos, também conhecido como "provão". Esse exame, estabelecido pela Lei 9131/1995 e pelo Decreto 2026/1996, tinha como objetivo avaliar os estudantes concluintes dos cursos de graduação, sendo aplicado até o ano de 2003 (PIRES, 2017). Em 2004, foi criado o Sistema Nacional de Avaliação do Ensino Superior (SINAES) cujo objetivo

---

<sup>14</sup> O procedimento de cálculo do CR será apresentado no capítulo referente à metodologia.

é garantir a avaliação das instituições de educação superior, dos cursos de graduação e do desempenho acadêmico de seus estudantes, sendo a avaliação feita pelo ENADE. O ENADE é uma avaliação realizada para verificar o desempenho dos estudantes concluintes de cursos de graduação de todo o país, levando em consideração os conteúdos programáticos dos cursos, competências e habilidades necessárias para sua formação profissional e de forma geral, em função da atualidade do Brasil e do mundo (INEP, 2019a).

Baseado nos estudos aqui revisados, que sinalizam aspectos importantes que interferem no desempenho acadêmico dos estudantes durante o curso de graduação, compreendemos a grande quantidade de variáveis que podem influenciar no desempenho acadêmico. Essa pesquisa realizou a análise do desempenho considerando variáveis sociodemográficas, como estado civil, sexo, origem escolar, etnia, renda e a categoria de cota de ingresso no ensino superior.

## 5 ASPECTOS METODOLÓGICOS

A proposta dessa pesquisa, desde o início, foi responder ao questionamento da existência ou não de diferença entre os desempenhos acadêmicos dos estudantes que ingressaram no curso de Medicina em 2012, pelos concursos Egressos do BI e Vestibular. Para isso, foi realizada uma coleta dos principais dados nos sistemas da UFBA, alguns dados complementares nos Manuais do Candidato, utilizados para as inscrições nos vestibulares, e nos questionários socioeconômicos, que faziam parte do formulário de inscrição preenchido pelos inscritos nos vestibulares da UFBA.

Para a realização do comparativo do desempenho acadêmico dos estudantes foi utilizado o CR, que considera a carga horária dos componentes curriculares cursados, as notas obtidas e o número de semestres cursados. O CR é calculado para todo o percurso do estudante na UFBA. A cada semestre concluído, o CR é atualizado.

A pesquisa foi desenvolvida como um estudo descritivo e exploratório de abordagem quantitativa, com o objetivo de apresentar o comparativo de desempenho acadêmico e o perfil socioeconômico estudantes, egressos do BI e vestibular, aprovados no curso de Medicina da UFBA, no ano de 2012.

Outro procedimento realizado, com o consentimento da Pró-Reitoria de Ensino e Graduação (PROGRAD) para acessar às informações, foi um levantamento dos dados do público alvo, construindo, assim, um banco a partir das bases de dados do Serviço de Seleção, Orientação e Avaliação (SSOA) da UFBA, repositório dos dados do Questionário Socioeconômico e do SIAC da UFBA. Este questionário é composto por perguntas fechadas, com respostas pré-elaboradas, além de ser parte integrante do Requerimento de Inscrição dos candidatos aos cursos da UFBA, em 2012. O banco de dados criado foi ampliado com informações extraídas do SISCON, como idade, origem (rede de ensino frequentada) e etnia/raça.

A análise de dados foi feita com a utilização de testes adequados às análises a partir de frequências e cruzamentos de variáveis, como o teste de associação de Qui-quadrado, bem como as comparações de médias pelos testes *t-Student* e análises de variância (ANOVA). Foi adotado como regra o nível de significância de 5% para a decisão nos testes de hipóteses.

O Teste t é um teste que utiliza a comparação de duas amostras independentes, sendo o método mais utilizado para se avaliar as diferenças entre as médias de dois grupos (VILELA JUNIOR, 2012). Com o teste Qui-quadrado ( $\chi^2$ ), mede-se a associação entre o resultado de

duas variáveis categóricas oriundas de respostas preestabelecidas a questões específicas. Comparam-se as frequências observadas às esperadas, considerando as duas variáveis independentes. Para a comparação entre médias de subgrupos da amostra, utilizou-se o teste *t-Student*, simbolizado pela letra “t”, quando se comparam duas médias, e o teste de análise de variância (ANOVA), se três ou mais médias são comparadas.

Para todos os testes estatísticos, calculou-se uma estatística e uma probabilidade para decisão, chamada genericamente de “p-valor”, simbolizada por “p”. Quando o valor de “p” é inferior a 0,05, conclui-se pela associação entre as variáveis no caso do Qui-quadrado, ou pela diferença entre as médias comparadas, nos casos de *t-Student* ou ANOVA (UNB, 2009).

## 5.1 UNIVERSO DA PESQUISA

O universo da pesquisa totalizou 162 estudantes no ano de 2012, sendo que 32 são estudantes que ingressaram no curso de Medicina por meio do concurso Egressos do Bacharelado Interdisciplinar e 130 ingressaram pelo Vestibular da UFBA. Vale ressaltar que as informações se referem aos estudantes matriculados<sup>15</sup> no curso, não foram considerados os classificados e não matriculados. A definição do ano de 2012 deve-se ao fato de ser o primeiro ano de conclusão de uma turma do BI, desde a sua implantação na UFBA, em 2009. Outro fator importante que foi considerado para a escolha do ano do objeto de estudo foi que, em 2012, por ser a primeira turma do BI, os candidatos, ao ingressar no curso, não tinham a intenção de ingressar no curso de Medicina, por não haver ainda definidas, as regras para transição entre os cursos.

## 5.2 COEFICIENTE DE RENDIMENTO

A avaliação do rendimento escolar compreende regras estabelecidas no regimento geral da UFBA, o qual regulamenta a organização e o funcionamento da instituição de acordo com o disposto na legislação vigente. O art. 70 do Regimento Geral da Universidade determina que a avaliação de aprendizagem deverá ser feita por período letivo (anual ou semestral) e deverão ser consideradas (UFBA, 2010b):

---

<sup>15</sup> Considera-se estudantes matriculados aqueles que, além de serem classificados no processo seletivo, efetivaram sua matrícula com entrega de documentação exigida pela universidade.

- A apuração da frequência às aulas ou atividades e/ou
- As notas obtidas pelos estudantes em trabalhos escolares, testes e provas.

O Regulamento de Ensino de Graduação e Pós-graduação, no Capítulo VI, trata das normas de avaliação da aprendizagem. O art. 106 define que a avaliação da aprendizagem é o processo contínuo de apreciação e verificação da construção de conhecimento dos alunos, bem como acompanhamento, diagnóstico e melhoria do processo de ensino-aprendizagem (UFBA, 2010b).

O coeficiente de rendimento é o índice que indica em números o seu desempenho acadêmico como estudante. Expresso por um número de 0 (zero) e 10 (dez), leva em consideração os resultados obtidos nos componentes curriculares e a suas respectivas cargas horárias. O CR é calculado ao término de cada período letivo, cumulativamente em relação aos períodos anteriores.

A definição do cálculo do CR pode ser encontrada na Resolução nº 02/2017 do Conselho Acadêmico de Ensino (UFBA, 2017b), conforme a fórmula abaixo (UFBA, 2017a):

$$CR = PHC / CH;$$

- PCH = Notas multiplicadas pelas cargas horárias dos componentes curriculares;
- CH = Carga horária total dos componentes matriculados.

Para efeito de cálculo do CR, é levado em consideração o desempenho obtido pelo discente a partir do seu ingresso na UFBA, por qualquer modalidade prevista nas normas da graduação.

Neste estudo, como medida de desempenho dos estudantes que ingressaram em 2012, utilizou-se o valor do CR por estudante. Utilizamos o CR geral, calculado considerando as notas das disciplinas de todos os semestres já cursados pelo aluno e o CR por semestre considerando apenas as notas das disciplinas de cada semestre concluído, para o cálculo do CR. Foram coletados os CR's do primeiro ao décimo semestre equivalendo a cinco anos de curso.

### 5.3 QUESTIONÁRIO SOCIOECONOMICO

São grandes as dificuldades que precisam ser superadas para a realização de um censo universitário, o que, muitas vezes, acaba por impedir que as instituições adotem esse procedimento. Uma das dificuldades é o alto custo para seu planejamento e implementação,

mesmo que seja reconhecida a importância da realização, devido à diversidade de perfis existentes na comunidade universitária. A diversidade e o tempo fazem com que seja necessária a constante atualização dos censos, na medida em que rapidamente tornam-se obsoletos (BRAGA; PEIXOTO, 2006).

Segundo Braga e Peixoto (2006), uma forma eficiente encontrada para tentar superar as dificuldades é a aplicação de um questionário formado por uma gama diversificada de informações. Esse questionário deve ser respondido por todos os candidatos no ato da inscrição no processo de seleção da universidade. Embora não fosse obrigatório, na UFBA, era aplicado um questionário socioeconômico preenchido pelo candidato na inscrição (UFBA, 2011b) para o processo seletivo. Esse instrumento, aplicado anualmente, era respondido pela maioria dos candidatos inscritos, não considerando as outras formas de ingresso, mas essas informações não eram atualizadas posteriormente para que fosse possível verificar as mudanças ocorridas no perfil dos estudantes depois do ingresso na universidade. No entanto, com a implantação do ENEM/SISU como forma de seleção para o ingresso na UFBA, em 2014, esses questionários deixaram de ser aplicados, o que ocasionou a perda dessa pesquisa censitária.

As informações coletadas para essa pesquisa sobre o perfil socioeconômico foram colhidas a partir dos dados dos questionários aplicados nas inscrições dos vestibulares de 2009 (UFBA, 2008) e 2012 (UFBA, 2011a), disponíveis no Sistema de Concursos da UFBA. No questionário de 2009, foram colhidas informações socioeconômicas dos egressos do BI, pois o concurso realizado para ingresso no curso de Medicina não prevê a aplicação de questionário. No questionário de 2012, foram coletados os dados dos estudantes que ingressaram em Medicina por meio do vestibular.

QUADRO 2 – VARIÁVEIS DO QUESTIONÁRIO SOCIOECONÔMICO, UFBA, 2009 E 2012<sup>16</sup>, UTILIZADOS NO PERFIL.

Categoria	Questões
Dados demográficos	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Local de residência;</li> <li>✓ Cor ou raça.</li> </ul>
Vida escolar, em relação ao ensino fundamental (antigo 1º grau)	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Tipo de estabelecimento em que cursou a totalidade ou a maior parte do ensino fundamental;</li> <li>✓ Tipo de estabelecimento em que concluiu o ensino fundamental.</li> </ul>
Vida escolar, em relação ao ensino médio (antigo 2º grau)	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Tipo de estabelecimento em que cursou a totalidade ou a maior parte do ensino médio;</li> <li>✓ Tipo de estabelecimento em que concluiu ou concluirá o ensino médio.</li> </ul>
Nível de instrução e situação ocupacional dos pais	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Nível de instrução do pai ou responsável;</li> <li>✓ Nível de instrução da mãe ou responsável.</li> </ul>
Vestibular	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Número de vezes que prestou vestibular na UFBA;</li> <li>✓ Curso preparatório para vestibular (cursinho).</li> </ul>

Fonte: elaboração da autora com base no questionário socioeconômico UFBA-PROGRAD/SSOA.

O Manual do Candidato possui informações e orientações necessárias para o correto preenchimento do questionário, como, por exemplo, que não deve deixar nenhuma resposta em branco e que existe apenas uma resposta para cada questão. Mesmo com todas as instruções para preenchimento, existem questões que acabam ficando sem resposta, o que não compromete o resultado dessa pesquisa.

<sup>16</sup> Foi considerado o questionário socioeconômico de 2009 para os egressos do BI, respondidos no vestibular de entrada do BI pois o concurso Egressos do BI não prevê questionário socioeconômico. Para os ingressantes pelo vestibular, foi considerado o questionário de 2012, referente ao ano do vestibular para ingresso no curso de Medicina.



## 6 PERFIL SOCIOECONÔMICO DOS ESTUDANTES INGRESSANTES EM MEDICINA EM 2012

De acordo com a análise dos dados levantados nos bancos de dados da UFBA sobre aspectos socioeconômicos dos estudantes de Medicina ingressantes em 2012, foram encontradas as informações relacionadas a seguir de acordo com cada variável disponível. Para conseguir traçar o perfil típico do estudante de Medicina, foi considerada a moda<sup>17</sup>, que é uma medida de posição que identifica o atributo com maior frequência na distribuição dos aspectos selecionados. Os resultados estão apresentados nas seções a seguir.

Observando o Quadro 3, pode-se concluir que os estudantes que ingressaram nos BI em 2009 são mais velhos, concluíram o ensino médio há mais de três anos e são mulheres. Já os ingressantes pelo vestibular em 2012 são mais novos, acabaram de concluir o ensino médio e são homens. Em ambos os grupos são maioria os ingressantes de etnia/raça parda, com origem escolar privada e que fizeram cursinho durante mais de um ano; apenas 32,10% prestaram vestibular pela primeira vez para o BI, o que demonstra que mais de 60,00% prestou outros vestibulares para ingressar no ensino superior. Quase 70,00% dos estudantes que ingressaram no curso de Medicina em 2012, por meio do vestibular, prestaram mais de um vestibular para ingressar no curso.

QUADRO 3 – CARACTERÍSTICAS DOS INGRESSANTES EM MEDICINA DA UFBA, NO ANO DE 2012.

ATRIBUTO	FORMA DE INGRESSO	
	EGRESSOS DO BI	VESTIBULAR
Sexo	Feminino (65,60%)	Masculino (54,60%)
Idade/Faixa Etária	20 a 24 anos (50,00%)	16 a 19 anos (53,80%)
Cota Classificação Vestibular <sup>18</sup>	E (56,30%)	E (53,80%)
Origem Escolar	Privado (56,30%)	Privado (53,80%)
Etnia/Raça	Pardo (62,50%)	Pardo (58,50%)
Origem Escolar do Ensino Médio	Escola Privada (56,30%)	Escola Privada (51,50%)
Ano em que concluiu o E.M.	Há mais de três anos (100,00%)	No ano passado (28,00%)
Cursinho pré-vestibular	Mais de um ano (35,70%)	Mais de um ano (37,00%)

(Continua)

<sup>17</sup> Medida de posição que identifica o atributo com maior frequência na distribuição das categorias selecionadas (DANCEY; REIDY, 2006, p. 60).

<sup>18</sup> Categoria E – Não cotista.

ATRIBUTO	FORMA DE INGRESSO	
	EGRESSOS DO BI	VESTIBULAR
Localização da Residência	Salvador e área metropolitana (71,40%)	Salvador e área metropolitana (77,20%)
Nível de instrução do pai	Ensino Médio Completo e Superior Completo (30,80% cada)	Superior Completo (46,30%)
Nível de instrução da mãe	Superior Completo (46,40%)	Superior Completo (52,40%)
Número de vezes que prestou vestibular <sup>19</sup>	Uma vez (32,10%)	Uma vez (30,70%)
Renda Familiar	5 a 10 salários mínimos (31,30%)	5 a 10 salários mínimos (26,20%)

Fonte: Elaborado pela autora com base no questionário socioeconômico UFBA-PROGRAD/SSOA.

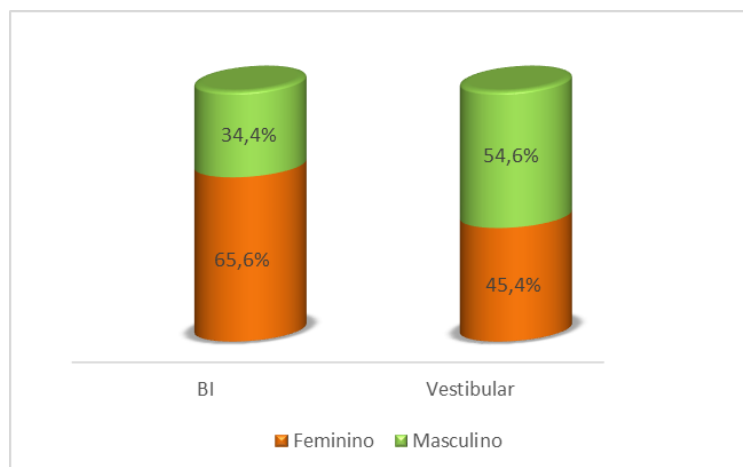
Segundo Cavalcante (2007), no vestibular da Fundação Universitária para o Vestibular (Fuvest) de 2007 para o curso de Medicina da Universidade de São Paulo (USP), *campi* Capital e Ribeirão Preto, e na Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo, os ingressantes eram majoritariamente brancos, homens e com idade entre 18 e 19 anos, o que se assemelha com o grupo de ingressantes pelo vestibular em relação ao sexo e idade, divergindo em cor. Para os ingressantes do BI todas as características encontradas nessa pesquisa são divergentes com os dados encontrados na USP.

De acordo com Zandoná (2005), na Universidade Federal do Paraná, Medicina é o curso mais procurado e também o que apresenta a mais alta relação entre candidato e vaga, assim como o curso de Medicina da UFBA. Trata-se de um curso tradicionalmente considerado de elite, pois os candidatos com melhor situação socioeconômica e educacional têm maior probabilidade de serem aprovados no processo seletivo.

Conforme o Gráfico 4, a maioria dos estudantes originários do BI de Saúde são mulheres, enquanto que os ingressos via vestibular são homens. O grupo do BI confirma o que acontece na maioria dos cursos de Medicina no Brasil e no mundo (FIOROTTI; ROSSONI; MIRANDA, 2010). Conforme esses autores, numa pesquisa na Universidade Federal do Espírito Santo – UFES, houve um predomínio de estudantes do sexo feminino ingressantes no curso de Medicina em 2007, acompanhando a tendência mundial de crescimento da participação das mulheres na Medicina. O concurso de egressos do BI pode ser percebido como a porta de ingresso para estudantes do sexo feminino nesse espaço predominantemente masculino.

<sup>19</sup> No grupo do BI, esses dados correspondem ao ingresso do estudante no BI e não no curso de Medicina.

GRÁFICO 4 - PERCENTUAL DOS ESTUDANTES DO CURSO DE MEDICINA DA UFBA, INGRESSANTES EM 2012, POR FORMA DE INGRESSO E SEXO

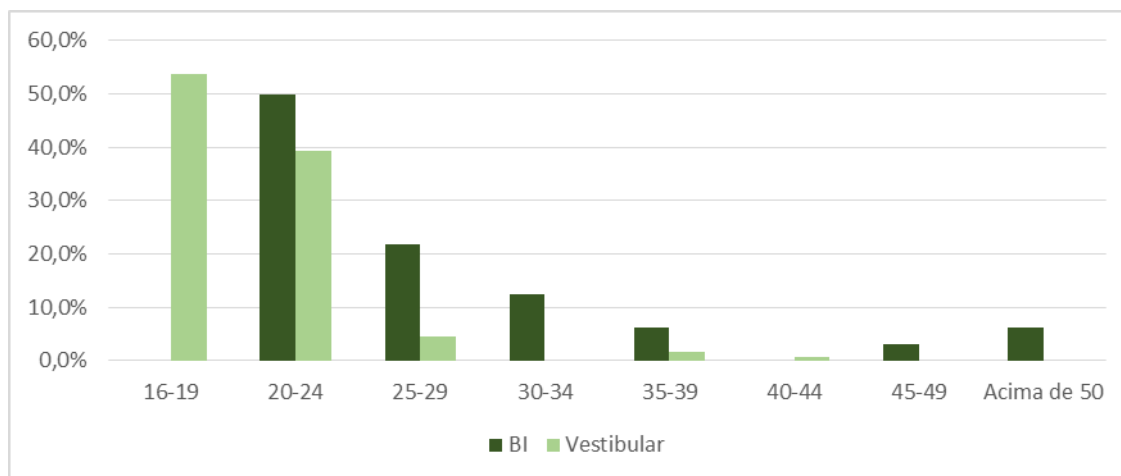


Fonte: Elaborado pela autora com base no questionário socioeconômico UFBA-PROGRAD/SSOA.

No Gráfico 5 observamos o percentual dos estudantes nas diversas faixas etárias, em cada grupo, no ano em que ingressaram no curso de Medicina. Os estudantes mais novos são os que ingressaram via vestibular e os mais velhos são oriundos do BI. O maior número de estudantes que ingressaram pelo vestibular está entre 16 e 19 anos, enquanto que os egressos do BI têm entre 20 e 24 anos. Deve ser considerado que a diferença entre as faixas etárias predominantes dos dois grupos é pequena e que os estudantes egressos do BI já cursaram, no mínimo, 3 anos de universidade, o que torna essa diferença insignificante. Porém, observamos que, no grupo do BI, há estudantes na faixa etária acima de 45 anos, o que não é observado no grupo dos ingressantes pelo vestibular. Com isso, podemos afirmar que o BI possibilita o acesso para estudantes acima de 40 anos ao curso de maior seletividade da UFBA.

Os dados do Gráfico 5 mostram que, na primeira turma de BI ingressos em 2009 na UFBA, a maior procura foi de pessoas com uma faixa etária mais elevada, o que sugere que estes indivíduos, quando jovens, não tiveram a possibilidade de ingressar no curso de Medicina. Achados de uma pesquisa realizada pelo Observatório da Vida Estudantil (SAMPAIO; COELHO, 2019) confirmam que essa tendência foi mudando ao longo do tempo com o ingresso cada vez maior de jovens de 16 a 19 anos. Os estudantes em desvantagem socioeconômica chegam mais velhos ao ensino superior, precisam trabalhar e, talvez, demoram mais tempo para compreender a dinâmica da vida universitária.

GRÁFICO 5 - PERCENTUAL DOS ESTUDANTES DO CURSO DE MEDICINA DA UFBA, INGRESSANTES EM 2012, POR FORMA DE INGRESSO E FAIXA ETÁRIA



Fonte: Elaborado pela autora com base no questionário socioeconômico UFBA-PROGRAD/SSOA.

Segundo levantamento realizado por Ristoff (2013) com os dados dos Questionários Socioeconômico do ENADE – QSE<sup>20</sup>, ao final do 3º ciclo avaliativo (2010 a 2012), 74% dos estudantes dos cursos de Medicina no Brasil são de cor branca e apenas 2% são pretos. Cardoso Filho e colaboradores (2015) apontam, em pesquisa do perfil socioeconômico dos estudantes de Medicina da UERN, que 48,6% são de cor branca e 38,9 são pardos.

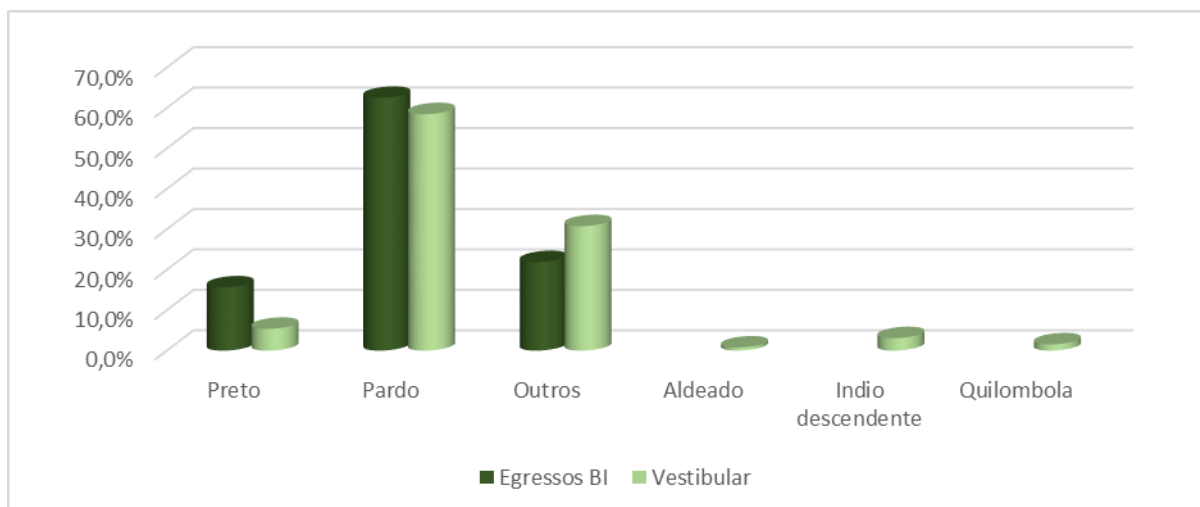
O Gráfico 6 nos diz que, entre os estudantes de Medicina da UFBA ingressos em 2012, há uma maior incidência de pardos, tanto dos oriundos do BI como do vestibular com 62,5% e 58,5%, respectivamente. Em segundo lugar, destaca-se o grupo de estudantes que se autodeclararam de outras<sup>21</sup> etnias, 21,9% para os egressos do BI e 30,8% para os ingressos pelo vestibular.

Esse alto índice dos estudantes autodeclarados pardos pode ser compreendido pela implantação do sistema de cotas no vestibular, que, desde 2005, fixou uma reserva de 36,55% das vagas para candidatos de escola pública, pretos ou pardos.

<sup>20</sup> Questionário Socioeconômico respondido por todos os estudantes participantes do Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes - ENADE.

<sup>21</sup> Pode-se considerar outras etnias qualquer etnia diferente de preto, pardo, albedo, quilombola ou índio descendente.

GRÁFICO 6 - PERCENTUAL DOS ESTUDANTES DO CURSO DE MEDICINA DA UFBA, INGRESSANTES EM 2012, POR FORMA DE INGRESSO E ETNIA/COR/RAÇA



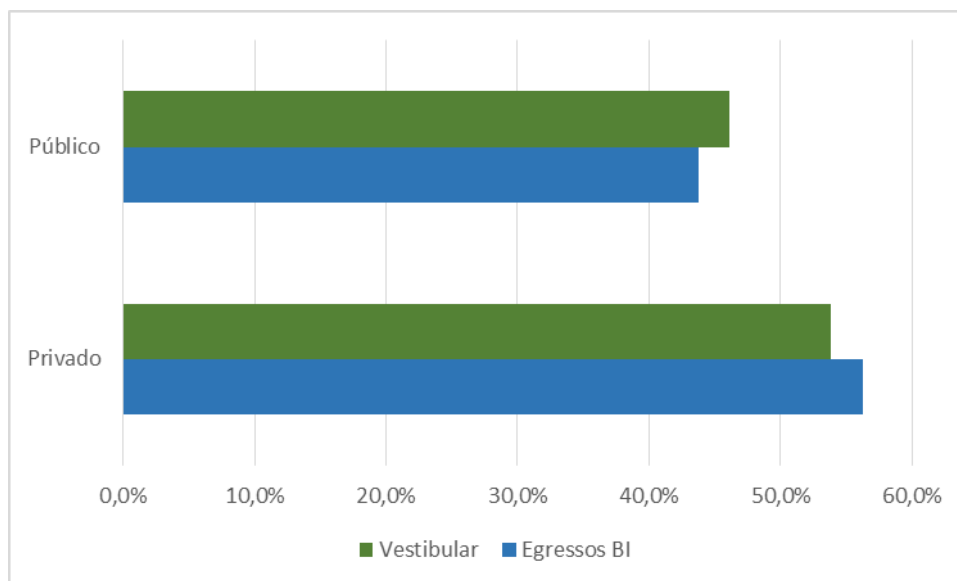
Fonte: Elaborado pela autora com base no questionário socioeconômico UFBA-PROGRAD/SSOA.

Não houve ocorrência de estudantes aldeados, quilombolas e índio-descendentes nos egressos do BI. Candidatos autodeclarados como pretos aparecem em maior número no grupo de Egressos BI, com 15,6% contra 5,4% do grupo do Vestibular. Dessa forma, o concurso Egressos BI incluiu um percentual maior de negros (pretos e pardos) no curso de mais alta demanda da UFBA.

O Gráfico 7 mostra que, em relação à origem escolar<sup>22</sup>, entre os ingressantes em Medicina no ano de 2012 na UFBA, houve um maior número de estudantes oriundos da escola privada tanto no grupo dos egressos do BI quanto no grupo do vestibular, com 56,3% e 53,8%, respectivamente. Este fato coincide com o resultado de uma pesquisa realizada, em 2007, na UFES por Fiorotti, Rossoni e Miranda (2010). Esses autores identificaram que a maioria dos estudantes de Medicina daquela universidade era procedente de escolas privadas. Isso demonstra que o ingresso de estudantes vindos da escola pública, principalmente em cursos de alta demanda como Medicina, ainda é baixo, o que justifica a manutenção e mesmo o incremento de políticas de ação afirmativa.

<sup>22</sup> Em 2012, para considerar que um estudante tinha Origem Escolar Pública era necessário ter cursado todo o ensino médio e pelo menos uma série entre a 5ª e 8ª série do ensino fundamental em escola pública. Todos os outros casos eram considerados Origem Escola Privada.

GRÁFICO 7 - PERCENTUAL DOS ESTUDANTES DO CURSO DE MEDICINA DA UFBA, INGRESSANTES EM 2012, POR FORMA DE INGRESSO E ORIGEM ESCOLAR



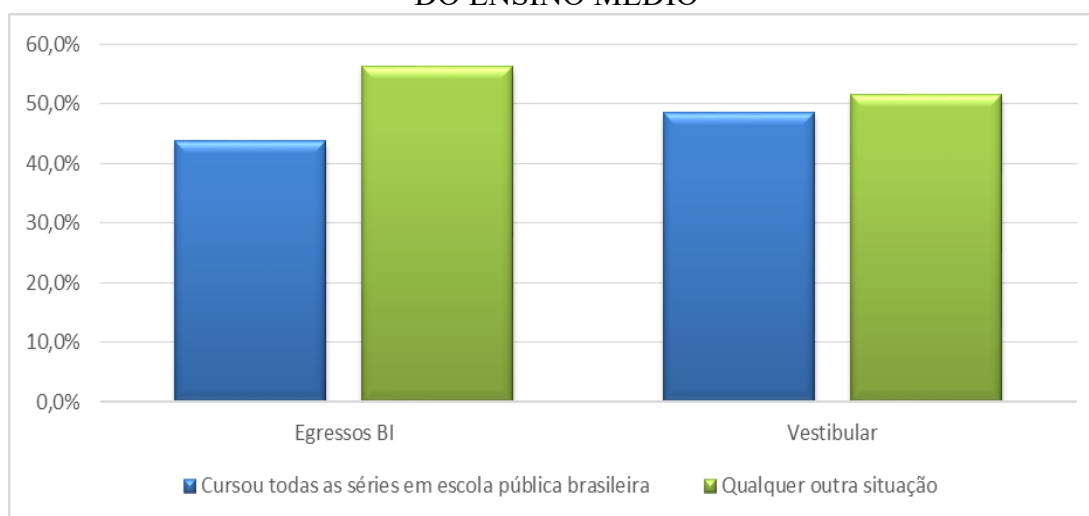
Fonte: Elaborado pela autora com base no questionário socioeconômico UFBA-PROGRAD/SSOA.

Quando é feita a análise apenas do ensino médio dos estudantes, conforme Gráfico 8, os dados se confirmam em relação à origem escolar dos participantes do estudo, sendo predominante a origem privada. Seguindo essa mesma tendência, uma pesquisa realizada pelo CREMESP com os recém-formados em Medicina identificou que 85% dos que responderam o questionário têm origem no ensino médio privado.

Segundo Ristoff (2013), no levantamento do Questionário Socioeconômico (QSE), em todo o país, 87% dos estudantes frequentaram escola pública no ensino médio, o que representa a grande maioria. Porém, no final do 2º ciclo<sup>23</sup>, apenas 51% dos estudantes que ingressaram no ensino superior cursaram o ensino médio em escola pública. Já em relação ao curso de Medicina, no 3º ciclo, apenas 11% dos estudantes dos cursos de Medicina no Brasil cursaram todo o ensino médio em escola pública, o que demonstra a seletividade deste curso, favorecendo o ingresso de estudantes provenientes de instituições privadas do ensino médio. Isso se evidencia nos cursos de alta demanda, como Direito, Medicina e Odontologia, ao contrário do que acontece com os cursos de baixa relação candidato/vaga, como Pedagogia, Matemática, Letras e Secretariado, nos quais há forte concentração de estudantes oriundos do ensino médio público (RISTOFF, 2013).

<sup>23</sup> O ENADE é dividido em ciclos avaliativos em que todos os cursos são avaliados em cada ciclo. O primeiro ciclo avaliativo corresponde ao período entre 2004 e 2006, o segundo entre 2007 e 2009 e o terceiro entre 2010 e 2012 (INEP, 2014).

GRÁFICO 8 - PERCENTUAL DOS ESTUDANTES DO CURSO DE MEDICINA DA UFBA, INGRESSANTES EM 2012, POR FORMA DE INGRESSO E ORIGEM ESCOLAR DO ENSINO MÉDIO

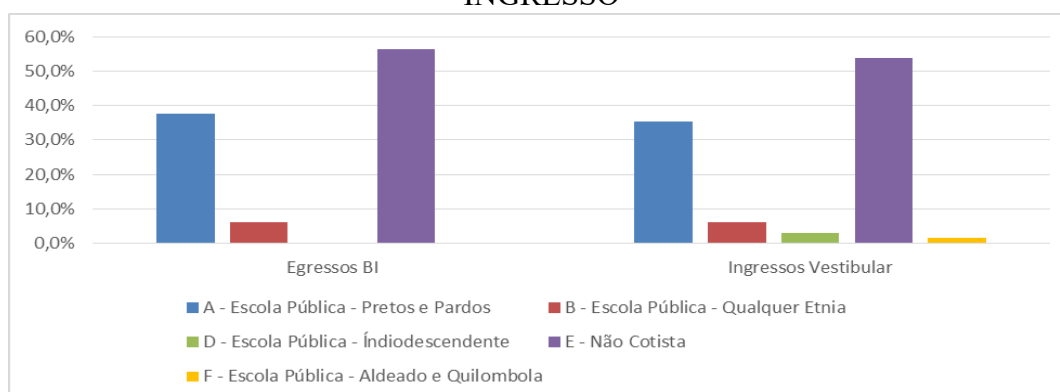


Fonte: Elaborado pela autora com base no questionário socioeconômico UFBA-PROGRAD/SSOA.

Na pesquisa feita por Sampaio e Coelho (2019), observou-se que, dentre os estudantes ingressantes no BI Saúde, os que cursaram o ensino médio em escola pública eram maioria até o ano de 2012. A partir de 2013 essa realidade se inverteu, predominando os estudantes vindos do ensino médio de escolas privadas. No Gráfico 8, no curso de Medicina da UFBA de alunos ingressantes em 2012, é demonstrado o inverso, pois dos estudantes oriundos do BI, na sua maioria, vieram do ensino médio de escolas particulares, assim como no grupo do vestibular, com percentual de 56,30% e 51,50%, respectivamente.

O Gráfico 9 apresenta o predomínio de estudantes não cotistas (categoria E), tanto no universo de egressos do BI como nos que ingressaram via vestibular, com 56,30% e 53,80%, respectivamente. Entre as categorias de cota, a maior concentração de estudantes está no grupo de estudantes pretos e pardos oriundos de escolas públicas (categoria A), com 37,50% no grupo do BI e 35,40% no grupo do vestibular. O ingresso de índio descendentes e aldeados e quilombolas ocorreu por meio do vestibular.

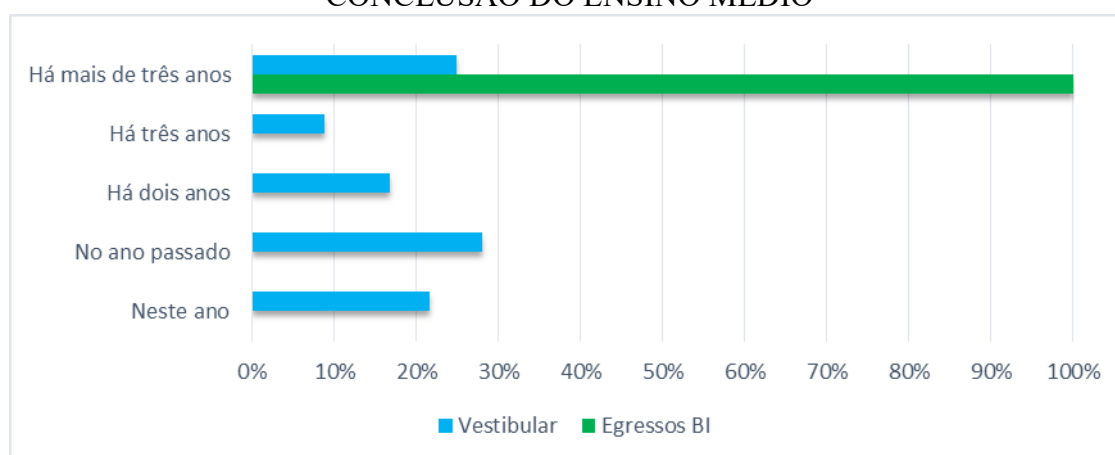
GRÁFICO 9 - PERCENTUAL DOS ESTUDANTES DO CURSO DE MEDICINA DA UFBA, INGRESSANTES EM 2012, POR FORMA DE INGRESSO E COTA DE INGRESSO



Fonte: Elaborado pela autora com base no questionário socioeconômico UFBA-PROGRAD/SSOA.

Outra informação considerada no questionário para definição do perfil dos estudantes foi o tempo de conclusão do ensino médio. Podemos concluir através do Gráfico 10 que, dentre os ingressantes em 2012 em Medicina, todos os egressos BI concluíram o ensino médio há mais de 3 anos<sup>24</sup>, pelo fato deles terem cursado ao menos por 3 anos o curso de Bacharelado Interdisciplinar em Saúde para depois ingressarem em Medicina.

GRÁFICO 10 - PERCENTUAL DOS ESTUDANTES DO CURSO DE MEDICINA DA UFBA, INGRESSANTES EM 2012, POR FORMA DE INGRESSO E TEMPO DE CONCLUSÃO DO ENSINO MÉDIO



Fonte: Elaborado pela autora com base no questionário socioeconômico UFBA-PROGRAD/SSOA.

No grupo de estudantes do vestibular, como mostra o Gráfico 10, esses percentuais são bastante equilibrados: 28,00% dos alunos concluíram o ensino médio um ano antes do

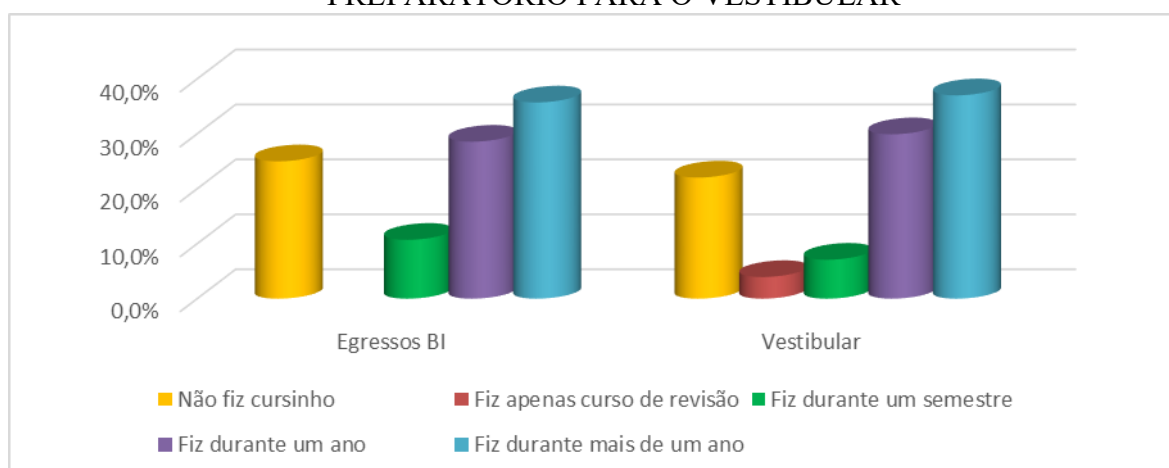
<sup>24</sup> Para efeito de comparação essa informação foi ajustada, somando-se 3 anos (referente ao período que os estudantes cursaram o BI) à opção escolhida por eles no questionário de 2009 (ano que prestaram o vestibular para o BI).



vestibular 2012 e 24,80% concluíram há mais de 3 anos. Apenas pouco mais de 20% dos estudantes conseguiram ingressar no curso de Medicina no ano de conclusão do ensino médio. Isso confirma mais uma vez a alta seletividade e concorrência no curso de Medicina, demonstrando que os candidatos prestam vestibular por vários anos seguidos para conseguir ingressar nesse curso.

Os estudantes que não conseguem passar no vestibular ao concluírem o ensino médio recorrem aos cursinhos preparatórios para o vestibular como reforço para seus estudos. No Gráfico 11, vemos que, na população do estudo, a maioria dos estudantes fez cursinho preparatório para ingressar na universidade; 28,60% do grupo de egressos do BI fez curso preparatório durante um ano e 35,70% cursou pré-vestibulares durante mais de um ano. Entre os estudantes oriundos do vestibular, os percentuais foram 29,90% e 37,00%, respectivamente.

GRÁFICO 11 – PERCENTUAL DOS ESTUDANTES DO CURSO DE MEDICINA DA UFBA, INGRESSANTES EM 2012, POR FORMA DE INGRESSO E CURSO PREPARATÓRIO PARA O VESTIBULAR



Fonte: Elaborado pela autora com base no questionário socioeconômico UFBA-PROGRAD/SSOA.

O Gráfico 11 nos diz que há uma descontinuidade entre o ensino médio e o superior, provocando atraso no ingresso na universidade, pois, independente da origem (BI ou vestibular), a maioria dos estudantes fez um ou mais anos de curso preparatório para adentrar o ensino superior. Muitas vezes, apenas os estudantes de classe alta podem continuar a tentar o tão sonhado curso, enquanto que os de segmentos mais modestos terminam por escolher outros cursos em que sua aprovação é mais provável.

Como consequência da alta concorrência, os estudantes concluem o ensino médio e precisam prestar vestibular por vários anos até conseguir ingressar no ensino superior. Na Tabela 4, observamos que, dentre o número de vezes que os estudantes prestaram vestibular

na UFBA anteriormente, no grupo do BI, 32,1% tentou uma única vez, enquanto que 28,6% tentou duas vezes. Já no grupo do vestibular, 30,7% tentou uma vez e 27,6% duas vezes. Desta forma, a maioria dos estudantes que acessaram o curso de Medicina da UFBA prestou vestibular mais de uma vez, confirmando a alta seletividade e concorrência deste curso. O que chama a atenção é o percentual alto dos estudantes que prestaram vestibular quatro vezes ou mais até conseguirem ingressar no curso, com 14,30% para o grupo do BI e 11,00% para o vestibular.

TABELA 4 – PERCENTUAL DOS ESTUDANTES DO BI E VESTIBULAR DO CURSO DE MEDICINA DA UFBA INGRESSANTES EM 2012 POR NÚMERO DE VEZES QUE PRESTARAM VESTIBULAR NA UFBA<sup>25</sup>

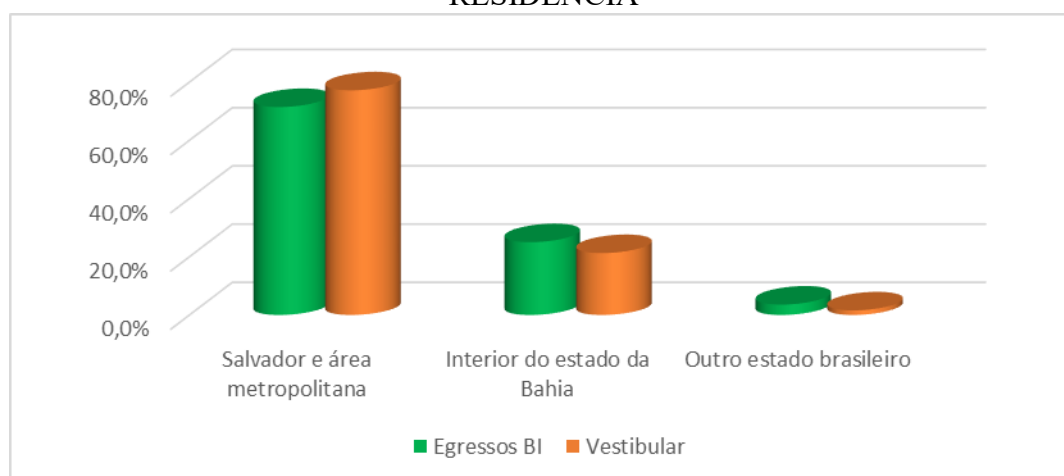
Alternativas	Forma de Ingresso	
	Egressos BI	Vestibular
Nenhuma outra vez	14,30%	8,70%
Uma vez	32,10%	30,70%
Duas vezes	28,60%	27,60%
Três vezes	10,70%	22,00%
Quatro vezes ou mais	14,30%	11,00%

Fonte: Elaborado pela autora com base no questionário socioeconômico UFBA-PROGRAD/SSOA.

Pelo Gráfico 12, concluímos que a grande maioria dos estudantes que acessaram o curso de Medicina em 2012 são oriundos de Salvador ou região metropolitana, com 71,4% no grupo dos egressos BI e 77,3% no vestibular. Fica evidente que o acesso daqueles com origem no interior do Estado da Bahia ou de outros estados ao curso de Medicina da UFBA ainda é baixo. Pimentel (2017), em estudo realizado entre os estudantes ingressantes no BI Saúde da UFBA em 2016.1, verificou que 48% são da cidade de Salvador, 43% provêm de outros municípios do estado da Bahia e 9% de outros estados do Brasil.

<sup>25</sup> O questionário socioeconômico do grupo de egressos do BI foi respondido em 2009, ano em que os estudantes concorreram ao vestibular da UFBA. Desta forma, apenas o vestibular para ingresso no BI foi considerado na pesquisa, já que o concurso de transição do BI para o curso de Medicina é considerado um concurso interno.

GRÁFICO 12 – PERCENTUAL DOS ESTUDANTES DO CURSO DE MEDICINA DA UFBA, INGRESSANTES EM 2012, POR FORMA DE INGRESSO E LOCAL DE RESIDÊNCIA



Fonte: Elaborado pela autora com base no questionário socioeconômico UFBA-PROGRAD/SSOA.

Segundo Nogueira e Nogueira (2002), em relação à escolaridade dos pais dos estudantes, foi identificada uma possível relação entre o desempenho dos estudantes e o nível de escolaridade dos pais. Quanto maior escolaridade dos pais, mais aptos estes estariam a estimular a continuidade dos estudos dos filhos, contribuindo, por exemplo, com a realização de tarefas escolares.

TABELA 5 – PERCENTUAL DOS ESTUDANTES DO BI E VESTIBULAR DO CURSO DE MEDICINA DA UFBA INGRESSANTES EM 2012 POR GRAU DE INSTRUÇÃO DA MÃE

Alternativas <sup>26</sup>	Forma de Ingresso	
	Egressos BI	Vestibular
Primário incompleto (ou menos da 4ª série do Ensino Fundamental)	0,00%	3,20%
Primário completo (ou 4ª série completa)	3,60%	0,00%
Ginasial incompleto (ou mais da 4ª série e menos da 8ª série)	0,00%	3,20%
Ginasial completo (Ensino Fundamental completo)	7,10%	1,60%
Colegial incompleto (ou Ensino Médio incompleto)	0,00%	4,80%
Colegial completo (ou Ensino Médio completo)	35,70%	30,20%
Superior Incompleto	7,10%	4,80%
Superior Completo	46,40%	52,40%

Fonte: Elaborado pela autora com base no questionário socioeconômico UFBA-PROGRAD/SSOA.

No grupo de estudantes pesquisado, conforme Tabela 5, vemos que, em relação ao nível de instrução da mãe dos estudantes no grupo do BI, os maiores percentuais são aquelas

<sup>26</sup> Descrições das alternativas utilizadas conforme opções disponibilizadas nos questionários socioeconômicos.

com nível superior completo, com 46,40%, e colegial completo, 35,70%. Já no grupo do vestibular, os níveis de instrução das mães mais destacados foram iguais ao grupo do BI, com 52,40% e 30,20%, respectivamente. Considerando o nível superior incompleto ou completo, as mães dos estudantes do BI somam 53,50%, e no grupo vestibular, são 57,20% das mães.

Conforme Cardoso Filho e colaboradores (2015), no perfil realizado com os estudantes de Medicina da UERN em 2013, 23,60% das mães tem ensino superior completo e 22,20% ensino médio completo. Já no estudo feito por Pimentel (2017) com os ingressantes do BI Saúde em 2016.1, foi identificada uma concentração do nível de escolaridade no ensino médio com 48,00% das mães, seguido por 39,00% das mães que possuem nível superior completo.

Já em relação ao nível de instrução do pai de cada estudante, Tabela 6, a maioria deles possui Colegial completo e Superior completo, ambos com 30,80% no grupo de egressos BI. O grupo que prestou o vestibular possui 46,30% dos pais com Superior Completo.

TABELA 6 – PERCENTUAL DOS ESTUDANTES DO BI E VESTIBULAR DO CURSO DE MEDICINA DA UFBA INGRESSANTES EM 2012 POR NÍVEL DE INSTRUÇÃO DO PAI

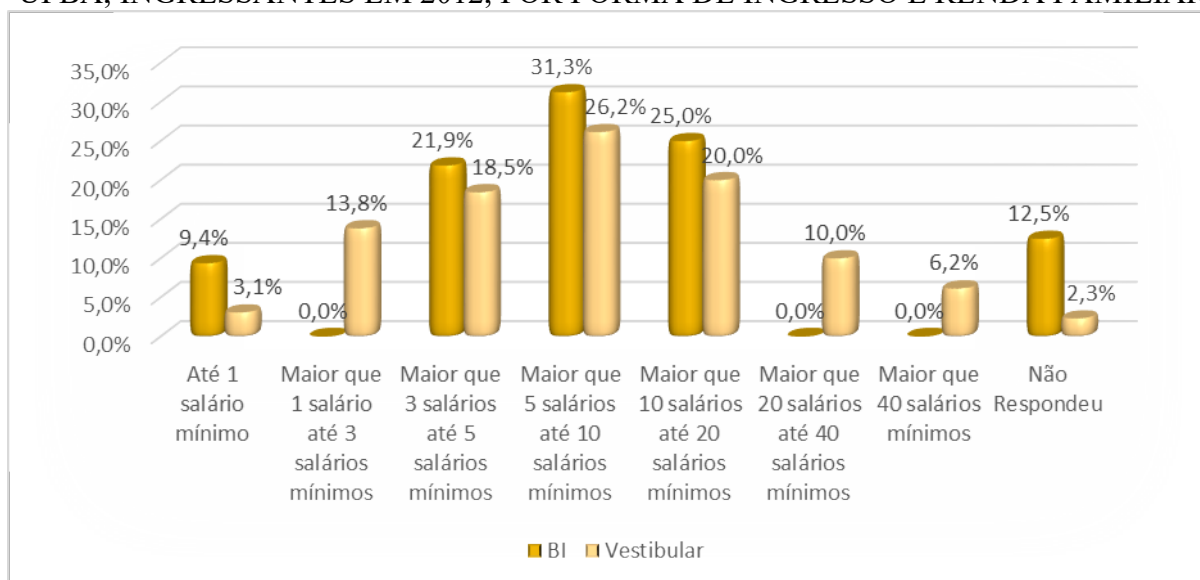
Alternativas	Forma de Ingresso	
	Egressos BI	Vestibular
Nunca frequentou a escola	0,00%	0,80%
Primário incompleto (ou menos da 4ª série do Ensino Fundamental)	7,70%	8,10%
Primário completo (ou 4ª série completa)	3,80%	2,40%
Ginásial incompleto (ou mais da 4ª série e menos da 8ª série)	3,80%	4,90%
Ginásial completo (Ensino Fundamental completo)	3,80%	1,60%
Colegial incompleto (ou Ensino Médio incompleto)	3,80%	4,90%
Colegial completo (ou Ensino Médio completo)	30,80%	22,80%
Superior Incompleto	15,40%	8,10%
Superior Completo	30,80%	46,30%

Fonte: Elaborado pela autora com base no questionário socioeconômico UFBA-PROGRAD/SSOA.

A pesquisa feita por Ristoff (2013) com o levantamento do QSE do ENADE mostra que 43,00% dos estudantes dos cursos de Medicina no Brasil são filhos de pais que possuem nível superior como escolaridade. Na mesma pesquisa, Ristoff fez um comparativo entre os resultados da escolaridade do pai dos estudantes de Medicina levantados nos 3 ciclos e identificou que entre o primeiro (69,00%) e o terceiro ciclo (43,00%) houve uma redução dos filhos de pai com escolaridade superior, o que confirma que as políticas de inclusão

desenvolvidas nos últimos anos nas universidades estão criando oportunidade para estudantes que representam a primeira geração na família a ter acesso a um curso de nível superior.

**GRÁFICO 13 - PERCENTUAL DOS ESTUDANTES DO CURSO DE MEDICINA DA UFBA, INGRESSANTES EM 2012, POR FORMA DE INGRESSO E RENDA FAMILIAR**



Fonte: Elaborado pela autora com base no questionário socioeconômico UFBA-PROGRAD/SSOA.

No Gráfico 13, pode-se observar que, dentre os alunos ingressantes no curso de medicina em 2012<sup>27</sup> oriundos do BI, a maioria possui renda familiar entre 5 a 10 salários mínimos, com uma porcentagem de 31,30%. No estudo feito por Sampaio e Coelho (2019), verificou-se que a maior parte dos estudantes ingressantes no BI possui renda familiar entre 01 e 03 salários mínimos, sendo 48,50% em 2012, havendo uma redução em 2013 para 35,30%. No comparativo entre os anos, as autoras identificaram que houve um aumento na faixa de 5 a 10 salários, o que sugere que o perfil dos estudantes ingressantes no BI está mudando com o passar dos anos.

<sup>27</sup> O dado de renda familiar foi coletado no questionário socioeconômico preenchido pelo estudante no vestibular para o BI em 2009.

## 7 ANÁLISE DO DESEMPENHO DOS ESTUDANTES DE MEDICINA DE 2012

Quando se trata de avaliar o desempenho acadêmico, é unanimidade na literatura as dificuldades que se interpõem à realização dessa tarefa devido à grande quantidade de variáveis que devem ser consideradas. O que hoje é utilizado nas universidades para decisões e progressões, como critérios de desempate para monitoria e escalonamento de matrícula, é a nota obtida nas disciplinas, o que motivou a escolha do CR como um indicador do desempenho acadêmico dos estudantes neste trabalho.

Uma abordagem descritiva e comparativa foi aplicada aos dados coletados utilizando o CR e as variáveis socioeconômicas de categoria de cota, sexo, etnia, origem escolar, idade, renda familiar, participação na renda familiar, número de vezes que fez vestibular na UFBA, estado civil e ano que concluiu o ensino médio. A intenção foi verificar se existe uma relação entre o perfil socioeconômico e o desempenho, influenciando no resultado de cada grupo em estudo. Para isso, foi utilizada a média aritmética dos CR<sup>28</sup> calculados por grupos de estudantes.

Lembrando que os dados socioeconômicos foram coletados no momento do vestibular dos estudantes e estes não foram atualizados durante a graduação, mas este fato não diminui a importância de sua análise.

Foram realizados testes estatísticos para verificar a existência de diferença entre as médias dos CR dos grupos dos estudantes do curso de Medicina ingressantes em 2012, utilizado o teste *t-Student* na comparação de duas médias e o teste ANOVA na comparação da média do CR em dois ou mais grupos.

Os gráficos *Box-Plot* também foram utilizados, pois permitem uma visualização das diferenças e semelhanças entre os grupos pesquisados<sup>29</sup>; os testes estatísticos, por sua vez, comprovam a existência ou não destas diferenças.

O Quadro 4 nos diz que os estudantes do curso de Medicina oriundos do BI que apresentaram maiores médias são mulheres, solteiras, com origem escolar no sistema privado,

---

<sup>28</sup> O CR dos estudantes foi calculado levando em consideração os 10 primeiros semestres do curso (entre 2012 e 2016).

<sup>29</sup> O *Box Plot* (também chamado de *box* e *whisker plot*) é um método alternativo ao histograma para representar os dados. O *Box Plot* fornece informação sobre as seguintes características do conjunto de dados: localização, dispersão, assimetria, comprimento da cauda e *outliers* (medidas discrepantes). O grande objetivo é verificar a distribuição dos dados. Assim, as conclusões que tiramos ao analisar um *box plot* são: centro dos dados (a média ou mediana), a amplitude dos dados (máximo – mínimo), a simetria ou assimetria do conjunto de dados e a presença de *outliers*.

que prestaram vestibular 2 ou 3 vezes, estão na faixa etária entre 35 e 39 anos, possuem renda familiar entre 3 e 10 salários mínimos e foram classificados no vestibular na categoria de cota E. Já os estudantes ingressantes pelo vestibular são mais novos, entre 16 e 19 anos, mulheres, solteiras que acabaram de concluir o ensino médio, de escola privada, possuem renda familiar maior que 40 salários mínimos e foram classificados no vestibular na categoria de cota E.

**QUADRO 4 – CARACTERÍSTICAS DOS INGRESSANTES EM MEDICINA DA UFBA NO ANO DE 2012 QUE APRESENTARAM MAIORES MÉDIAS NO DESEMPENHO ACADÊMICO.**

ATRIBUTO	FORMA DE INGRESSO	
	EGRESSOS DO BI	VESTIBULAR
Estado Civil	Solteiro (7,62)	Solteiro (7,79)
Número de vezes que prestou vestibular <sup>30</sup>	2 vezes (7,68) 3 vezes (7,67)	Nenhuma (8,22)
Sexo	Feminino (7,36)	Feminino (7,97)
Origem Escolar	Privado (7,82)	Privado (7,97)
Etnia/Raça	Outros (7,90)	Aldeado (8,20) Outros (7,91)
Idade/Faixa Etária	35 a 39 anos (7,85)	16 a 19 anos (7,99)
Renda Familiar	Maior que 3 e menor que 5 salários mínimos (7,59) Maior que 5 e menor que 10 salários mínimos (7,60)	Maior que 40 salários mínimos (8,45)
Cota Classificação Vestibular <sup>31</sup>	E (7,82)	E (7,97)

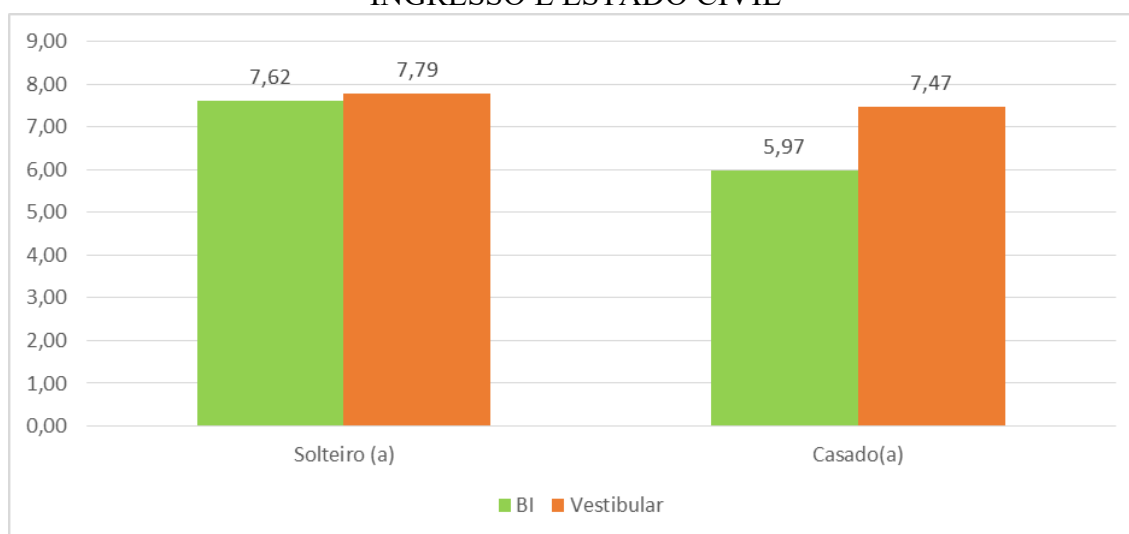
Fonte: Elaborado pela autora com base no questionário socioeconômico e base de dados UFBA-PROGRAD/SSOA.

Analisando as médias do CR por estado civil, percebe-se que os estudantes solteiros possuem uma média superior aos estudantes casados tanto no BI quanto no vestibular (Gráfico 14). Entretanto, como essas diferenças das médias não foram estatisticamente significantes, podemos assim concluir que o estado civil não tem influência no desempenho dos estudantes do curso de Medicina ingressantes em 2012.

<sup>30</sup> No grupo do BI, esses dados correspondem ao ingresso do estudante no BI em 2009, e não no curso de Medicina.

<sup>31</sup> Categoria E – Não cotista.

GRÁFICO 14 – MÉDIA DOS COEFICIENTES DE RENDIMENTO DOS ESTUDANTES DO CURSO DE MEDICINA DA UFBA INGRESSANTES EM 2012 POR FORMA DE INGRESSO E ESTADO CIVIL



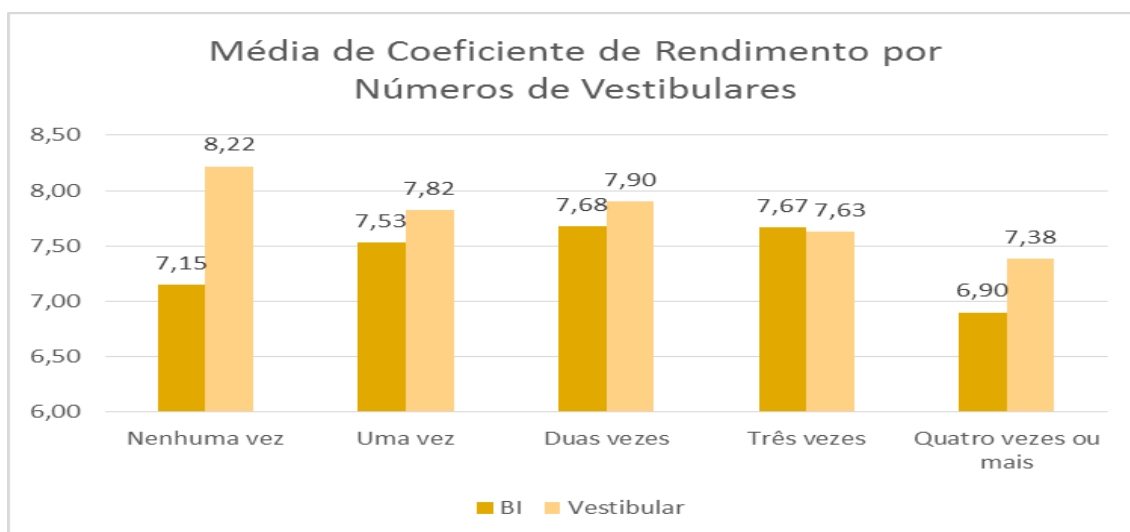
Fonte: Elaborado pela autora com base no SIAC/PROGRAD/UFBA e questionário socioeconômico PROGAD/SSOA/UFBA.

Outra variável analisada foi o número de vestibulares prestados anteriormente na UFBA em relação ao desempenho. Conforme pode ser verificado no Gráfico 15, as médias do CR dos estudantes que ingressaram pelo vestibular são superiores na maioria das opções em relação aos estudantes egressos do BI, com exceção dos estudantes que tentaram 3 vezes o vestibular na UFBA. Porém a única diferença estatisticamente significativa<sup>32</sup> ocorreu no grupo de estudantes que não tinha prestado o vestibular da UFBA nenhuma vez anteriormente; nos demais, a diferença entre a média dos rendimentos (CR) não foi influenciada pela quantidade de vestibulares prestados.

<sup>32</sup> Teste de diferença entre duas médias *t-Student* ( $t = -2,978$ ;  $p < 0,05$ )



GRÁFICO 15 – MÉDIA DOS COEFICIENTES DE RENDIMENTO DOS ESTUDANTES DO CURSO DE MEDICINA DA UFBA, INGRESSANTES EM 2012, POR FORMA DE INGRESSO E NÚMERO DE VESTIBULARES NA UFBA

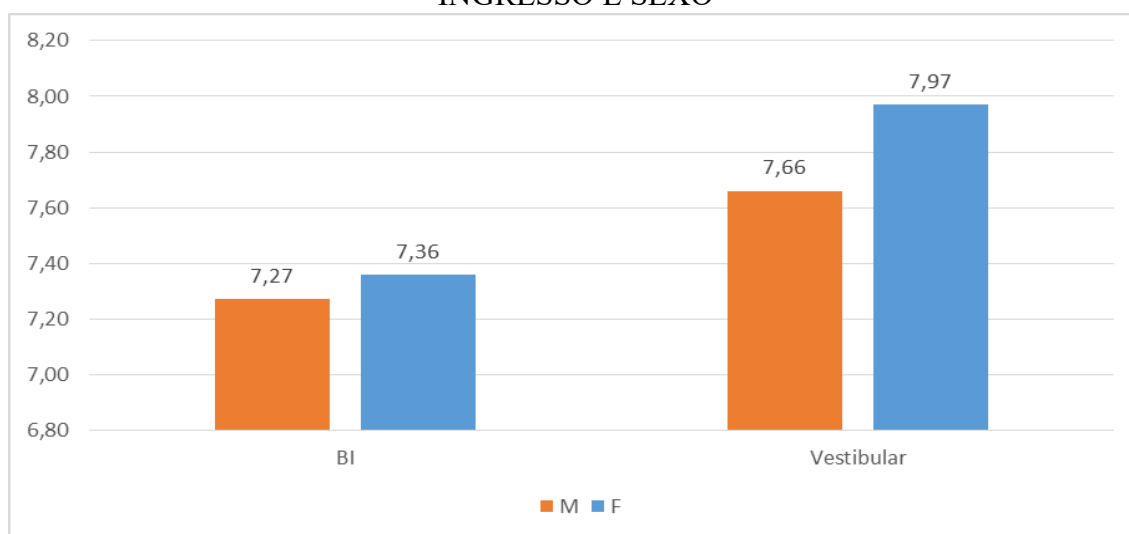


Fonte: Elaborado pela autora com base no SIAC/PROGRAD/UFBA e questionário socioeconômico PROGAD/SSOA/UFBA.

Em relação à variável sexo e forma de ingresso, o Gráfico 16 informa que a média dos CR é maior no grupo dos estudantes que ingressaram via vestibular para ambos os sexos. Quando verificada a média do CR entre os sexos, observamos que as mulheres possuem uma média significativamente maior no grupo ingressante pelo BI e nos estudantes ingressantes pelo vestibular.<sup>33</sup> Esse também foi o resultado encontrado por Almeida, Cassuce e Cirino (2016), em sua pesquisa na Universidade Federal de Viçosa (UFV), que constataram que os estudantes do sexo masculino possuem um desempenho inferior ao do sexo feminino. Outras pesquisas realizadas por Da Silva e Dos Santos (2004) e Barros e colaboradores (2001) confirmam que o desempenho acadêmico das mulheres é superior ao dos homens.

<sup>33</sup> Teste de diferença entre duas médias *t-Student* ( $t = -2,342$ ;  $p < 0,05$ )

GRÁFICO 16 – MÉDIA DOS COEFICIENTES DE RENDIMENTO DOS ESTUDANTES DO CURSO DE MEDICINA DA UFBA INGRESSANTES EM 2012 POR FORMA DE INGRESSO E SEXO



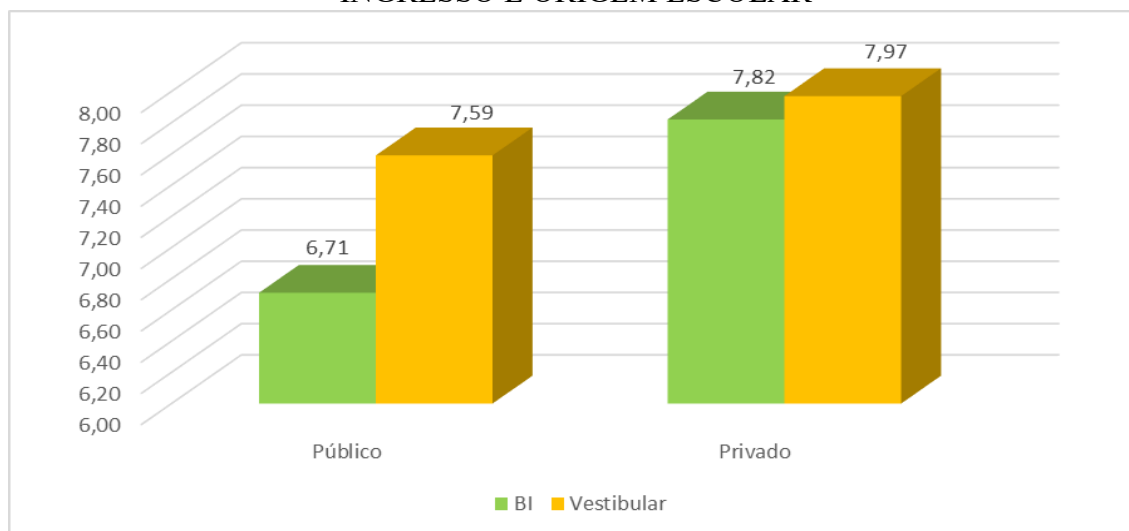
Fonte: Elaborado pela autora com base no SIAC/PROGRAD/UFBA e questionário socioeconômico PROGAD/SSOA/UFBA.

Os resultados encontrados no curso de Medicina da UFBA apresentam os mesmos resultados encontrados na pesquisa realizada por Da Silva e Dos Santos (2004), que estudaram o desempenho acadêmico dos estudantes oriundos de universidade privada, em diferentes cursos, evidenciando que as mulheres possuem um desempenho acadêmico maior em relação aos homens independente do curso.

Considerando a origem escolar dos estudantes do curso de Medicina do ano de 2012, fica evidente, pelo Gráfico 17, que o desempenho acadêmico no grupo vestibular é sempre maior do que no grupo de egressos do BI, independente da origem escolar. Essa diferença é ainda maior comparando os estudantes oriundos de escola pública de cada grupo. Enquanto o grupo de egressos do BI oriundos de escola pública apresenta uma média de 6,71, o grupo do vestibular que está em escola pública possui uma média de 7,59, uma diferença estatisticamente significativa<sup>34</sup>. Para os estudantes oriundos de escolas privadas, a diferença de médias do CR não foi significativa.

<sup>34</sup> Teste de diferença entre duas médias *t-Student* ( $t = -4,456$ ;  $p < 0,001$ )

GRÁFICO 17 – MÉDIA DOS COEFICIENTES DE RENDIMENTO DOS ESTUDANTES DO CURSO DE MEDICINA DA UFBA INGRESSANTES EM 2012 POR FORMA DE INGRESSO E ORIGEM ESCOLAR



Fonte: Elaborado pela autora com base no SIAC/PROGRAD/UFBA e questionário socioeconômico PROGAD/SSOA/UFBA.

Carvalho e Cerqueira (2015), ao analisar o desempenho dos estudantes do curso de Medicina no Brasil, observaram que os estudantes oriundos de escola particular apresentam um desempenho acadêmico (CR) maior que os estudantes provenientes de escola pública. Este fato demonstra que as políticas de reserva de vagas ainda são necessárias para permitir o ingresso de estudantes provenientes de escolas públicas nos cursos de maior demanda e prestígio social.

Rocha, Leles e Queiroz (2018), em seu estudo sobre os fatores que interferem no desempenho acadêmico dos estudantes de Nutrição, identificaram que os estudantes das instituições de ensino superior públicas apresentam melhor desempenho em relação às instituições privadas. Esses autores sugerem que isso ocorre pelo fato de as instituições públicas apresentarem processos seletivos de maior concorrência e um ensino de maior qualidade, conseguindo selecionar os estudantes que apresentam maior potencial e acúmulo de conhecimento.

No cruzamento das variáveis sexo e origem escolar por formas de ingresso no curso de Medicina em 2012, fica evidente, conforme Tabela 7, que as médias dos estudantes oriundos de escola privada são superiores tanto no BI quanto no vestibular, independente do sexo dos estudantes.

TABELA 7 – MÉDIA DOS COEFICIENTES DE RENDIMENTO DOS ESTUDANTES DO CURSO DE MEDICINA DA UFBA INGRESSANTES EM 2012 POR FORMA DE INGRESSO, SEXO E ORIGEM ESCOLAR

Sexo	BI		Vestibular	
	Público	Particular	Público	Particular
Feminino	6,59	7,84	7,85	8,03
Masculino	6,87	7,76	7,46	7,91

Fonte: Elaborado pela autora com base no SIAC/PROGRAD/UFBA e questionário socioeconômico PROGAD/SSOA/UFBA.

O resultado dos testes estatísticos considerando as variáveis origem escolar e sexo mostrou que não há diferença estatisticamente significativa para o sexo masculino de escola pública ou privada e nem para o sexo feminino de escola privada qualquer que seja a forma de ingresso. Porém, no grupo dos estudantes de escola pública e sexo feminino oriundos do vestibular foi encontrada uma diferença estatisticamente significativa<sup>35</sup>.

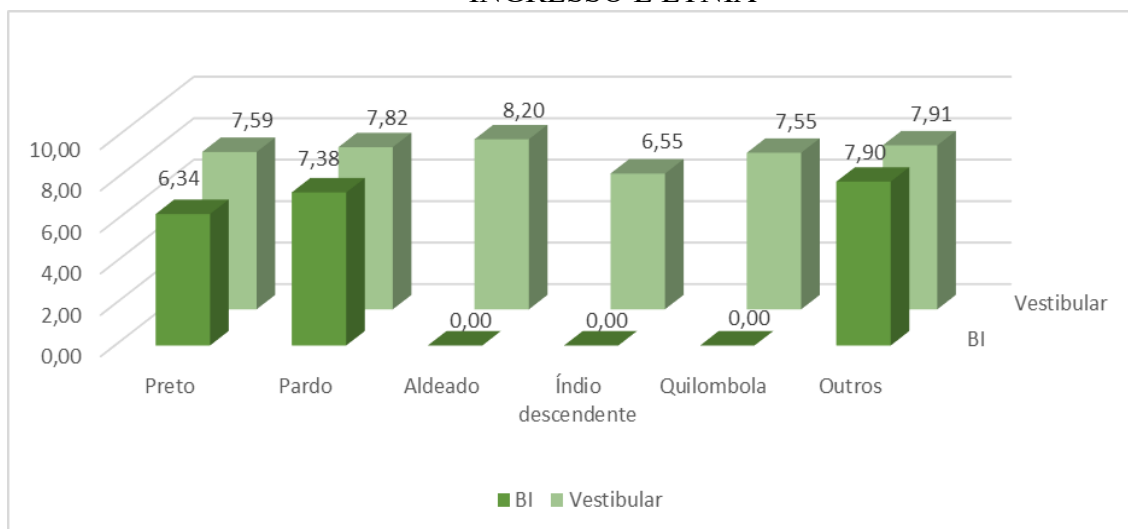
Outra forma de analisar o rendimento acadêmico foi considerando a variável etnia. Para isto, foi construído o Gráfico 18. Nele, fica evidente que o grupo de estudantes que ingressaram via vestibular supera o grupo dos egressos do BI na média do CR em todas as etnias. Aplicados os testes estatísticos, foram encontradas diferenças significativas<sup>36</sup> nos grupos de estudantes pardos e pretos. Em ambos os grupos, a diferença encontrada foi favorável aos estudantes ingressantes pelo vestibular. Observamos também que, no ano de 2012, o ingresso de estudantes aldeados, índio descendente e quilombola ocorreu apenas via vestibular.

<sup>35</sup>Feminino/ Pública - Teste de diferença entre duas médias t-Student ( $t = -3,589$ ;  $p < 0,001$ )

<sup>36</sup> Pretos - Teste de diferença entre duas médias t-Student ( $t = -3,157$ ;  $p < 0,01$ )

Pardos - Teste de diferença entre duas médias t-Student ( $t = -2,495$ ;  $p < 0,01$ )

GRÁFICO 18 – MÉDIA DOS COEFICIENTES DE RENDIMENTO DOS ESTUDANTES DO CURSO DE MEDICINA DA UFBA INGRESSANTES EM 2012 POR FORMA DE INGRESSO E ETNIA



Fonte: Elaborado pela autora com base no SIAC/PROGRAD/UFBA e questionário socioeconômico PROGAD/SSOA/UFBA.

Quando combinamos as variáveis sexo, etnia e desempenho acadêmico, confirma-se o resultado encontrado com a variável etnia, conforme Tabela 8. Neste caso, o sexo dos estudantes não influenciou o desempenho acadêmico dos grupos por etnia, a não ser quando se comparou a média do CR entre as mulheres pardas por forma de entrada. A média das mulheres pardas oriundas do vestibular foi significativamente<sup>37</sup> maior do que as oriundas do BI. A Tabela 8 demonstra, também, que as menores médias pertencem aos negros do BI independente do sexo.

TABELA 8 – MÉDIA DOS COEFICIENTES E RENDIMENTO DOS ESTUDANTES DO CURSO DE MEDICINA DA UFBA, INGRESSANTES EM 2012, POR FORMA DE INGRESSO, SEXO E ETNIA

Sexo	BI			Vestibular		
	Outros	Preto	Pardo	Outros	Preto	Pardo
Feminino	7,92	6,25	7,46	7,93	7,90	8,00
Masculino	7,80	6,70	7,28	7,88	7,53	7,70

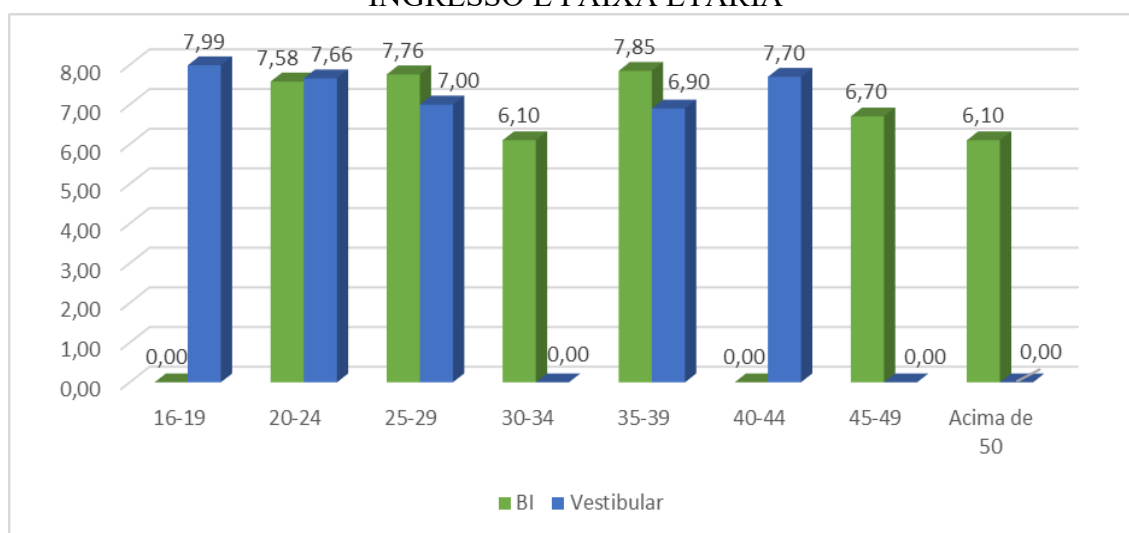
Fonte: Elaborado pela autora com base no SIAC/PROGRAD/UFBA e questionário socioeconômico PROGAD/SSOA/UFBA.

A idade pode ser considerada um fator importante que influencia no entrosamento entre os estudantes e formação de grupos dentro do curso. Considerando essa variável, pode-se observar, no Gráfico 19, que apenas o grupo do BI possui estudantes com idade maior que

<sup>37</sup> Teste de diferença entre duas médias *t-Student* ( $t = -2,875$ ;  $p < 0,01$ )

45 anos e estudantes com idade inferior a 20 anos aparecem somente no grupo de ingressante pelo vestibular. Os estudantes no grupo do BI com faixa etária menor tiveram um desempenho acadêmico melhor se comparado com as faixas etárias mais altas, o que não acontece no grupo do vestibular, em que os estudantes das faixas etárias intermediárias possuem desempenho menor.

GRÁFICO 19 – MÉDIA DOS COEFICIENTES DE RENDIMENTO DOS ESTUDANTES DO CURSO DE MEDICINA DA UFBA INGRESSANTES EM 2012 POR FORMA DE INGRESSO E FAIXA ETÁRIA



Fonte: Elaborado pela autora com base no SIAC/PROGRAD/UFBA e questionário socioeconômico PROGAD/SSOA/UFBA.

No estudo realizado por Almeida, Cassuce e Cirino (2016) sobre o desempenho acadêmico na Universidade Federal de Viçosa, foi identificado que a variável idade é significativa para determinar o desempenho acadêmico dos estudantes, confirmando que estudantes mais novos recém-saídos do ensino médio conseguem um melhor desempenho. Apesar de os estudantes com a faixa etária menor (16-19 anos) apresentarem as maiores médias de CR no grupo de estudantes analisados neste trabalho, após a aplicação dos testes estatísticos considerando a variável faixa etária e forma de ingresso, não foi encontrada uma diferença significativa nas médias dos CR de nenhuma das faixas etárias deste estudo.

Após adicionar a variável origem escolar à análise da faixa etária por forma de ingresso, conforme Tabela 9, e repetir os testes estatísticos, encontramos uma diferença significativa das médias do CR apenas entre os estudantes da faixa etária de 20 a 24 anos oriundos da escola pública. A média do CR igual a 7,47 dos jovens de 20 a 24 anos oriundos de escola pública

ingressantes pelo Vestibular foi significativamente maior<sup>38</sup> do que dos oriundos de escola pública ingressantes pelo BI, cuja média foi 6,57.

TABELA 9 – MÉDIA DOS COEFICIENTES DE RENDIMENTO DOS ESTUDANTES DO CURSO DE MEDICINA DA UFBA INGRESSANTES EM 2012 POR FORMA DE INGRESSO, FAIXA ETÁRIA E ORIGEM ESCOLAR

Faixa Etária	BI		Vestibular	
	Público	Particular	Público	Particular
16-19	-	-	7,91	8,04
20-24	6,57	7,82	7,47	7,86
25-29	7,70	7,80	6,60	7,80
30-34	6,10	-	-	-
35-39	7,80	7,90	6,90	-
40-44	-	-	7,70	-
45-49	6,70	-	-	-
Acima de 50	7,25	-	-	-

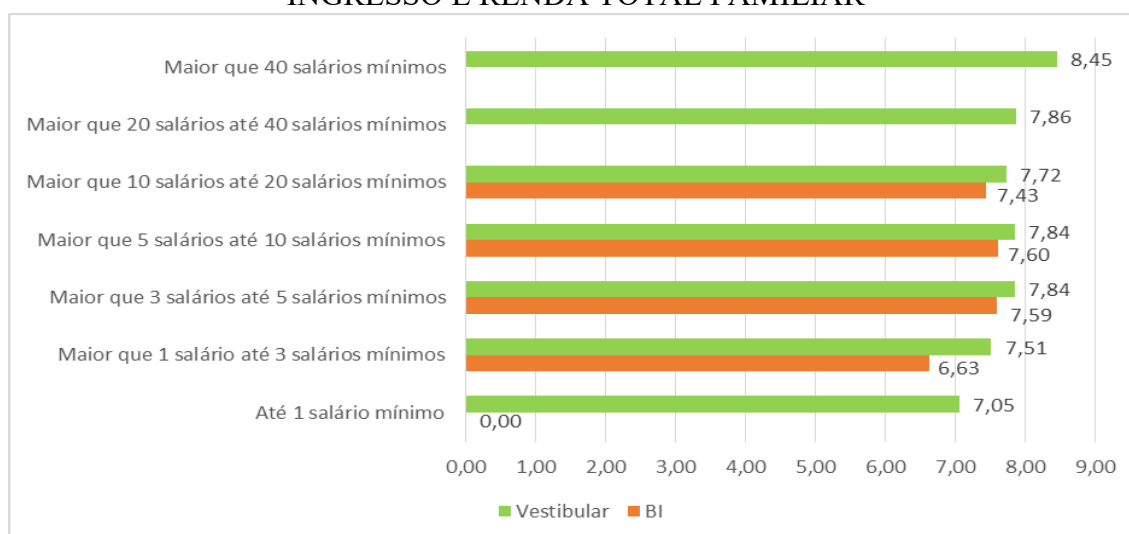
Fonte: Elaborado pela autora com base no SIAC/PROGRAD/UFBA e questionário socioeconômico PROGAD/SSOA/UFBA.

Analisando o Gráfico 20, identificamos que as médias do CR em relação à renda total familiar por forma de ingresso no curso de Medicina em 2012 no grupo do vestibular são maiores que as médias do grupo do BI, independente da faixa salarial da família. Porém, dentro de cada faixa salarial, não há diferenças estatisticamente significantes entre as médias de CR dos estudantes que ingressaram pelo vestibular ou pelo BI. Os estudantes com as maiores rendas são os que apresentam as maiores médias do CR, o que aponta, provavelmente, para um maior preparo para lidar com o ambiente acadêmico. Além disso, esse grupo é proveniente do vestibular, demonstrando como a seletividade nesse processo é elevada.

Em um estudo realizado na UFBA com estudantes matriculados entre 2010 e 2012 em todos os cursos de graduação, Tiryaki (2014) identificou que o desempenho dos estudantes que possuem renda familiar maior que cinco salários mínimos é superior ao desempenho de estudantes com renda inferior. Porém Bacarro (2014) chega a uma conclusão diferente em sua pesquisa com estudantes concluintes que ingressaram na USP em 2005, 2006 e 2007, verificando que quanto maior a renda familiar menor o rendimento acadêmico dos estudantes e, entre aqueles com melhor rendimento estão mulheres com baixa escolaridade dos pais e provenientes de escola pública.

<sup>38</sup> 20 a 24 anos / escola pública - Teste de diferença entre duas médias *t-Student* ( $t = -2,719$ ;  $p < 0,05$ )

GRÁFICO 20 – MÉDIA DOS COEFICIENTES DE RENDIMENTO DOS ESTUDANTES DO CURSO DE MEDICINA DA UFBA INGRESSANTES EM 2012 POR FORMA DE INGRESSO E RENDA TOTAL FAMILIAR



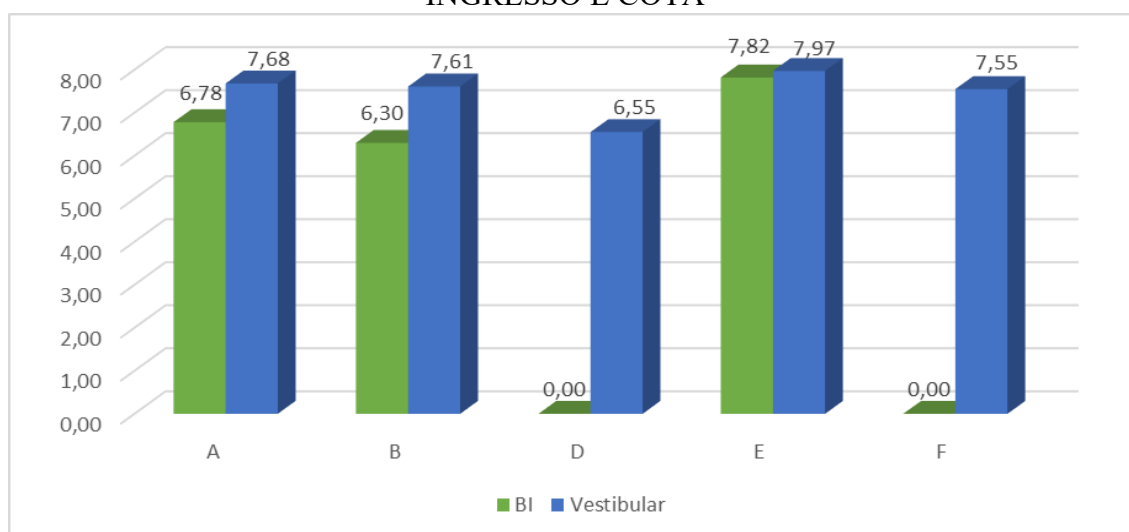
Fonte: Elaborado pela autora com base no SIAC/PROGRAD/UFBA e questionário socioeconômico PROGAD/SSOA/UFBA.

Analisando as médias do coeficiente de rendimento em relação às categorias de reserva de vagas (cotas) de ambos os grupos, observamos que as médias do CR foram maiores no grupo dos estudantes oriundos do vestibular em todas as cotas (Gráfico 21). Entretanto, só se verifica uma diferença estatisticamente significativa nas médias de CR obtidas pelos estudantes pretos e pardos do ensino público (cota A) e pelos estudantes de qualquer etnia do ensino público (cota B) por forma de ingresso<sup>39</sup>. Para os estudantes não cotistas (cota E) essa diferença não se verifica.

<sup>39</sup> Cota A e forma de ingresso: Teste de diferença entre duas médias *t-Student* ( $t = -4,543$ ;  $p < 0,01$ )  
Cota B e forma de ingresso: Teste de diferença entre duas médias *t-Student* ( $t = -2,538$ ;  $p < 0,05$ )



GRÁFICO 21 – MÉDIA DOS COEFICIENTES DE RENDIMENTO DOS ESTUDANTES DO CURSO DE MEDICINA DA UFBA INGRESSANTES EM 2012 POR FORMA DE INGRESSO E COTA<sup>40</sup>



Fonte: Elaborado pela autora com base no SIAC/PROGRAD/UFBA e questionário socioeconômico PROGAD/SSOA/UFBA.

Agrupando os estudantes em apenas dois grupos de cotas<sup>41</sup> - cotistas e não cotistas - fica confirmado que o desempenho dos estudantes no grupo do vestibular é maior em qualquer um dos agrupamentos das cotas (Gráfico 22). No grupo cotista, a média de CR igual a 7,59 para oriundos do vestibular foi estatisticamente superior à média dos estudantes egressos do BI, cuja média foi 6,71<sup>42</sup>. Entre os não cotistas, não houve diferença das médias do CR por forma de ingresso, como assinalado na análise anterior.

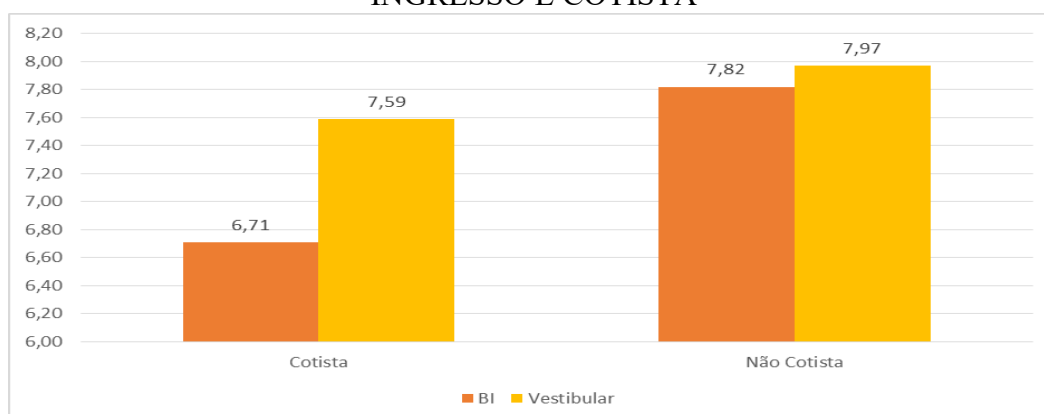
<sup>40</sup> As categorias definidas para o sistema de Cotas da UFBA são:

- Categoria A - candidatos de Escola Pública que se autodeclararam pretos ou pardos (36,55% das vagas);
- Categoria B - candidatos de Escola Pública de qualquer etnia ou cor (6,45% das vagas);
- Categoria C - candidatos de Escola Privada que se autodeclararam pretos ou pardos (não tem vagas fixas, esta categoria é utilizada quando as vagas das categorias A e B não são totalmente preenchidas);
- Categoria D - candidatos de Escola Pública que se autodeclararam índio descendente (2% das vagas);
- Categoria E - todos os candidatos, qualquer que seja a procedência escolar e a etnia ou cor (não cotista) (55% das vagas);
- Categoria F - candidatos de Escola Pública que se autodeclararam aldeados ou quilombolas (reserva de duas vagas em cada curso).

<sup>41</sup> Não cotistas – cota E; Cotistas – cotas A, B, D, F

<sup>42</sup> Teste de diferença entre duas médias *t-Student* ( $t = -4,456$ ;  $p=0,00$ )

GRÁFICO 22 – MÉDIA DOS COEFICIENTES DE RENDIMENTO DOS ESTUDANTES DO CURSO DE MEDICINA DA UFBA INGRESSANTES EM 2012 POR FORMA DE INGRESSO E COTISTA

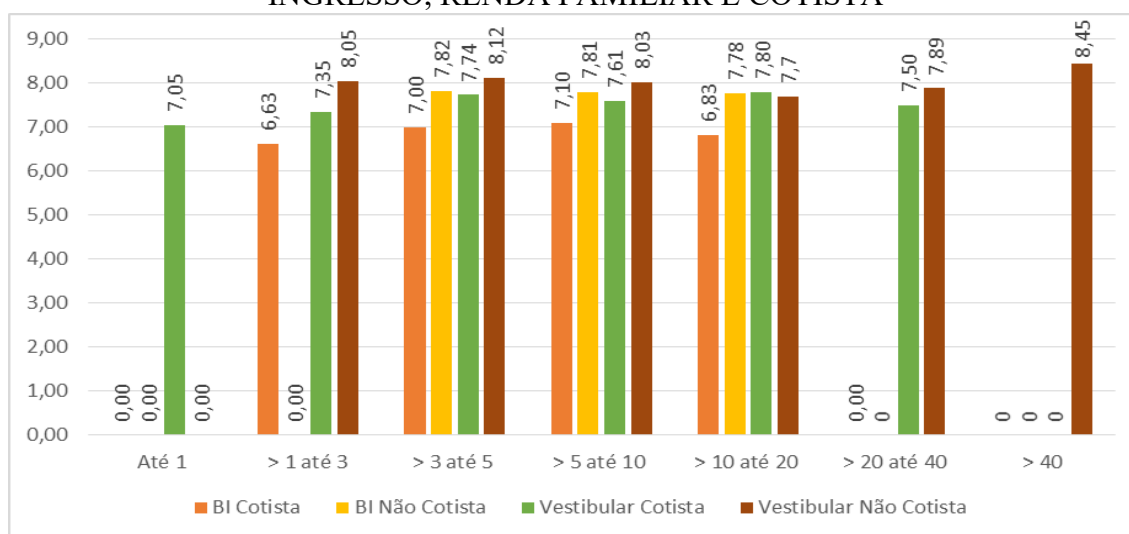


Fonte: Elaborado pela autora com base no SIAC/PROGRAD/UFBA e questionário socioeconômico PROGAD/SSOA/UFBA.

Nas análises realizadas por Santiago (2016) com o desempenho dos concluintes cotistas e não cotistas da Universidade Federal de Ouro Preto, entre 2011 e 2014, foi observado que, apenas em 2011, os cotistas tiveram rendimento abaixo dos não cotistas. Em todos os outros anos, os cotistas possuíam rendimento superior. Analisando os cursos separadamente, em 2005 e 2006, os estudantes não cotistas de Medicina superaram os cotistas apenas em 2005. Já no estudo realizado por Carvalho e Cerqueira (2015), ao analisar o desempenho dos estudantes do curso de Medicina no Brasil, foi observado que o desempenho dos estudantes não cotistas era superior ao desempenho dos estudantes cotistas.

Ao analisar a situação de estudante cotista e não cotista sob a perspectiva da renda total da família, fica claro que a maior média de coeficiente de rendimento pertence ao grupo de estudantes não cotistas do vestibular com renda familiar maior que 40 salários mínimos e as menores estão entre os cotistas do BI independente da renda familiar do estudante. Como apresenta o Gráfico 23, as maiores médias estão nos grupos dos não cotistas independente da forma de ingresso e renda familiar.

GRÁFICO 23 – MÉDIA DOS COEFICIENTES DE RENDIMENTO DOS ESTUDANTES DO CURSO DE MEDICINA DA UFBA INGRESSANTES EM 2012 POR FORMA DE INGRESSO, RENDA FAMILIAR E COTISTA



Fonte: Elaborado pela autora com base no SIAC/PROGRAD/UFBA e questionário socioeconômico PROGAD/SSOA/UFBA.

A Tabela 10 demonstra que a média dos coeficientes de rendimentos dos estudantes pardos ingressos no curso de Medicina em 2012 pelo vestibular com renda familiar maior que 40 salários (8,55) é a maior das médias de CR, especialmente quando comparada com a média de estudantes não cotistas ingressos pelo vestibular (8,45), como visto no Gráfico 23. Isto sugere que os estudantes com as maiores rendas familiares apresentam os melhores desempenhos acadêmicos em toda a população deste estudo. Como é possível verificar ainda na Tabela 10, as menores médias de CR estão entre os estudantes pretos egressos do BI independente da renda familiar e dos estudantes pardos ingressantes pelo vestibular com renda menor que um salário mínimo. Esse resultado confirma a necessidade de políticas de ações afirmativas pela comprovação de existência de desvantagens para os pretos e pardos na sociedade baiana.

TABELA 10 – MÉDIA DOS COEFICIENTES DE RENDIMENTO DOS ESTUDANTES DO CURSO DE MEDICINA DA UFBA INGRESSANTES EM 2012 POR FORMA DE INGRESSO, RENDA FAMILIAR E ETNIA

Renda da Família	BI			Vestibular		
	Outros	Preto	Pardo	Outros	Preto	Pardo
Até 1 salário mínimo	-	-	-	7,40	-	6,93
Maior que 1 salário até 3 salários mínimos	-	5,70	7,10	7,85	7,25	7,91
Maior que 3 salários até 5 salários mínimos	8,10	7,00	7,63	7,80	7,80	7,87
Maior que 5 salários até 10 salários mínimos	7,83	-	7,45	8,15	7,73	7,67
Maior que 10 salários até 20 salários mínimos	7,80	-	7,37	7,42	-	7,95
Maior que 20 salários até 40 salários mínimos	-	-	-	7,96	7,80	7,80
Maior que 40 salários mínimos	-	-	-	8,42	-	8,55

Fonte: Elaborado pela autora com base no SIAC/PROGRAD/UFBA e questionário socioeconômico PROGAD/SSOA/UFBA.

Observando a Tabela 11, que exibe as médias dos coeficientes de rendimentos dos estudantes por forma de ingresso, renda familiar e origem escolar, podemos ver que a maior média do CR (8,45) está no grupo de estudantes ingressos no curso de Medicina em 2012 pelo vestibular com renda maior que 40 salários, oriundos da rede particular. Já as menores médias são encontradas no grupo de estudantes egressos do BI e provenientes de escolas públicas.

A comparação das Tabelas 10 e 11 sugere que os estudantes com maior desempenho são os pardos egressos do vestibular, oriundos de escolas particulares com renda familiar maior que 40 salários mínimos.

TABELA 11 – MÉDIA DOS COEFICIENTES DE RENDIMENTO DOS ESTUDANTES DO CURSO DE MEDICINA DA UFBA INGRESSANTES EM 2012 POR FORMA DE INGRESSO, RENDA FAMILIAR E ORIGEM ESCOLAR

Renda da Família	BI		Vestibular	
	Público	Particular	Público	Particular
Até 1	-	-	7,05	-
> 1 até 3	6,63	-	7,35	8,05
> 3 até 5	7,00	7,82	7,74	8,12
> 5 até 10	7,10	7,81	7,61	8,03
> 10 até 20	6,83	7,78	7,80	7,7
> 20 até 40	-	-	7,50	7,89
> 40	-	-	-	8,45

Fonte: Elaborado pela autora com base no SIAC/PROGRAD/UFBA e questionário socioeconômico PROGAD/SSOA/UFBA.

O sistema de reserva de vagas implantado na UFBA priorizou o acesso de estudantes utilizando as variáveis cor ou raça, renda familiar e origem escolar. Almeida Filho e colaboradores (2010) identificaram um distanciamento entre os estudantes egressos de escolas públicas e privadas, principalmente nos cursos mais concorridos da instituição, como é o caso

do curso de Medicina. A alta competitividade no processo seletivo explica estas distorções (ALMEIDA FILHO et al., 2010). Com a adoção da reserva de vagas na UFBA, convivem nos cursos mais procurados estudantes de origem popular e estudantes da elite.

Waltenberg e Carvalho (2012), em estudo realizado com os concluintes de universidades federais, observaram que o desempenho das mulheres é superior ao dos homens cerca de 10,00%, assim como os negros possuem rendimento inferior ao dos brancos em 5,00% e os cotistas 8,20% inferior aos não cotistas.

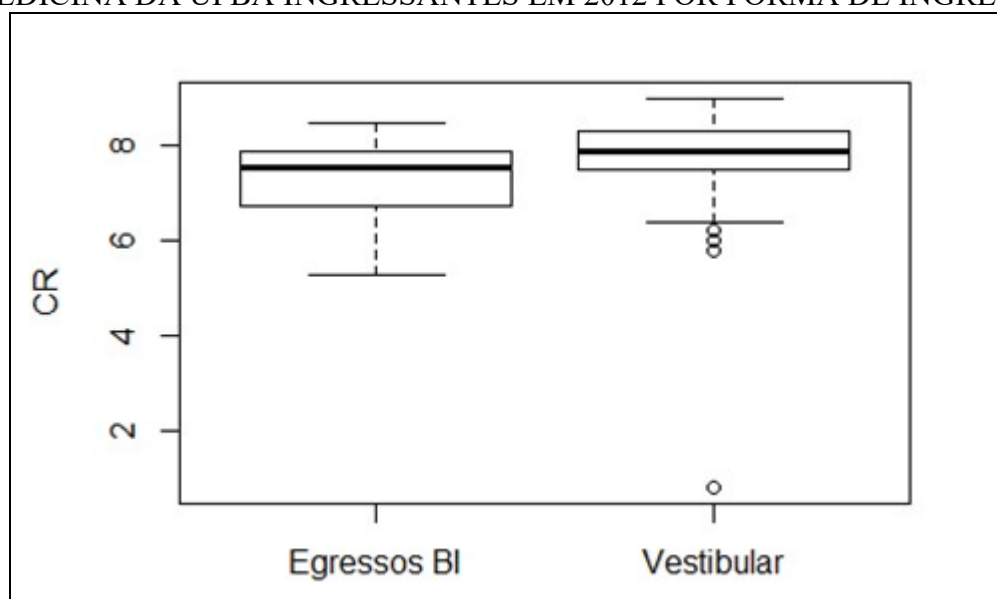
Ainda analisando o coeficiente de rendimento, mas utilizando testes estatísticos complementares, como análises descritivas, *box-plot*, testes paramétricos e não paramétricos, produzimos os dados que serão analisados a seguir. Assim como nos cálculos das médias aritméticas dos coeficientes de rendimentos, os testes estatísticos foram realizados separando os dois grupos de estudantes que são o foco desta pesquisa: egressos do BI e ingressos pelo vestibular. Além disso, o CR foi analisado também por semestre, sendo coletados os CR dos 10 primeiros semestres, o que demonstra bem o desempenho dos estudantes durante o curso.

No comparativo dos CR entre os dois grupos, sem a utilização de nenhuma outra variável que possa influenciar no resultado, conforme exibido no Gráfico 24, vemos que a mediana<sup>43</sup> do CR dos estudantes ingressos pelo vestibular é maior que a mediana do CR dos estudantes egressos do BI. O conjunto de CR dos estudantes ingressos pelo Vestibular é superior ao conjunto de coeficientes de rendimento alcançados pelos egressos do BI. Em relação às médias, isso também se observa, pois, a média do CR para os ingressantes pelo Vestibular foi 7,797 enquanto que os ingressos pelo BI apresentaram uma média do CR igual a 7,331; uma diferença considerada estatisticamente significativa.

---

<sup>43</sup> Mediana é o ponto que divide a distribuição dos dados na metade. No gráfico *Box-Plot*, a mediana é representada pela linha mais escura.

GRÁFICO 24 – DISTRIBUIÇÃO DE CR DOS ESTUDANTES DO CURSO DE MEDICINA DA UFBA INGRESSANTES EM 2012 POR FORMA DE INGRESSO



Fonte: Elaborado pela autora com base no banco de dados UFBA-PROGRAD/SSOA.

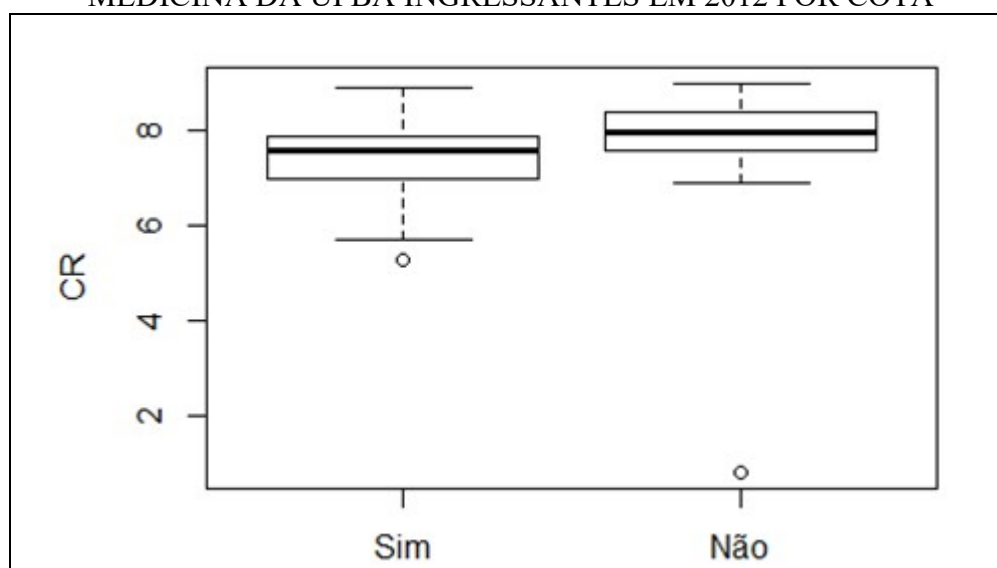
Outra maneira de analisar o desempenho dos grupos deste estudo foi introduzir a situação de ser ou não cotista. O Gráfico 25 exibe o resultado da distribuição do CR dos estudantes cotistas e não cotistas envolvendo todos os estudantes ingressantes em 2012 no curso de Medicina, evidenciando que houve um melhor aproveitamento dos não cotistas. A média do CR do grupo dos cotistas foi 7,423, enquanto a dos não cotistas foi de 7,942, uma diferença estatisticamente significativa<sup>44</sup>.

O estudo realizado por Santos e colaboradores (2014) ratifica o resultado encontrado nesta pesquisa. Nele foi realizado o cálculo das médias das notas dos estudantes ingressantes em todos os cursos ofertados em 2012 na UFBA em cada semestre, e foi detectado que o rendimento dos cotistas (5,68) é inferior ao dos não cotistas (5,77). Em outro estudo realizado por esses autores, dessa vez por área de conhecimento<sup>45</sup>, também foi encontrado o maior rendimento dos não cotistas nas áreas I, II e III. A maior diferença encontrada entre as notas dos cotistas e não cotistas foi nas áreas de conhecimento I (cotista – 4,67 e não cotista – 5,44) e II (cotista – 6,00 e não cotista – 6,41). Em pesquisa realizada por Peixoto e colaboradores (2016), esses resultados também se confirmam, demonstrando que a comparação do desempenho dos estudantes de forma geral apresenta um rendimento superior para os estudantes não cotistas em relação aos cotistas.

<sup>44</sup> Teste de diferença entre duas médias *t-Student* ( $t = -3,924$ ;  $p < 0,001$ )

<sup>45</sup> A UFBA divide os seus cursos em 5 áreas de conhecimento, sendo elas: I – Matemática, Ciências Físicas e Tecnologia; II – Ciências Biológicas e Profissões da Saúde; III – Filosofia e Ciências Humanas; IV – Letras; e V – Artes.

GRÁFICO 25 – DISTRIBUIÇÃO DE CR DOS ESTUDANTES DO CURSO DE MEDICINA DA UFBA INGRESSANTES EM 2012 POR COTA



Fonte: Elaborado pela autora com base no banco de dados UFBA-PROGRAD/SSOA.

A pesquisa realizada por Rocha, Leles e Queiroz (2018), utilizando os dados do ENADE de 2004, 2007, 2010 e 2013, encontrou resultados semelhantes aos levantados nesse estudo. O desempenho dos estudantes não cotistas foi superior ao dos estudantes cotistas no curso de Nutrição. Ainda, os autores também verificaram que, em outros cursos, como Pedagogia, História e Física, avaliados neste mesmo período, o desempenho dos estudantes não cotistas é superior ao dos cotistas.

Na tentativa de analisar o desempenho dos estudantes em cada grupo, foi realizado um acompanhamento semestre a semestre, do primeiro ao décimo. Para isto, foi calculado o CR em cada semestre para a população desta pesquisa. A Tabela 12 demonstra que em todos os semestres a média do coeficiente de rendimentos dos estudantes ingressos pelo vestibular foi superior ao grupo dos egressos do BI, mas nem sempre essa diferença foi estatisticamente significativa. As diferenças entre as médias dos coeficientes de rendimento dos dois grupos não foram estatisticamente significantes nos semestres 2012.1, 2015.1 e 2016.2. Conclui-se que o desempenho ao entrar e próximo de sair do curso não variou de forma significativa entre os ingressantes pelo Vestibular e egressos do BI. Isso pode ser melhor visualizado no Gráfico 26.

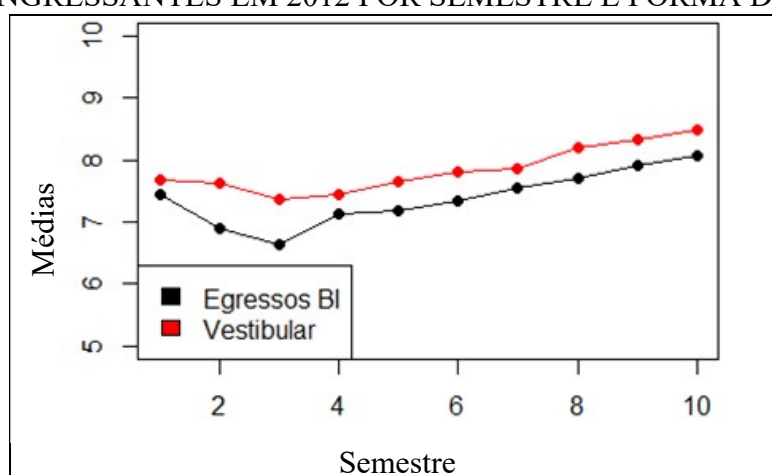
TABELA 12 – MÉDIAS DE COEFICIENTES DE RENDIMENTO POR SEMESTRE DOS GRUPOS EGRESSOS DO BI E VESTIBULAR INGRESSANTES EM 2012

Semestre	Egressos BI	Vestibular	Diferença estatisticamente significativa?
2012.1	7,450000	7,685937	Não
2012.2	6,903125	7,625581	Sim <sup>46</sup>
2013.1	6,646875	7,369767	Sim <sup>47</sup>
2013.2	7,126667	7,451938	Sim <sup>48</sup>
2014.1	7,184375	7,641732	Sim <sup>49</sup>
2014.2	7,344828	7,799107	Sim <sup>50</sup>
2015.1	7,551724	7,858559	Não
2015.2	7,693750	8,201681	Sim <sup>51</sup>
2016.1	7,915625	8,318333	Sim <sup>52</sup>
2016.2	8,070370	8,489247	Não

Fonte: Elaborado pela autora com base no banco de dados UFBA-PROGRAD/SSOA.

Mesmo havendo diferença das médias do CR entre os grupos a cada semestre, podemos observar que em ambos os grupos houve um crescimento no coeficiente de rendimento dos estudantes pesquisados durante os 10 semestres analisados.

GRÁFICO 26 – MÉDIAS DE CR DOS ESTUDANTES DO CURSO DE MEDICINA DA UFBA INGRESSANTES EM 2012 POR SEMESTRE E FORMA DE INGRESSO



Fonte: Elaborado pela autora com base no banco de dados UFBA-PROGRAD/SSOA.

<sup>46</sup> Teste não paramétrico de diferenças de médias *Wilcoxon* ( $W=1255,5$ ;  $p<0,01$ ).

<sup>47</sup> Teste não paramétrico de diferenças de médias *Wilcoxon* ( $W=1221,5$ ;  $p<0,01$ ).

<sup>48</sup> Teste não paramétrico de diferenças de médias *Wilcoxon* ( $W=1359$ ;  $p=0,0112$ ).

<sup>49</sup> Teste não paramétrico de diferenças de médias *Wilcoxon* ( $W=1468,2$ ;  $p=0,0155$ ).

<sup>50</sup> Teste não paramétrico de diferenças de médias *Wilcoxon* ( $W=1117,5$ ;  $p<0,01$ ).

<sup>51</sup> Teste não paramétrico de diferenças de médias *Wilcoxon* ( $W=1408,5$ ;  $p=0,0239$ ).

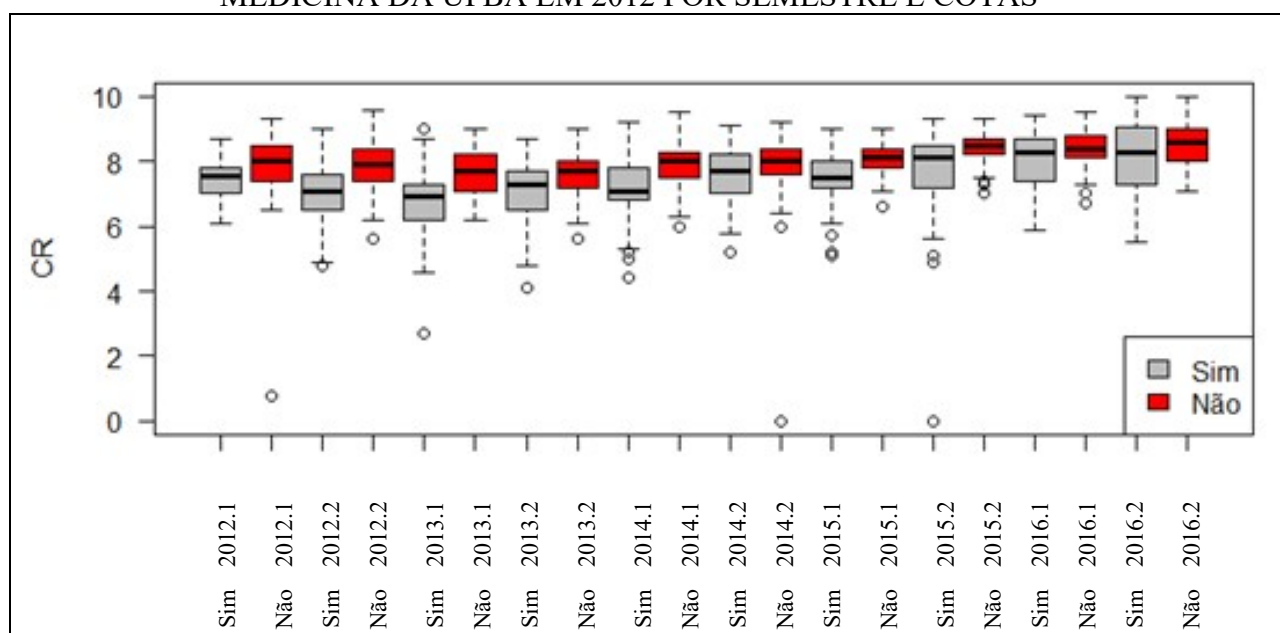
<sup>52</sup> Teste não paramétrico de diferenças de médias *Wilcoxon* ( $W=1351,5$ ;  $p=0,0102$ ).



O Gráfico 26 demonstra uma tendência de decréscimo no desempenho dos estudantes no segundo e terceiro semestre para os dois grupos: egressos do BI e ingressos pelo vestibular, porém a partir do quarto semestre, observa-se um crescimento no desempenho acadêmico para os dois grupos de estudantes: egressos do BI e ingressos pelo vestibular.

Utilizando a variável categoria da reserva de vagas (cota) na análise do desempenho dos estudantes por semestre, verificamos, também, que existe diferença no desempenho dos estudantes cotistas e não cotistas. Os estudantes não cotistas ingressantes em 2012 no curso de Medicina possuem um melhor rendimento do primeiro ao décimo semestre, como observado no Gráfico 27. Ao observar o Gráfico 28, fica mais clara essa diferença entre o desempenho por semestre, sendo menor principalmente no semestre 6.

GRÁFICO 27 – DISTRIBUIÇÃO DE CR DOS ESTUDANTES DO CURSO DE MEDICINA DA UFBA EM 2012 POR SEMESTRE E COTAS



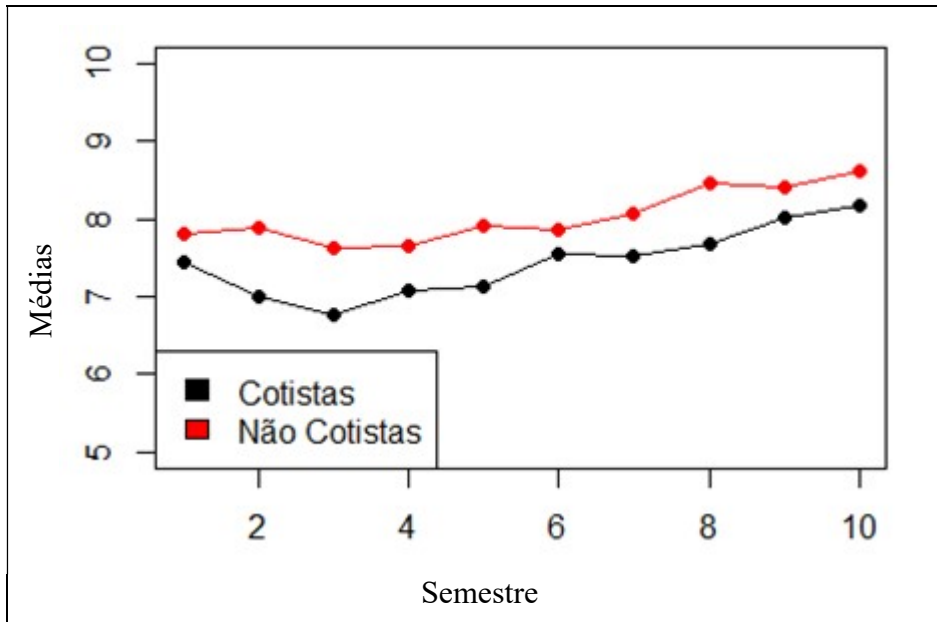
Fonte: Elaborado pela autora com base no banco de dados UFBA-PROGRAD/SSOA.

Peixoto e colaboradores (2016), em pesquisa baseada no CR por semestre de todos os estudantes ativos da UFBA, independente do curso, também identificaram a existência de uma diferença estatisticamente significativa no desempenho de estudantes cotistas e não cotistas, constatando o melhor desempenho para os estudantes não cotistas. Desta forma, concluímos que o curso de Medicina segue o padrão de resultado encontrado na pesquisa que considera toda a comunidade de estudantes da UFBA em 2012.

Antes de analisar o desempenho dos estudantes por semestre, estratificando os estudantes pelas categorias de cotistas e não cotistas, imaginava-se que a diferença nos primeiros semestres seria maior para os estudantes cotistas, devido às deficiências enfrentadas pelos estudantes oriundos do ensino médio público, não sendo superadas no decorrer do curso. Esta suposição não se confirma neste estudo, pois, como verificado no Gráfico 28, a diferença existente entre os dois grupos no primeiro semestre é pequena, aumentando apenas nos próximos semestres e voltando a reduzir no semestre 6. Desta forma, no curso de Medicina em 2012, os cotistas conseguiram alcançar um bom desempenho no início do curso mesmo oriundos do ensino médio público.

Em estudo realizado por Ferraz, Jelihovschi e Silveira (2010) sobre o desempenho acadêmico no primeiro ano de reserva de vagas em todos os cursos da UESC, foi encontrado que, na maioria dos cursos, não existe diferença estatisticamente significativa no desempenho acadêmico dos estudantes, com exceção de Direito, Medicina e Engenharia de Produção e Sistemas.

GRÁFICO 28 – MÉDIAS DE CR DOS ESTUDANTES DO CURSO DE MEDICINA DA UFBA INGRESSANTES EM 2012 POR SEMESTRE E COTAS



Fonte: Elaborado pela autora com base no banco de dados UFBA-PROGRAD/SSOA.

Analisando o desempenho acadêmico dos estudantes ingressos no curso de Medicina em 2012 considerando apenas a forma de ingresso no curso, os egressos do BI e ingressos via vestibular, observou-se que existe uma diferença significativa entre os dois grupos de estudantes. Porém, ao utilizar outras variáveis combinadas com o desempenho, podemos

afirmar que nem todas as variáveis utilizadas neste estudo influenciam no desempenho de cada um dos grupos.

Os resultados encontrados sugerem que existe diferença significativa no desempenho dos estudantes oriundos do BI e do vestibular quando comparados com as variáveis número de vestibulares prestados anteriormente na UFBA, sexo, origem escolar e etnia. Não foram encontradas diferenças significativas quando associamos ao desempenho dos estudantes as variáveis estado civil, faixa etária, renda familiar e cota.

Em relação à quantidade de vezes que o estudante prestou vestibular na UFBA anteriormente, a diferença de desempenho encontrada ocorreu no grupo de estudantes que nunca tinham prestado vestibular anteriormente na UFBA. Utilizando a variável sexo, observamos um melhor desempenho das mulheres. Os resultados evidenciam que, mesmo oriundos da escola pública, os estudantes do curso de Medicina ingressantes pelo vestibular obtiveram um melhor desempenho em relação aos egressos do BI também de escola pública. Este fato talvez se deva à seletividade do vestibular, que seleciona os melhores estudantes de cada categoria de reserva de vagas.

Outra variável analisada que apresentou diferença significativa entre as médias de coeficientes de rendimento nos grupos foi a etnia, na medida em que os estudantes pretos e os pardos ainda apresentam o menor desempenho, o que reforça a necessidade de adoção de políticas públicas voltadas para estes grupos.

## 8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como elemento motivador a curiosidade em saber se existia diferença no desempenho acadêmico entre os dois grupos de estudantes ingressos no curso de Medicina, o curso mais concorrido entre os candidatos ao ensino superior, não apenas na UFBA. Outro ponto que motivou esta pesquisa foi conhecer as características socioeconômicas desses dois grupos de estudantes.

Depois de realizadas as análises sobre o perfil socioeconômico, concluímos que existem diferenças apenas em algumas das variáveis analisadas, que podem ser justificadas pelas origens e trajetória de vida dos estudantes até chegarem ao curso desejado. Foram encontradas diferenças no sexo, idade, ano de conclusão do ensino médio e formação escolar do pai.

Em relação às diferenças encontradas no perfil quanto ao sexo, o BI segue a tendência atual de aumento de mulheres em cursos da área de saúde enquanto que o grupo do vestibular mantém a tradição de maioria de homens nos cursos de Medicina. Os estudantes do BI possuem uma idade um pouco mais avançada, pois, além de já terem cursado ao menos 3 anos o BI, alguns tinham feito tentativa sem sucesso de entrada na universidade, enquanto que no grupo do vestibular, a maioria acessa diretamente o curso pretendido com 18 anos. Da mesma forma, os estudantes do BI concluíram o ensino médio há mais de três anos, enquanto que o grupo do vestibular concluiu no ano anterior.

Nas variáveis cota de classificação no vestibular, origem escolar, etnia, quantidade de vezes que fez cursinho preparatório e escolaridade da mãe, os resultados foram iguais para os dois grupos, sendo todos classificados na cota E, de escola privada, pardos, fizeram um ano de cursinho e possuem mães com superior completo.

No que se refere à análise do desempenho acadêmico dos estudantes de medicina ingressantes em 2012, quando verificados apenas os CR de cada grupo, há diferença estatisticamente significativa para o grupo do vestibular. Para que pudéssemos fazer uma análise mais detalhada, foram incluídas variáveis socioeconômicas e constatamos que nem todas as variáveis analisadas possuem influência no desempenho dos estudantes desse estudo.

Não foram encontradas diferenças significativas no desempenho dos estudantes quando analisados com as variáveis isoladas estado civil, faixa etária e renda. Quando aprofundamos as análises com mais de uma variável, identificamos que apenas não houve diferença significativa quando analisado o desempenho de cada grupo por faixa etária e

origem, sendo a diferença encontrada positiva para o grupo de vestibular de origem escolar pública entre 20 e 24 anos.

As diferenças estatisticamente significantes foram encontradas nas análises feitas com as variáveis isoladas de número de vestibulares prestados anteriormente na UFBA, sexo, cotista<sup>53</sup>, origem escolar, etnia, cota de classificação no vestibular<sup>54</sup> e no cruzamento das variáveis sexo e etnia, faixa etária e origem escolar. Sendo que as diferenças encontradas foram entre os estudantes que nunca tinham prestado vestibular anteriormente na UFBA, entre as mulheres, entre os estudantes de origem escolar pública, entre os pretos e os pardos, entre os cotistas e os que ingressaram pelas cotas A e B. Já com os cruzamentos das variáveis, foram encontradas diferenças nos grupos com faixa etária entre 20 e 24 anos de origem pública e as mulheres pardas.

Esta pesquisa sobre o desempenho acadêmico dos estudantes que ingressaram no curso de Medicina da UFBA em 2012 permitiu identificar que as maiores médias do desempenho acadêmico estão no grupo dos estudantes ingressantes pelo vestibular com renda familiar maior que 40 salários mínimos, pardos e oriundos de escola particular. Isso confirma que o curso de Medicina da UFBA segue o perfil meritocrático existente desde a sua criação no Brasil. Nele, apenas os estudantes de alta renda, com acesso a um ensino fundamental e médio de melhor qualidade, conseguem ter acesso e êxito no decorrer de um curso tão concorrido e seletivo como este.

Mesmo que as diferenças significativas encontradas sejam positivas para os grupos de estudantes ingressantes pelo vestibular, esse resultado não sugere que existe uma fragilidade na formação do BI, sendo justamente o contrário, pois, foi apenas através do BI que estudantes com menor renda familiar e maior faixa etária, puderam acessar um curso de alta demanda e tão seletivo como é o de Medicina.

Outro ponto que remete a qualidade da formação ministrada pelo BI é o resultado da análise do desempenho acadêmico por semestre. O desempenho entre os grupos ingressantes pelo BI e pelo vestibular, no primeiro semestre, em 2012, possui uma diferença estatisticamente não significativa, o que contraria muitos estudos que encontraram diferenças significantes nos primeiros semestres, principalmente em cursos de alta demanda e seletividade. Algumas pesquisas salientam que esse período, compreendido entre os dois primeiros semestres, é decisivo para que os estudantes troquem de curso ou simplesmente

---

<sup>53</sup> Cotista e não cotista – variável criada através do agrupamento das categorias de cota de ingresso no vestibular. Cotista – categorias A, B, C, D e F. Não cotistas – categoria E.

<sup>54</sup> Categorias definidas para o vestibular UFBA. Categorias A, B, C, D, E e F.

abandonem o curso ou a instituição. Um ponto que é citado por Bacarro (2014) e que merece ser destacado é que os estudantes com renda familiar menor, quando conseguem ingressar em uma universidade pública de grande reconhecimento, procuram se esforçar buscando um rendimento mais elevado.

Bacarro (2014) salienta ainda que, muitas vezes, a escolha da carreira pelas pessoas de menor poder aquisitivo geralmente não é por cursos de maior prestígio, como é o caso de Medicina. O BI trouxe uma mudança nessa realidade, proporcionando para esse grupo de renda familiar modesta a possibilidade de acesso a um dos cursos de maior prestígio e concorrência na história da UFBA.

Dessa forma, concluímos que, em relação aos perfis socioeconômicos, não existe diferença que justifique o eventual preconceito e discriminação relatados por estudantes oriundos do BI, que pode ser considerado como uma forma legítima de acesso ao curso de Medicina. No que diz respeito ao desempenho acadêmico, concluímos que todas as diferenças encontradas foram positivas para o grupo de ingressos pelo vestibular, o que não pode ser compreendido que o BI não seja de boa qualidade, mas sim que este se tornou mais uma porta de entrada dos estudantes menos favorecidos ao curso de Medicina, confirmando a importância da continuidade dos investimentos nas políticas públicas de acesso e permanência dos estudantes ao ensino superior.

Este estudo limitou-se à análise de variáveis referentes ao perfil socioeconômico do estudante do curso de medicina ingressante em 2012 sem levar em consideração mudanças ocorridas durante o andamento do curso, o que poderia impactar na análise do desempenho acadêmico. Desta forma, recomendamos a inclusão de variáveis referentes ao corpo docente e à instituição, como metodologia de ensino, dedicação dos docentes, estrutura física da universidade, apoio pedagógico, dentre outras.

Outra sugestão de continuidade é concluir a análise dos semestres faltantes para a conclusão do curso por estes estudantes em estudo, obtendo, assim, um perfil socioeconômico e de desempenho de todo o curso dos ingressantes em 2012.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA FILHO, Naomar de et al. **Ações afirmativas na universidade pública: o caso da UFBA**. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais, 2005.
- ALMEIDA FILHO, N. de. **Universidade nova: textos críticos e esperançosos**. Salvador: EDUFBA, 2007.
- ALMEIDA FILHO, N. et al. **Memorial da Universidade Nova UFBA 2002**. Salvador, Bahia. 2010. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/50945357/Memorial-da-Universidade-Nova-2002-2010>>. Acesso em: 04 set. 2019.
- ALMEIDA FILHO, N.; COUTINHO, D. M. B. **Nova arquitetura curricular na universidade brasileira**. *Ciência e Cultura*, v. 63, n. 01, p. 04-05, 2011.
- ALMEIDA, F.M.S.; CASSUSE, F.C.C.; CIRINO, J.F. **Desempenho Acadêmico na Universidade Federal de Viçosa**. *Revista de Ciências Humanas*, v. 16, n. 1, p. 155-175, 2016. Disponível em: <<https://www.locus.ufv.br/bitstream/handle/123456789/12970/artigo2evol16-1.pdf>>. Acesso em: 11 set. 2019.
- AMARAL, J. L. **Duzentos Anos de Ensino Médico no Brasil**. 213f. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva) – Instituto de Medicina social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: <[http://www.portalmedico.org.br/arquivos/duzentos\\_anos\\_de\\_ensino\\_medico\\_no\\_brasil.pdf](http://www.portalmedico.org.br/arquivos/duzentos_anos_de_ensino_medico_no_brasil.pdf)>. Acesso em: 5 ago. 2017.
- BACCARO, T.A. **A relação entre o desempenho no vestibular e o rendimento acadêmico no ensino superior: um estudo em uma universidade pública paulista**. 138 f. Dissertação (Doutorado em Administração de Organizações) - Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, 2014. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/96/96132/tde-18072014-115113/en.php>. Acesso em: 19 set. 2019.
- BARROS, R. P. D., et al. **Determinantes do desempenho educacional no Brasil**. 2001. Disponível em: <<http://ppe.ipea.gov.br/index.php/ppe/article/viewFile/159/94>>. Acesso em 11 set. 2019.
- BERTOLLETI, V. A.; AZEVEDO, M. L. N. de. **Anísio Teixeira e a Construção da Universidade Brasileira**. Seminário de Pesquisa do PPE. Maringá. 2010. Disponível em: <[http://www.ppe.uem.br/publicacoes/seminario\\_ppe\\_2009\\_2010/pdf/2010/005.pdf](http://www.ppe.uem.br/publicacoes/seminario_ppe_2009_2010/pdf/2010/005.pdf)>. Acesso em 15 de março de 2019.
- BOAVENTURA, E.M. **A construção da universidade baiana: objetivos, missões e afrodescendência**. Salvador: EDUFBA, 2009. 272 p.
- BRAGA, M.M.; PEIXOTO, M. do C. de L. **Censo socioeconômico e étnico dos estudantes de graduação da UFMG**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2006.

BRAGA, M.M., PEIXOTO, M. C. L., BOGUTCHI, T. F. A Demanda por Vagas no Ensino Superior: Análise dos Vestibulares da UFMG na Década de 90. **23ª Reunião Anual da ANPED**. Minas Gerais. 2000. Disponível em: <<http://23reuniao.anped.org.br/textos/1110T.PDF>>. Acesso em: 15 set de 2019.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Fernando Haddad. **Portaria nº 147, de 2 de fevereiro de 2007**. [S. l.], 2007.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Universidades federais criam 15 mil novas vagas no primeiro ano do programa**. 2009. Disponível em: <<http://reuni.mec.gov.br/noticias/36-outras-noticias/49-universidades-federais-criam-15-mil-novas-vagas-no-primeiro-ano-do-programa>>. Acesso em: 30 mar. 2018.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Sistema e-MEC**. 2019. Disponível em: <<http://emec.mec.gov.br/emec/consulta-cadastro/detalhamento/d96957f455f6405d14c6542552b0f6eb/NTc4>>. Acesso em: 18 set. 2019.

BRENES, A.C. História da parturição no Brasil, século XIX. **Cad. Saúde Pública**, v. 7, n. 2, p. 135-149, Jun 1991. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-311X1991000200002&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X1991000200002&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 15 abr de 2019.

BRITO, A.C.N. **História da Medicina. 195 Anos de Ensino Médico na Bahia**. 2003. Disponível em: <[http://www.fameb.ufba.br/historia\\_med/hist\\_med\\_art11.htm](http://www.fameb.ufba.br/historia_med/hist_med_art11.htm)>. Acesso em: 6 ago. 2017.

CARDOSO FILHO, F. de A. B. et al. Perfil do Estudante de Medicina da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), 2013. **Rev. bras. educ. med.**, v. 39, n. 1, p. 32-40, 2015. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-55022015000100032&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-55022015000100032&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 18 nov. 2018.

CARVALHO, M.M. de, CERQUEIRA, G. dos S. Análise do desempenho acadêmico dos cotistas dos cursos de medicina e direito no Brasil. In: Democratização da Educação Superior no Brasil: Novas dinâmicas, dilemas e aprendizados. Grupo Estratégico de análise da Educação superior no Brasil. **Cadernos do GEA**, n.7, p. 59-63, jan./jun. 2015. Disponível em: <[http://flacso.org.br/files/2016/06/caderno\\_gea\\_n7\\_digitalfinal.pdf#page=61](http://flacso.org.br/files/2016/06/caderno_gea_n7_digitalfinal.pdf#page=61)>. Acesso em: 19 set 2019.

CAVALCANTE, C. **A responsabilidade civil dos hospitais privados**. 283p. Dissertação (Mestrado) – Direito, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo. 2007. Disponível em: <<http://dominiopublico.mec.gov.br/download/teste/arqs/cp041128.pdf>>. Acesso em 03 jan. 2018.

CHALHOUB, Sidney. A Meritocracia é um mito que alimenta as desigualdades. [Entrevista concedida a] Manoel Alves Filho. **Jornal da Unicamp**, São Paulo, jun, 2017. Disponível em: <https://www.unicamp.br/unicamp/ju/noticias/2017/06/07/meritocracia-e-um-mito-que-alimenta-desigualdades-diz-sidney-chalhoub>. Acesso em: 10 set 2019.

COELHO, S.; VASCONCELLOS, M. C. C. **A criação das instituições de ensino superior no Brasil: o desafio tardio na América Latina**. INPEAU - Instituto de Pesquisas e Estudos em Administração Universitária/UFSC. 2009.



CUNHA, L. A. **A universidade reformada: o golpe de 1964 e a modernização do ensino superior**. 2. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2007.

CUNHA, C.S. et al. A Importância da Chegada da Família Real Portuguesa para o Ensino Médico e a Medicina Brasileira. **Revista Praxis**, v. 1, nº 1, p. 11-14. 2009. Disponível em: <<http://revistas.unifoa.edu.br/index.php/praxis/article/view/537/501>>. Acesso em: 6 ago. 2017.

DA SILVA, M. J. M.; DOS SANTOS, A. A. A. **A avaliação da compreensão em leitura e o desempenho acadêmico de universitários**. 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pe/v9n3/v9n3a13>>. Acesso em 11 set. 2019.

DAFLON, V.T.; FERES JUNIOR, J.; CAMPOS, L.A. Ações afirmativas raciais no ensino superior público brasileiro: um panorama analítico. **Cad. Pesqui.**, v. 43, n. 148, p. 302-327, 2013. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-15742013000100015&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742013000100015&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 26 Set. 2019.

DANCEY, Christine; REIDY, John. **Estatística sem matemática para Psicologia: usando SPSS para Windows**. Tradução Lori Viali. Porto Alegre: Artmed. 2006.

FÁVERO, M.L.A. A universidade no Brasil: das origens à Reforma Universitária de 1968. **Educar em revista**, n. 28, p. 17-36, 2006. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-40602006000200003&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602006000200003&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 25 set. 2019.

FERRAZ, M.I.F.; JELIHOVSCHI, E.; SILVEIRA, F.B. Análise do desempenho acadêmico do primeiro ano de implantação do sistema de reserva de vagas na UESC. **Simpósio nacional de probabilidade estatística**. São Paulo: ABE, 2010. Disponível em: <<http://www2.ime.unicamp.br/sinape/sites/default/files/Resumo%20miff2.pdf>>. Acesso em 11 set. 2019.

FERREIRA, M. Determinantes do desempenho acadêmico no ensino superior. **Revista Internacional d'Humanitats**, São Paulo/Barcelona, [s.p.], jan./abr. 2009. Disponível em: <<http://www.hottopos.com/rih15/marcof.pdf>>. Acesso em 03 ago 2019.

FIOROTTI, K P; ROSSONI, R R; MIRANDA, A E. Perfil do estudante de Medicina da Universidade Federal do Espírito Santo, 2007. **Rev. bras. educ. med.** v.34, n.3, p.355-362, 2010. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0100-55022010000300004>>. Acesso em 11 jan. 2018.

FREITAS, A. A. da S. M. Acesso à universidade: os alunos do ensino superior privado. **Estudos em Avaliação Educacional**, v. 16, n. 31, p. 153-16, 2005. Disponível em: <<http://publicacoes.fcc.org.br/ojs/index.php/eae/article/download/2146/2103>>. Acesso em: 03 mar. 2018.

FUVEST. Fundação Universitária para o Vestibular. **Acervo Vestibular Fuvest**. 2019. Disponível em: <<https://acervo.fuvest.br/fuvest/>>. Acesso em 30 ago 2019.

GISI, M. L. A Educação Superior no Brasil e o Caráter de Desigualdade do Acesso e da Permanência. **Revista Diálogo Educacional**, [S.l.], v. 6, n. 17, p. 97-112, 2006. Disponível em: <<https://periodicos.pucpr.br/index.php/dialogoeducacional/article/view/6740/6638>>. Acesso em: 19 set. 2019.

INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Manual do ENADE**. Brasília – DF. 2014. Disponível em: <[http://download.inep.gov.br/educacao\\_superior/enade/manuais/manual\\_enade\\_2014.pdf](http://download.inep.gov.br/educacao_superior/enade/manuais/manual_enade_2014.pdf)>. Acesso em: 24 set. 2019.

\_\_\_\_\_. **Censo da Educação Superior 2016 - Notas Estatísticas**. Brasília – DF. 2016. Disponível em: [http://download.inep.gov.br/educacao\\_superior/censo\\_superior/documentos/2016/notas\\_sobre\\_o\\_censo\\_da\\_educacao\\_superior\\_2016.pdf](http://download.inep.gov.br/educacao_superior/censo_superior/documentos/2016/notas_sobre_o_censo_da_educacao_superior_2016.pdf)>. Acesso em: 30 mar. 2018.

\_\_\_\_\_. **Sinopse Estatística da Educação Superior: 2015 – Graduação**. Brasília, 2018. Disponível em: <<http://portal.inep.gov.br/web/guest/sinopses-estatisticas-da-educacao-superior>>. Acesso em: 15 out. 2019.

\_\_\_\_\_. **Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (Enade)**. Brasília – DF. 2019a. disponível em: <<http://inep.gov.br/enade>>. Acesso em: 24 set. 2019.

\_\_\_\_\_. **Sinopse Estatística da Educação Superior: 2018 – Graduação**. 2019b. Disponível em: <<http://portal.inep.gov.br/web/guest/sinopses-estatisticas-da-educacao-superior>>. Brasília, 2004. Acesso em: 15 out. 2019.

IPRI. Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais. **As 15 maiores economias do mundo**. 2017. Disponível em: <<http://www.funag.gov.br/ipri/index.php/o-ipri/47-estatisticas/94-as-15-maiores-economias-do-mundo-em-pib-e-pib-ppp>>. Acesso em: 01 out 2019.

LESME, A. **Confira a concorrência do Vestibular 2010 da UFRJ**. Brasil Escola. 2009. Disponível em: <https://vestibular.brasilecola.uol.com.br/noticias/ufrj-confira-concorrencia-vestibular-2010/38599.html>. Acesso em 30 ago 2019.

\_\_\_\_\_, A. **Confira a concorrência do Vestibular 2011 da UFRJ**. Brasil Escola. 2010. Disponível em: <https://vestibular.brasilecola.uol.com.br/noticias/confira-concorrencia-vestibular-2011-ufrj/312533.html>. Acesso em 30 ago 2019.

LESSA, C. M. R. Democracia e universidade pública: o desafio da inclusão social no Brasil. In: PEIXOTO, Maria do Carmo Lacerda. **Universidade e democracia: experiências e alternativas para a ampliação do acesso na universidade pública brasileira**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004. p. 33-44.

LIMA, M. et al. Bacharelados Interdisciplinares da Universidade Federal da Bahia: considerações sobre uma implantação do projeto. **Athenea Digital. Jornal de pensamento e pesquisa social**, [S. l.], v. 15, n. 3, p. 127-147, 2015. Disponível em: <<http://atheneadigital.net/article/view/v15-n3-lima-coutinho-freitas-et-al>>. Acesso em: 1 mar. 2018.

LOBO, F. B. Rita Lobato: a primeira médica formada no Brasil. **Revista de História**, v. 42, n. 86, p. 483-485, 1971. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/130701>>. Acesso em: 15 abr de 2019.

MAZONI, I.; CUSTÓDIO, L.; SAMPAIO, S. M. R. O Bacharelado Interdisciplinar da Universidade Federal da Bahia o que dizem os estudantes? In: SAMPAIO, S. M. R.. (org.) **Observatório da vida estudantil: primeiros estudos**. Salvador: EDUFBA, 2011, p. 228-248.

NOGUEIRA, C. M. M.; NOGUEIRA, M. A. A sociologia da educação de Pierre Bourdieu: limites e contribuições. **Educ. Soc.**, v. 23, n. 78, p. 15-35, 2002. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-73302002000200003&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302002000200003&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 06 mar. 2018.

PAIVANDI, S. A qualidade da aprendizagem dos estudantes e a pedagogia na universidade. In: **Observatório da vida estudantil: Estudos sobre a vida e cultura universitárias**. Salvador: EDUFBA, 2012, p. 31-59.

PAIVANDI, S. Que significa o desempenho acadêmico dos estudantes. In: **Observatório da vida estudantil. Avaliação e qualidade no ensino superior: formar como e para que mundo**, Salvador: EDUFBA, 2015, p. 23-60.

PEIXOTO, A. L. A. et al. Cotas e desempenho acadêmico na UFBA: um estudo a partir dos coeficientes de rendimento. **Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior**, v. 21, n. 2, p. 569-592, 2016. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-40772016000200569&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-40772016000200569&lng=pt&nrm=iso)>. Acessos em 20 set. 2019.

PIMENTEL, A. C. **Bacharelado interdisciplinar em saúde: um novo modelo de formação acadêmica ou uma via de acesso ao curso de Medicina?** 81p. Dissertação (Mestrado em Estudos Interdisciplinares Sobre a Universidade) - Instituto de Humanidades, Artes e Ciências, Universidade Federal da Bahia, 2017. Disponível em: <[https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/24633/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o\\_Alessandra\\_Pimentel.pdf](https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/24633/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o_Alessandra_Pimentel.pdf)>. Acesso em 03 mar. 2018.

PIRES, A. et al. A evolução do sistema de avaliação do ensino superior brasileiro e a influência do pensamento neoliberal. **3º Simpósio Avaliação da Educação Superior**. Florianópolis. 2017.

QUEIROZ, D. M. Desigualdade no Ensino Superior: Cor Status e Desempenho. **26ª Reunião Anual da ANPEd**. Minas Gerais. Out, 2003. Disponível em: <<http://www.26reuniao.anped.org.br/trabalhos/delcelemascarenhasqueiroz.pdf>>. Acesso em: 15 set de 2019.

QUEIROZ, D. M. Desigualdade no Ensino Superior: Cor Status e Desempenho. Ações afirmativas na universidade brasileira e acesso de mulheres negras. **Revista Ártemis**, v. 8, jun 2008, p. 132-145. Disponível em: <<http://26reuniao.anped.org.br/trabalhos/delcelemascarenhasqueiroz.pdf>>. Acesso em: 15 set de 2019.

RAPHAEL, J; COELHO, M.T; FERNNADES, S. A prática docente na atualidade: a experiência do Bacharelado Interdisciplinar em Saúde da UFBA, In.: **VI Colóquio Internacional “Educação e Contemporaneidade**. São Cristovão, 2012.

RANGEL, Jéssica Ribeiro; MIRANDA, Gilberto José. Desempenho Acadêmico e o Uso de Redes Sociais. **Sociedade, Contabilidade e Gestão**, v. 11, n. 2, 2016.

RISTOFF, D. Perfil socioeconômico do estudante de graduação. Uma análise de dois ciclos completos de ENADE (2004 a 2009). **Cadernos do GEA**, n.4, jul./dez. 2013.

RISTOFF, D. O novo perfil do campus brasileiro: uma análise do perfil socioeconômico do estudante de graduação. **Avaliação**, v. 19, n. 3, p. 723-747. 2014. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/html/2191/219132213010/>>. Acesso em: 03 Jan. 2018.

ROCHA, A.L. da P.; LELES, C.R.; QUEIROZ, M.G. Fatores associados ao desempenho acadêmico de estudantes de Nutrição no Enade. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v. 99, n. 251, 2018. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_abstract&pid=S2176-66812018000100074&lng=en&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S2176-66812018000100074&lng=en&nrm=iso&tlng=pt)>. Acesso em 10 ago 2019.

SÁ, M.A.S. **A dupla porta de entrada na Faculdade de Medicina da Bahia: Percepção dos estudantes matriculados no período de 2012.1 a 2014.1**. 91 f. Monografia (Conclusão do Componente Curricular MEDB60/2015.2 do curso de Medicina) – Faculdade de Medicina, Universidade Federal da Bahia, 2016. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/21087>>. Acesso em: 19 fev. 2018.

SAMPAIO, S.M., COELHO, M. T. D. (Orgs.) **Perfil e Trajetórias Acadêmicas de Ingressos e Egressos dos Bacharelados Interdisciplinares da Universidade Federal da Bahia**. Salvador: EDUFBA, 2019. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/29765>>. Acesso em 28 jul. 2019.

SANTIAGO, H.Z. **Análise da Média de Coeficientes Acadêmicos de Discentes Cotistas e Não Cotistas na Universidade Federal de Ouro Preto entre o Primeiro Semestre de 2011 e Segundo Semestre de 2014**. 34 f. Monografia (Conclusão do Curso de Ciências Econômicas) - Instituto de Ciências Sociais e Aplicadas, Universidade Federal de Ouro Preto, Minas Gerais, 2016. Disponível em: <[https://www.monografias.ufop.br/bitstream/35400000/346/1/MONOGRAFIA\\_An%c3%a1liseM%c3%a9diaCoeficientes.pdf](https://www.monografias.ufop.br/bitstream/35400000/346/1/MONOGRAFIA_An%c3%a1liseM%c3%a9diaCoeficientes.pdf)>. Acesso em: 10 set. 2019.

SANTOS B. S., ALMEIDA FILHO N. **A Universidade no século XXI: para uma Universidade nova**. Coimbra, Portugal. 2008.

SANTOS, D. B. R. **Para além das cotas: a permanência de estudantes negros no ensino superior como política de ação afirmativa**. 214f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, 2009. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/11778>>. Acesso em 10 nov 2018.

SANTOS, J.L, et al. Cotas e desempenho na Universidade Federal da Bahia: uma análise dos ingressantes de 2010 a 2012. **X Encontro de Economia Baiana**. 2014. Disponível em: <[http://www.equidade.faced.ufba.br/sites/equidade.oe.faced.ufba.br/files/cotas\\_e\\_desempenho\\_na\\_universidade\\_federal\\_da\\_bahia.pdf](http://www.equidade.faced.ufba.br/sites/equidade.oe.faced.ufba.br/files/cotas_e_desempenho_na_universidade_federal_da_bahia.pdf)>. Acesso em 11 set. 2019.

SILVA, C. F. da; SOUSA JUNIOR, A. S. de. Pobreza e desigualdade no Brasil: uma análise da contradição capitalista. In: CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA, 7. 2012. Porto. **Anais...** Porto, Portugal: Universidade do Porto, 2012. Disponível em: <[http://www.aps.pt/vii\\_congresso/papers/finais/PAP0692\\_ed.pdf](http://www.aps.pt/vii_congresso/papers/finais/PAP0692_ed.pdf)>. Acesso em: 03 jun. 2019.

SOUTO-MAIOR, C.D. et al. Análise de fatores que afetam o desempenho de alunos de graduação em administração e contabilidade na disciplina de pesquisa operacional. **Encontro Da Associação Nacional Dos Programas De Pós-Graduação Em Administração**, v. 35, 2011.

TELLES, Edward E. **O significado da raça na sociedade brasileira**. Tradução para o português de Race in Another America: The Significance of Skin Color in Brazil. Princeton e Oxford: Princeton University Press, 2004. Disponível em <<https://pt.slideshare.net/KARLLAUNA/livro-osignificadodaracanasociedadebrasileira.pdf>> Acesso em: 29 set. 2019.

TERRA. **UFRJ divulga lista de aprovados do vestibular 2009**. 26 jan 2009. Disponível em: <<http://noticias.terra.com.br/educacao/interna/0,,OI3472916-EI8266,00-UFRJ+divulga+lista+de+aprovados+do+vestibular.html>>. Acesso em 30 ago 2019.

TIRYAKI, G.F. **Determinantes do desempenho acadêmico e estimativa da fronteira de eficiência educacional da UFBA**. 2014. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/15726/3/Relat%C3%B3rio%20PROUFBA%20Encomenda%20Economia.pdf>>. Acesso em: 19 de set de 2019.

UFBA- UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. **Resolução 02/2008** – Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão da Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2008. Disponível em <[https://www.ufba.br/sites/portal.ufba.br/files/resol\\_0208\\_1.pdf](https://www.ufba.br/sites/portal.ufba.br/files/resol_0208_1.pdf)>. Acesso em 11 abril 2018.

\_\_\_\_\_. Serviço de Seleção, Orientação e Avaliação. **Manual do candidato: vestibular 2009**. Salvador, 2008.

\_\_\_\_\_. Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos (IHAC). **Projeto Político Pedagógico do Bacharelado Interdisciplinar em Saúde**. 2010a. Disponível em: <<http://www.ihac.ufba.br/course/bacharelado-interdisciplinar-em-saude/>>. Acesso em 01 out 2019.

\_\_\_\_\_. **Regimento Geral da UFBA**, Salvador, 2010b. Disponível em: <[ufba.br/legislacao](http://ufba.br/legislacao)>. Acesso em 12 set. 2019.

\_\_\_\_\_. **Manual do candidato: vestibular 2012**. Salvador, 2011a.

\_\_\_\_\_. **Questionário socioeconômico cultural**. Anexo Complementar I. 2011b.

\_\_\_\_\_. **Resolução 06/2011** – Conselho Acadêmico de Ensino da Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011c. Disponível em: <<https://www.ufba.br/conteudo/resolu%C3%A7%C3%A3o-n%C2%BA-06-de-30-de-novembro-de-2011>>. Acesso em 12 set. 2019.

\_\_\_\_\_. **Guia do Calouro** – Departamento de Ciência da Computação da Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017a. Disponível em: <<https://bcc-ufba.github.io/files/manual-do-aluno.pdf>>. Acesso em 12 set. 2019.

\_\_\_\_\_. **Resolução 02/2017** – Conselho Acadêmico de Ensino da Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017b. Disponível em: <[https://ufba.br/sites/portal.ufba.br/files/REGPG\\_Revisado\\_Resolucao\\_03\\_2017.pdf](https://ufba.br/sites/portal.ufba.br/files/REGPG_Revisado_Resolucao_03_2017.pdf)>. Acesso em 12 set. 2019.

UFMG. **Comissão Permanente do Vestibular - Concursos Anteriores**. 2019. Minas Gerais. Disponível em: <[https://www.ufmg.br/copeve/site\\_novo/?pagina=8](https://www.ufmg.br/copeve/site_novo/?pagina=8)>. Acesso em: 30 ago 2019.

UFRGS. **Concurso Vestibular 2009**. 2008. Rio Grande do Sul. Disponível em: <[https://www.ufrgs.br/vestibular/cv2013/DENSIDADE\\_2009.HTM](https://www.ufrgs.br/vestibular/cv2013/DENSIDADE_2009.HTM)>. Acesso em: 30 ago 2019.

\_\_\_\_\_. **Concurso Vestibular 2010**. 2009. Rio Grande do Sul. Disponível em: <[https://www.ufrgs.br/vestibular/cv2013/DENSIDADE\\_2010.HTM](https://www.ufrgs.br/vestibular/cv2013/DENSIDADE_2010.HTM)>. Acesso em: 30 ago 2019.

\_\_\_\_\_. **Concurso Vestibular 2011**. 2010. Rio Grande do Sul. Disponível em: <[https://www.ufrgs.br/vestibular/cv2013/DENSIDADE\\_2011.HTM](https://www.ufrgs.br/vestibular/cv2013/DENSIDADE_2011.HTM)>. Acesso em: 30 ago 2019.

\_\_\_\_\_. **Concurso Vestibular 2012**. 2011. Rio Grande do Sul. Disponível em: <[https://www.ufrgs.br/vestibular/cv2013/DENSIDADE\\_2012.HTM](https://www.ufrgs.br/vestibular/cv2013/DENSIDADE_2012.HTM)>. Acesso em: 30 ago 2019.

\_\_\_\_\_. **Concurso Vestibular 2013**. 2012. Rio Grande do Sul. Disponível em: <[https://www.ufrgs.br/vestibular/cv2013/DENSIDADE\\_2013.HTM](https://www.ufrgs.br/vestibular/cv2013/DENSIDADE_2013.HTM)>. Acesso em: 30 ago 2019.

UnB – Universidade de Brasília. DATAUnB, Centro de Pesquisas e Opinião Pública da Universidade de Brasília. **Avaliação da intermediação de mão-de-obra – empregadores**. Brasília: UnB, 2009. Relatório de pesquisa.

UNICAMP. **Comissão Permanente para os Vestibulares** – Anuários Vestibular Unicamp. 2019. São Paulo. Disponível em: <<http://www.comvest.unicamp.br/estatisticas-comvest/estatisticas-sociais/publicacoes/anuarios-vestibular-unicamp/>>. Acesso em 30 ago 2019.

VARGAS, H.M. Sem Perder a Majestade: “Profissões Imperiais” no Brasil. **Estudos de Sociologia**, v.15, n.28, p.107-124, 2010.

VERAS, R. M.; LEMOS, D. V. da S.; MACEDO, B.T.F. A trajetória da criação dos Bacharelados Interdisciplinares na Universidade Federal da Bahia. **Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior**, v. 20, n. 3, p. 621-641, 2015. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-40772015000300621&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-40772015000300621&script=sci_abstract&tlng=pt)>. Acesso em: 10 de Abril. 2019.

VILELA JUNIOR, G.B. Centro de Pesquisas Avançadas em Qualidade de Vida. **Material Didático**. 2012. Campinas, São Paulo.

WALTENBERG, F. D. & CARVALHO, M. M. Cotas aumentam a diversidade dos estudantes sem comprometer o desempenho? **Sinais Sociais**, n. 20, v.7, 2012. Disponível em: <[http://www.ie.ufjf.br/images/grupo\\_cede/publica%C3%A7%C3%B5es/site\\_antigo/tds/td73\\_9438c.pdf](http://www.ie.ufjf.br/images/grupo_cede/publica%C3%A7%C3%B5es/site_antigo/tds/td73_9438c.pdf)>. Acesso em: 19 set 2019.

ZANDONÁ, N. da L. F. **O espaço do contrapoder: o acesso à universidade pública e o perfil socioeconômico educacional dos candidatos ao vestibular da UFPR**. 368p. Tese - (Doutorado) Faculdade de Educação, Universidade Federal do Paraná, 2005. Disponível em: <<https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/2398/Tese?sequence=1>>. Acesso em: 11 jan. 2018.